

MICHELLE CRISTINA FERREIRA

**IDOSOS INTERNAUTAS: A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA
QUALIDADE DE VIDA E RELACIONAMENTOS FAMILIARES E SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

Ficha catalográfica preparada pela **Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

F383i
2017
Ferreira, Michelle Cristina, 1989-
Idosos internautas : a influência das redes sociais virtuais na
qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais /
Michelle Cristina Ferreira. – Viçosa, MG, 2017.
xv, 113f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndice.

Orientador: Karla Maria Damiano Teixeira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.91-108.

1. Idosos. 2. Redes sociais on-line. 3. Qualidade de vida.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Mestrado em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22 ed. 305.26

MICHELLE CRISTINA FERREIRA

**IDOSOS INTERNAUTAS: A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS
NA QUALIDADE DE VIDA E RELACIONAMENTOS FAMILIARES E
SOCIAIS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de junho de 2017.



Neuza Maria da Silva



Ingrid Gomes Dias da Costa



Karla Maria Damiano Teixeira
(Orientadora)

“A beleza dos jovens está na sua força; a glória dos idosos, nos seus cabelos
brancos”. (Provérbios 20:29)

Aos meus pais.
Os maiores mestres!

AGRADECIMENTOS

Como eu sonhei com este momento e desejei este mestrado! Diante de tanta alegria inundando meu coração, preciso, mesmo que singelamente, publicitar meus agradecimentos a todos que me ajudaram nesta caminhada:

À Deus, pelo dom da vida e por me mostrar que seus planos em minha vida são bem maiores do que eu possa imaginar. Obrigada por me honrar! Também agradeço a minha Mãezinha do Céu, ao meu amigo São José e a todos os meus santinhos intercessores. Vocês são demais!

Aos meus pais, Orleu e Lúcia, minha fonte de inspiração, amor e luta. Os meus maiores Mestres. Agradeço imensamente pelos apoios emocional e financeiro, pelo carinho e por me amarem incondicionalmente. Obrigada por me incentivarem a voar! Amo vocês.

Aos meus irmãos, Diogo e Ana Letícia, pelo carinho, pelas orações, pelo incentivo, pela compreensão e pelo amor. Obrigada por toda nossa cumplicidade e pelas palavras sempre cheias de Deus! Vocês são os melhores irmãos que alguém poderia ter.

Ao Lucas. Obrigada por me incentivar todos os dias na busca e concretização deste sonho. Na oportunidade, também agradeço toda a sua família, em especial à Luzia, por todas as orações, carinho e afeto.

À Viçosa e aos amigos que ela me deu. Agradeço aos colegas do mestrado, em especial aos meus presentes Yara e Sharinna. Obrigada por todos os momentos juntas, pelos momentos de desespero, estudos, conversas, cafés e risadas.

À minha família de Viçosa, Mari e Carol, obrigada por dividirem comigo um pouco da vida de vocês, com vocês aprendi sobre respeito ao próximo e admiração.

Aos meus demais familiares, padrinhos e madrinhas e todos os meus amigos de São Gotardo. Obrigada por todo carinho e pelos momentos de descontração.

À professora Karla Damiano: por ter sido minha orientadora, pelas muitas contribuições e ensinamentos, pelas propostas de estudos e atenção. Obrigada por toda sua paciência e por acreditar na minha capacidade.

Ao Gilberto e à Karine, casal que tanto gosto e admiro. Gilberto, se hoje concretizo essa etapa, foi porque um dia você me apresentou a pesquisa, me mostrou o belo do *Marketing* e me ajudou nos meus primeiros passos. Você é mais que um professor, você é um inspirador de sonhos!

Aos professores que tive na UFV – Campus Rio Paranaíba –, em especial à Michele Morais, a qual se tornou mais que uma professora, mas também uma grande amiga e incentivadora. Acreditou em mim quando eu mesma não acreditava, me mostrou um dom que eu mesma não sabia que tinha, me pegou pela mão e me fez sonhar. Aos professores Patrícia e Leonardo Deboça, como sou grata por todos os ensinamentos, por toda aprendizagem e por confiarem em mim. À Raquel, que me acolheu no Negest, e a tantos outros.

Aos professores do Mestrado – cada um, em sua maneira, me fez crescer e me tornar uma pessoa melhor. Cada ensinamento me fez um ser humano melhor.

À Aloísia, por sempre ser tão prestativa em todos os momentos que a procurei.

Aos idosos participantes desta pesquisa, pela contribuição e participação.

À UFV, que há 9 anos me acolheu.

À Fapemig, pelo apoio financeiro.

A todos, meu eterno agradecimento e que Deus os abençoe. Até a próxima!

BIOGRAFIA

MICHELLE CRISTINA FERREIRA, filha de Orleu José Geraldo e Maria Lúcia Ferreira, nasceu no dia nove de agosto de 1989, na cidade de São Gotardo, em Minas Gerais (MG). Graduou-se em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) – *Campus* de Rio Paranaíba, Minas Gerais, em 2013. Neste mesmo ano, iniciou o curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão de Pessoas e Finanças pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo, concluindo-o em 2015. Atuou entre 2008 e 2013 como assistente administrativo financeira em uma organização do setor de *agribusiness*, na região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Durante o período de 2014 a 2016, foi professora substituta da Universidade Federal de Viçosa, *campus* de Rio Paranaíba, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Neste mesmo período, foi também pesquisadora do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Gestão e Trabalho. Em 2016, ingressou no Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – UFV –, tendo como linha de pesquisa o tema: Trabalho, Consumo e Cultura. Na oportunidade, foi membro do grupo de pesquisa de tema: Famílias, Gênero e Políticas e, nesta data, dá como concluída mais uma etapa de sua formação profissional.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xi
RESUMO	xii
ABSTRACT	xiv
1. INTRODUÇÃO	1
2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	3
3. OBJETIVOS	5
3.1 Objetivo geral.....	5
3.2 Objetivos específicos.....	5
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	5
4.1 Envelhecimento populacional e qualidade de vida	6
4.2 Idosos e suas relações familiares e sociais	9
4.3 Redes sociais virtuais e idosos	14
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
5.1 Tipo de pesquisa e métodos.....	19
5.2 Local de estudo.....	19
5.3 População e amostra.....	20
5.4 Procedimentos e técnicas de coleta de dados	21
5.5 Análise e interpretação dos dados	22
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
6.1 Perfil sociodemográfico dos Idosos participantes	25
6.2 O envelhecer pelo olhar dos participantes.....	30
6.2.1 “Velhos são os outros e não eu”	30
6.2.2 As mudanças a partir do envelhecimento.....	37
6.2.3 O processo de aprendizagem no envelhecimento.....	42
6.2.4 Redes de apoio: relações familiares e sociais.....	48
6.3 Redes sociais virtuais: motivações, desafios e possibilidades.....	55
6.3.1 Redes sociais virtuais: uso, benefícios e dificuldades	56
6.3.2 Fatores motivadores da utilização de redes sociais virtuais pelos participantes	63
6.4 Redes sociais virtuais: relações familiares e sociais	72
6.4.1 Redes sociais virtuais e relações familiares.....	73
6.4.2 Redes sociais virtuais e relações sociais.....	80
6.5 Redes sociais virtuais: envelhecimento e qualidade de vida	84

7. CONCLUSÕES.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – UFV	109
APÊNDICE A – TCLE.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Categorias e subcategorias da análise dos resultados da pesquisa	23
Quadro 02 – Resumo dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Perfil sociodemográfico dos participantes, São Gotardo/MG, 2017	27
Tabela 02 – Principais RSV utilizadas pelos participantes, São Gotardo/MG, 2017	56
Tabela 03 – Fatores motivadores da utilização RSV dos participantes, São Gotardo/MG, 2017	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFV/CRP – Universidade Federal de Viçosa, *campus* de Rio Paranaíba

RSV – Redes Sociais Virtuais

ONU – Organizações das Nações Unidas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

PNAD – Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios

ANATEL – Agência Nacional de Telecomunicações

CETIC – Comitê Gestor de Internet no Brasil

SESC – Serviço Social do Comércio

ABIHPECI – Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos

RESUMO

FERREIRA, Michelle Cristina, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2017. **Idosos Internautas: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nos relacionamentos familiares e sociais.** Orientadora: Karla Maria Damiano Teixeira.

A sociedade vivencia o crescimento da população idosa e o acesso a novas tecnologias de comunicação, as quais influenciam as relações intergeracionais de todas as pessoas, incluindo dos idosos. Frente às mudanças na estrutura populacional, somada às alterações tecnológicas advindas do crescimento na utilização destas novas tecnologias, em especial às Redes Sociais Virtuais (RSV) no dia a dia das pessoas, faz-se necessário uma melhor compreensão sobre o uso destas redes por idosos. Para realizar tal análise, é de grande relevância que se aprofundem estudos sobre as influências sofridas por esse público no uso das RSV e sobre os impactos que isso pode gerar nestas pessoas e naquelas com as quais elas convivem, principalmente no que tange aos relacionamentos familiares e sociais. Tendo como base essas premissas, esta pesquisa identificou e analisou a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de 21 idosos usuários de redes sociais virtuais, residentes no município de São Gotardo, Minas Gerais. Trata-se de um estudo exploratório descritivo, com abordagem quanti-qualitativa. O instrumento adotado para coleta de dados se valeu de entrevista fundamentada em um roteiro semiestruturado composto de questões objetivas e subjetivas. Os dados referentes às questões objetivas foram analisados por meio de estatística descritiva, enquanto os referentes às questões subjetivas foram tratados por meio de análise de conteúdo. As Redes Sociais Virtuais são vistas pelos idosos como um mecanismo para serem reconhecidos, valorizados e queridos pelos familiares. O sentimento de saudade da família e a nostalgia de momentos que poderiam ter vivido com os familiares em outros momentos revelam a necessidade que os idosos possuem de se sentirem próximos dos familiares e acompanharem suas rotinas, mesmo que virtualmente. Entre as relações sociais mantidas por meio das RSV, verifica-se que o uso das RSV está pautado na possibilidade de se ter ou não a presença física. Os idosos não utilizam as RSV com aquelas pessoas com as quais convivem, como com os colegas de trabalho. Observou-se que os participantes buscam vivenciar um processo de envelhecimento mais saudável, harmônico e com qualidade. Possuem anseio em continuar aprendendo e participar ativamente da sociedade. Procuram novas formas de comunicação e socialização e de se manterem inseridos no contexto social e familiar. As RSV contribuem para que os idosos desfrutem de um processo de envelhecimento com qualidade de vida. Os benefícios são visíveis para a vida dos

idosos e eles percebem que as RSV proporcionam a eles novas experiências e contribuem para que sejam pessoas mais felizes. Os resultados sugerem que o uso das redes sociais virtuais em seu dia a dia possibilita aos idosos uma maior interação social, além de outros benefícios mencionados no decorrer do desenvolvimento deste estudo. Contribuem, também, para que os idosos percebam que o envelhecimento não precisa ser tratado como algo totalmente negativo e, sim, pode ser vivenciado buscando novas formas de socialização e interação na sociedade.

ABSTRACT

FERREIRA, Michelle Cristina, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2017. **Elderly Internauts: the virtual social networks' influence on life's quality and on family and social relationships.** Advisor: Karla Maria Damiano Teixeira.

The society experiences the elderly populations's growth and the access to new communication technologies, which influences the intergenerational relations of all people, including the elderly. Based on the changes in population's structure and on the technological changes resulted from the growth of the use of these new technologies, especially the Virtual Social Networks (RSV) in people's daily lives, it is necessary to have a better understanding about the use of these networks by the elderly. In order to carry out this analysis, it is extremely important that the studies on the influences suffered by this public in their use of RSV and the impacts that this can result in these people and in those with whom they live, especially in relation to family and social rights, be carefully examined. Based on these premises, this research identified and examined the influence of virtual social networks on the life's quality and on the family and social relations of 21 elderly users of virtual social networks, residents in the municipality of São Gotardo, state of Minas Gerais. It is an exploratory descriptive study, with quantitative-qualitative approach. The instrument adopted for data collection was based on an interview grounded on a semi-structured script composed of objective and subjective questions. The data referring to the objective questions were analyzed by means of descriptive statistics, while those, referring to the subjective questions, were treated through content analysis. The Virtual Social Networks are seen by the elderly as a mechanism to be recognized, valued and loved by their relatives. The feeling of family longing and the nostalgia for moments that might have lived with relatives at other times, reveal the need for the elderly to feel close to family members and to follow their routines, even if virtually. Among the social relations maintained through RSV, it is verified that the use of them is based on the possibility of having or not the physical presence. The elderly do not use the RSV with those people they coexist with, as with their co-workers. It was observed that the participants seek to experience a healthier, more harmonious and quality aging process. They yearn to continue learning and actively participate in society. They seek new forms of communication and socialization and keep the social and family context. RSV contributes to the elderly to enjoy an aging process with quality of life. The benefits are visible to the lives of the elderly and they realize that RSV provide them with new experiences and make them happier. The results suggest that through the use of virtual social

networks in their day-to-day life, it enables the elderly to have a greater social interaction, as well as other benefits that have been harmed during the development of this study. They also contribute for the elderly to realize that aging does not need to be treated with contempt, but rather it can be experienced by seeking new forms of socialization and interaction in society.

1. INTRODUÇÃO

A proposta para este trabalho surgiu da experiência vivenciada durante a realização do trabalho de conclusão de curso, enquanto graduanda do curso de Administração da Universidade Federal de Viçosa – Campus de Rio Paranaíba (UFV/CRP). Trabalhando com a temática de Tecnologia e Inovação relacionada aos gestores de pequenas e médias empresas do município de São Gotardo, do estado de Minas Gerais, nasceu a oportunidade de estudar a propensão ao uso da tecnologia por pessoas com idade superior a 60 anos. Dentre os resultados alcançados na realização do referido trabalho, observou-se que, apesar de se considerarem inseguros em utilizar a tecnologia, os idosos¹ se sentiam otimistas quanto aos benefícios da mesma para suas organizações, diferentemente dos gestores com idade entre 18 a 35 anos que, apesar de se declararem mais seguros em relação ao uso da tecnologia, não conseguiam indicar os benefícios de seu uso.

Os resultados encontrados indicaram a necessidade da realização de estudos mais aprofundados sobre a temática, principalmente para se responder as seguintes questões: qual é a percepção do idoso sobre a influência da tecnologia da informação em sua qualidade de vida? No que se refere às tecnologias de comunicação, como os idosos utilizam as redes sociais virtuais e qual seu impacto em suas relações familiares e sociais?

O mundo vivencia um processo de envelhecimento, uma vez que o grupo de indivíduos com mais de sessenta anos é o que mais cresce em termos proporcionais, enquanto a população jovem se encontra em processo de desaceleração. Estima-se que em 2050, o total de pessoas idosas em todo o mundo será em torno de dois bilhões, representando um aumento de 350% em relação ao ano de 2000 (ONU, 2002). No Brasil, este grupo representará aproximadamente sessenta milhões de indivíduos, cerca de quatro vezes mais do que no ano de 2013 (14,7 milhões) (IBGE, 2015).

Desde a última década do século XX, ocorreu uma elevação de aproximadamente onze anos na expectativa de vida do brasileiro, e a participação dos idosos na população passou de 2,7% para 7,4%. Aliado a isso, houve um aumento na esperança de vida ao nascer do brasileiro, que em 2014 era 71 anos de vida para os homens e 78,3 anos de vida para as mulheres (IBGE, 2010).

¹ Considera-se para este estudo a classificação de idoso do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003) – indivíduos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Em paralelo ao processo de envelhecimento da população, encontra-se o crescimento das inovações tecnológicas e, em especial, das tecnologias de comunicação e informação (TICs), influenciando a sociedade e o modo de vida das pessoas (AZEVEDO; CÔRTE, 2009). Dentre as TICs, têm-se os sites de redes sociais virtuais (RSV), disponibilizados por meio da Internet, que são ferramentas com o objetivo de estímulo à comunicação, permitindo a interação e conexão entre pessoas, a construção de redes sociais e o estabelecimento de suporte social com a finalidade de difundir informações de vários conteúdos (CARVALHO, 2009).

Por meio das RSV são introduzidas novas formas de comunicação, atraindo diferentes públicos, inclusive os idosos. O percentual de usuários idosos destas redes é o que mais cresce mundialmente. Nos Estados Unidos, 45% da população idosa utiliza uma RSV; na Itália este percentual corresponde a 32%, e, na África do Sul, a população idosa representa 24% dos usuários de RSV (PEW RESEARCH CENTER, 2010).

Quando analisados os dados brasileiros, este crescimento de usuários idosos de RSV representa cerca de 2%, ou seja, um aumento de 66% entre 2007 e 2013 (IBGE, 2015). O baixo percentual de idosos que utilizam RSV no Brasil, justifica-se quando analisados os dados divulgados pelo IBGE (2010), apenas 17,5% dos domicílios com idosos declaram possuir computador com Internet, além disso, 74,7% dos idosos brasileiros em 2010 possuíam escolaridade igual a sem instrução e ensino fundamental incompleto.

Dentre os fatores que despertam o interesse dos idosos em relação às RSV, está a vontade de pertencimento e inclusão na sociedade (CHAN-OLMSTED; CHO; LEE; 2013). Outro aspecto relevante está relacionado às interações sociais e afetivas. Esta nova forma de comunicação permite que os idosos aumentem sua rede social e interajam e se comuniquem com outras pessoas, uma vez que o processo de envelhecimento faz com que as pessoas diminuam, muitas vezes, suas redes de relacionamentos devido à aposentadoria, ao isolamento, à perda de membros familiares, à saída dos filhos do vínculo familiar, dentre outros (FIORE et al., 2009).

A utilização das RSV pode proporcionar benefícios para a qualidade de vida das pessoas idosas, destacando-se a diminuição da solidão (CHEN; SCHUTZ, 2016), que é considerada uma das ameaças mais fortes à saúde mental e física da pessoa idosa, podendo levá-la ao alcoolismo (STACHESKI, 2013), ao abuso de drogas (RAMOS, 2007), à depressão (FRIEMEL, 2014), à deficiência física (CHAN-OLMSTED; CHO; LEE, 2013; LEWIS; ARIYACHANDRA, 2011) e, até mesmo, ao suicídio (AARTS; PEEK; WOUTERS, 2014).

A prevenção e/ou redução do isolamento social das pessoas idosas vem se tornando um tema social e prioritário na formulação de políticas em vários países (TRENTHAM et al., 2015) e as RSV podem ser instrumentos que auxiliam nesta questão, visto que podem contribuir para superar as barreiras sociais e espaciais de interação por meio da facilidade de comunicação e entretenimento a qualquer hora e lugar (CHEN; SCHUTZ, 2016).

Além da diminuição do isolamento social, outros fatores benéficos da utilização das RSV por idosos, destacados pela literatura recente, são: estímulo ao cérebro (JIMÉNEZ-CORTÉS et al., 2015), melhoria das competências relativas à comunicação (KENSKI, 2009), e possibilidade de minimização das incapacidades cognitivas e físicas dos idosos (BRITO, 2012). Rodriguez et al., (2012) salientam que as RSV podem contribuir como ferramenta pedagógica aplicada a idosos, pois, por meio delas, é possível que eles melhorem a escrita e a leitura.

Desta forma, problematiza-se que estas novas ferramentas de comunicação são importantes para os idosos, porque os auxiliam a vivenciarem um processo de envelhecimento mais saudável, (PETERSEN; KALEMPA; PYKOSZ, 2013), por manter e/ou aprofundar seus relacionamentos familiares e/ou sociais.

Tendo como base as premissas apresentadas, este estudo se propõe responder o seguinte questionamento: qual é a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos?

2. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A sociedade vivencia o crescimento da população idosa e do acesso a novas tecnologias (BRITO, 2012), as quais influenciam as relações intergeracionais de todas as pessoas, incluindo a dos idosos (SANTOS; SANTOS, 2015).

Para tanto, faz-se necessário o aprofundamento na temática por meio de estudos que privilegiem as influências e os impactos das RSV na vida dos idosos e em seus relacionamentos familiares e sociais. Para realizar tal análise, é de grande relevância que se aprofundem estudos sobre as influências sofridas por esse público no uso das RSV e os impactos que isso pode gerar nestas pessoas e naquelas com as quais elas convivem, principalmente no que tange os relacionamentos familiares e sociais.

A temática proposta neste estudo, mesmo que moderadamente, vem atingindo espaço nas pesquisas acadêmicas em âmbito internacional e nacional. Autores como Ridder e Van

Bauwel (2015); Chan-Olmsted, Cho e Lee (2013); Lewis e Ariuachandra (2011); Ariyachandra, Crable e Brodzinski (2009), Resende et al. (2007), entre outros, constataram, em pesquisas relacionadas ao tema, que se trata de um campo de estudo embrionário, que apresenta diversas possibilidades de pesquisa, bem como limitações que precisam ser trabalhadas e superadas.

Baker e Moore (2008) destacaram que a academia começou a explorar as características dos usuários de RSV e os motivos de sua utilização. No entanto, a maioria dos estudos tem se limitado a estudar um grupo específico de usuários – os jovens – deixando, desta forma, lacunas a respeito de outros grupos etários e características como etnia, gênero e escolaridade (ROSS et al., 2009; BARKER, 2009).

Além disso, há um enfoque em tecnologia e inovação, e não especificamente na utilização somente de RSV. Muitos trabalhos enfatizam também, o aumento do número de idosos utilizando as RSV comparado às faixas etárias mais jovens. Os fatores motivadores da utilização das RSV também foram destacados, além dos benefícios que as RSV promovem.

Cabe ressaltar que poucos estudos têm trabalhado a influência das RSV nos relacionamentos familiares e sociais de idosos. Essa influência é comentada superficialmente, no decorrer do desenvolvimento dos trabalhos. Há, portanto, um amplo espaço para pesquisas que analisem a relação entre os idosos e as novas tecnologias da comunicação e da informação, em especial as RSV, bem como a influência que elas podem exercer na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos, já que a tendência é que os indivíduos com mais de sessenta anos procurem cada vez mais o espaço da rede virtual para diversão, conhecimento e novas sociabilidades (CHEN; SCHULZ, 2016).

De acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, 2015), em 2013, em todo o Brasil, haviam 94 milhões de brasileiros internautas, dentre eles, os idosos representavam 1,95%, o que revela uma alta de 8,3% em comparação com o mesmo mês do ano de 2012. Quando comparado com 2011, esse aumento é ainda maior, ou seja, de 39,3%.

A população idosa pode se beneficiar do uso das RSV pela potencialização de comunicação, visando alcançar informações que são solicitadas e compreendidas sem a necessidade de custo financeiro elevado e locomoção física, estimulando suas atividades mentais (CHAN – OLMSTED; CHO; LEE, 2013). As RSV podem fortalecer as relações e interações cotidianas (BOYD; ELISON, 2007), além de possibilitar a alteração positiva da rotina dos idosos em busca de uma melhor qualidade de vida e bem-estar, inclusive

favorecendo uma melhor e maior interação familiar com membros distantes (STACHESKI, 2013).

Diante do exposto, evidenciou-se que as tecnologias de informação e comunicação estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea e no cotidiano da pessoa idosa. Os indivíduos estão mudando a maneira de agir, pensar e se comunicar, pela integração dessas novas tecnologias a seus comportamentos. As alterações produzidas pelas intermediações tecnológicas são muitas, evoluindo de forma incessante e rápida (KENSKI, 2009), justificando a ênfase desse estudo.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Identificar e analisar a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos.

3.2 Objetivos específicos

- Caracterizar o perfil dos idosos usuários de redes sociais virtuais;
- Analisar a percepção dos idosos sobre o processo de envelhecimento;
- Identificar os fatores motivadores para o uso de redes sociais virtuais por idosos;
- Identificar e compreender a percepção dos idosos sobre como o uso das redes sociais virtuais influenciam em seus relacionamentos familiares e sociais;
- Identificar a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida dos idosos.

4. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção são apresentados os elementos conceituais que dão fundamentação teórica à investigação proposta, visando desta forma, entender, conhecer e compreender a temática estudada. Logo, dizem respeito, a saber: (1) Aspectos relacionados ao envelhecimento populacional associado à qualidade de vida; (2). Idosos no contexto familiar e social; e (3) Redes sociais virtuais e idosos.

4.1 Envelhecimento populacional e qualidade de vida

Não se encontra na literatura um conceito único de envelhecimento. Autores como Moreira (2002), Siqueira e Silva (2002), Debert (2004), Wong e Carvalho (2006) e Camarano (2011), salientam que a maneira de vivenciar e conceber o envelhecimento é definida em cada sociedade e em cada tempo histórico por seus valores e suas práticas.

Moreira (2002) destaca que este processo é individual, não devendo ser tratado de maneira igualitária, uma vez que uns indivíduos tendem a apresentar elementos semelhantes do processo de envelhecimento, contemplando alterações comuns relacionadas à idade, enquanto outros se mantêm ativos em relação aos aspectos psicológico, físico e social (CAMARANO; GHAOURI, 2002).

Neste sentido, não se pode definir o envelhecimento apenas em função dos fatores biológicos ou de idade. Embora se tenha uma determinação para a caracterização cronológica de um idoso, em países desenvolvidos trata-se dessa forma pessoas com 65 anos ou mais e, em países em desenvolvimento, pessoas com 60 anos ou mais. Além disso, fatores como etnia, economia, cultura (DEBERT, 2004), ciência, geografia, sexo, entre outros aspectos, contribuem para definir e construir o processo de envelhecer (CARVALHO; GARCIA, 2003; CARVALHO, 2009).

O envelhecimento populacional é um fenômeno consolidado em todo o mundo. Conforme dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2002), o envelhecimento foi umas das tendências mais significativas do século XX, sendo marcado por um expressivo aumento da longevidade. Na América do Sul, os países que apresentaram índices elevados de envelhecimento populacional, em 2010, foram o Uruguai, onde o percentual de indivíduos com mais de 60 anos foi de 18,5%; em seguida, Argentina (14,6%), Chile (13,1%) e Brasil (10,8%) (VIANNA, 2015). Além do mais, projeções indicam que na América Latina e na Ásia, entre 1998 e 2025, a proporção de idosos se elevará de 8% para 15%. Na América do Norte e na Europa estima-se, neste mesmo período, que o aumento da população idosa passará de 20% para 28% (ONU, 2002).

No Brasil, estima-se que em 2025 a população idosa seja em torno de 15% do total da população, sendo significativo o percentual de idosos com idade de 80 anos ou mais (IBGE, 2015). Até o ano de 2050, os idosos representarão cerca de 30% da população (IBGE, 2013) e

o país ocupará o sexto lugar no *ranking* dos países com maior percentual de idosos (IBGE, 2015).

Dentre os fatores que influenciam o aumento significativo da população idosa mundialmente, salienta-se a redução da fecundidade da população e a mortalidade. Em todo o mundo, houve um declínio da taxa de fecundidade total, que passou de 4,91 filhos por mulher em 1960, para 2,45 em 2010 (WONG; CARVALHO, 2006; ALVES, 2013). Nos países desenvolvidos a fecundidade que era de 2,99 filhos em 1960, alcançou 1,75 em 2010, enquanto nos países em desenvolvimento o declínio da taxa de fecundidade, no mesmo período, foi de 2,38, ou seja, de 6,46 para 4,08. A redução da fecundidade, nos países desenvolvidos, iniciou-se nas últimas décadas do século XIX, ao passo que, em países em desenvolvimento, este processo ocorreu somente a partir do final do século XX (KALACHE, 2008).

Ainda que tardio, salienta-se que esse declínio nas taxas de fecundidade dos países em desenvolvimento ocorre aceleradamente. No Brasil, entre 1960 e 2010, a taxa de fecundidade reduziu aproximadamente 70% (6,28 filhos para 1,90). Na Inglaterra e na Suécia foram necessários cerca de sessenta anos (1870 a 1930) para que esta taxa diminuísse em 50% (CAMARANO; KANSO, 2009; ALVES, 2013).

Não obstante os países desenvolvidos possuam maior número de idosos, o envelhecimento ocorre rapidamente nos países em desenvolvimento. Enquanto a França, a título de exemplo, precisou de aproximadamente cem anos para que a população idosa crescesse de 7% para 14% da população total, no Brasil, esse crescimento ocorrerá em duas décadas (WONG; CARVALHO, 2006; CAMARANO, 2011).

Além do mais, no Brasil, desde os anos 1940, as taxas mais altas de crescimento têm se dado na população idosa. A partir de 1950, a taxa de crescimento da população idosa elevou 3% ao ano, atingindo 3,4%, entre 1991 e 2000. No período entre 1980 e 2005, o crescimento da população idosa foi de 126,3%, ao passo que o crescimento da população total foi em torno de 55,3%. Nesse mesmo período, o percentual de idosos com idade igual ou superior a oitenta anos apresentou um crescimento de 246% (IBGE, 2013).

No Brasil, a redução das taxas de fecundidade também levou a uma mudança na estrutura etária da população, gerando um aumento no peso relativo das pessoas acima de sessenta anos (WONG; CARVALHO, 2006; CAMARANO, 2011). Outro aspecto relevante para o envelhecimento populacional é a taxa de mortalidade: que a medida em que decresce, aumenta a expectativa de vida, modificando a sociedade, as estruturas familiares e, inclusive,

a vida das pessoas (CARVALHO; GARCIA, 2003; KALACHE, 2008). Estas modificações originam oportunidades não somente para que os indivíduos vivam mais, mas para que a qualidade dos anos vividos seja melhorada (POMPERMAYER, 2010; GUEDEA et al., 2006).

Faz-se necessário salientar que não existe na literatura um conceito único para qualidade de vida, o termo é utilizado tanto para mensurar as condições de saúde, bem-estar, conforto e bens materiais, quanto para analisar as condições de vida, como saneamento básico, transporte e lazer (FERREIRA; CUNHA; MENUT, 2010; BOM SUCESSO, 1998). Embora faça parte do cotidiano, os aspectos para a definição do que é ter qualidade de vida são variados e resultam dos interesses e características individuais (FERREIRA; CUNHA; MENUT, 2010). Nesta acepção, considera-se, neste estudo, que, ao envelhecer, a qualidade de vida esteja relacionada diretamente aos princípios de autodeterminação, independência e autonomia (RIBERIO, 2014; FERREIRA; CUNHA; MENUT, 2010; RAMOS; QUEIROZ; OLIVEIRA, 2003).

Portanto, o aumento da longevidade e, conseqüentemente, o da população idosa não garantem, por si só, que as pessoas irão desfrutar de um processo de envelhecimento saudável (OMS, 2008). Autores como Kenski (2009), Bacha, Strehlau e Romano (2006), Kalache (2008), Cupertino et al. (2007) e Camarano e Ghaouri (2002), destacam que os aspectos mais relevantes relacionados à longevidade e à qualidade de vida são o nível de atividade que a pessoa exerce e a questão mental, e não a idade cronológica em si. A pessoa pode ter uma idade sentida e outra idade aparente. Desta forma, destacam-se três trajetórias distintas que o envelhecimento humano pode apresentar, a saber: normal, patológica e saudável (CUPERTINO et al., 2007).

Compreende-se o envelhecimento humano normal como aquele em que o estilo de vida apresenta-se como impulsionador do processo de envelhecimento, pois, juntamente com o avançar da idade, a pessoa apresenta processos psicológicos e físicos que conduzem à perda do equilíbrio, ao retardamento da coordenação motora e dos movimentos, à diminuição da agilidade, dentre outros (KALACHE, 2008). Normalmente o processo de envelhecimento não está relacionado diretamente a adoecer, pois pode-se envelhecer aprendendo ou sabendo conviver com as limitações desencadeadas pelo passar dos anos (TEIXEIRA; NERI, 2008).

Compreende-se como envelhecimento patológico o processo que desencadeia no indivíduo efeitos negativos de problemas psicossociais e fisiológicos, levando a desenvolver incapacidades para uma vida ativa e saudável (PAPALÉO NETTO; PONTE, 2005).

Tratando-se do envelhecimento saudável ou bem sucedido, diz-se respeito ao desejável, que é envelhecer juntamente com a tentativa de minimizar as possibilidades de exclusão social, com a manutenção da autonomia dos indivíduos, além da preservação das oportunidades de continuarem participando da sociedade (CAMARANO; GHAOURI, 2002).

O envelhecimento saudável está relacionado ao modo pelo qual os idosos conseguem se adaptar positivamente às mudanças decorrentes dessa etapa da vida, principalmente, ao que refere às perdas e aos ganhos com os quais se defrontam. Faz-se fundamental, para que se tenha um envelhecimento saudável, estimular a saúde mental e física, a independência de vida econômica e diária, a integração familiar e social, entre outros fatores (CHOU; CHI, 2003).

Lima et al. (2008) salientam ser por meio da inclusão social que, muitas vezes, o idoso poderá ter uma boa qualidade de vida, pois o envelhecimento bem sucedido depende, dentre muitos aspectos, da interação entre as pessoas e seus relacionamentos intra e extraindividuais e sociais.

Nesta acepção, pode-se deduzir que, para uma qualidade de vida, é importante que os idosos convivam com outras pessoas e que desempenhem trabalhos e atividades em grupos, mantendo-se ativos socialmente, pois o processo de envelhecer desencadeia a necessidade de adaptações a novos momentos da vida. Nesta etapa, estas adaptações geralmente tratam-se de uma ressocialização, em que novas formas de comportamento podem e devem ser desenvolvidas e aprendidas diante de novos papéis, como de solitário, viúvo, aposentado, entre outros (CANESQUI; BARSAGLINI, 2012).

É preciso desmitificar a ideia de que o envelhecimento é uma etapa ruim da vida. A responsabilidade por um envelhecimento saudável deve ser de toda a sociedade – governantes, organizações e família – a qual deve desenvolver ações que estimulam o bem-estar e a saúde de todos, inclusive dos idosos (ONU, 2002; GOLDANI, 2009).

4.2 Idosos e suas relações familiares e sociais

No decorrer dos anos, a estrutura familiar passa por mudanças que podem variar de uma cultura para outra (FRAGA et al., 2011). No Brasil, desde a década de 1980, evidenciou-se uma maior diversidade dos arranjos familiares e uma redução no tamanho das famílias. A partir de 1990, os arranjos que mais cresceram foram os de famílias monoparentais e de adultos vivendo sozinhos. Além disso, há uma elevação da complexidade da vida familiar,

consequência do aumento no número de famílias reedificadas em decorrência da elevação das taxas de recasamentos, divórcios e separações (CAMARANO, 2004; KALACHE, 2008).

Camarano (2011) salienta que na última metade do século XX, as principais explicações para as mudanças nas estruturas familiares se relacionam ao aumento do celibato; ao aumento na participação feminina no mercado de trabalho e da escolaridade; à diminuição da taxa de fecundidade; ao aumento de separações, ao divórcio e aos recasamentos; à ascendência de famílias monoparentais e à elevação na expectativa de vida (CAPPELLE et al., 2006; CAMARANO, 2011).

No que se refere à crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, Kalache (2008), Sarti (2007), Capelle et al. (2007) e Montali (2000) destacam que esta é uma das explicações mais evidentes das reorganizações na estrutura das famílias brasileiras, visto que, a partir deste ingresso, as unidades domésticas começam a vivenciar a necessidade de reformular os papéis dos membros familiares, desencadeando pontos positivos e negativos, relacionados aos ambientes públicos e particulares.

Nessa acepção, diversas mudanças sociais afetam a configuração da estrutura da família (SAAD, 2004; CAMARANO, 2011). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2015) revelou que casais que possuem filhos já representam menos da metade do total de famílias. Entre o período de 2004 e 2014, ocorreu uma redução de 51% na proporção de arranjos familiares constituídos por casais com filhos. Notou-se, também, que o número médio de moradores por domicílio caiu 13,2%, entre o período de 2000 e 2010.

Essas mudanças na redução do tamanho médio das famílias estão diretamente relacionadas à queda da fecundidade. Durante o período de 2000 a 2014, o percentual de filhos por mulheres reduziu em 26%, passando de 2,39 para 1,77 (IBGE, 2015). Salienta-se que os estados que apresentaram maiores taxas de fecundidade, em 2014, foram: Acre (2,52), Amapá (2,34), Amazonas (2,32), Roraima (2,27), Maranhão (2,22) e Pará (2,15). Os menores valores são em Santa Catarina e Distrito Federal (1,57 filho por mulher), Rio Grande do Sul (1,58) e Rio de Janeiro (1,60) (IBGE, 2015).

Além da diminuição da taxa de fecundidade, destaca-se o aumento do número de casamentos entre divorciados. Em 10 anos (2004-2014), este número cresceu em torno de 160% no Brasil (IBGE, 2014). Dados da pesquisa Estatísticas do Registro Civil, realizada pelo IBGE (2014), indicam que, em 1984, primeiro ano em que a pesquisa foi realizada, foram contabilizados 30,8 mil divórcios. Em 1994, foram registrados 94,1 mil e, em 2014, foram contabilizados 130,5 mil. Evidenciou-se que a taxa geral de divórcios passou de 0,44

por mil habitantes na faixa etária de 20 anos ou mais em 1984, e para 2,41 por mil habitantes em 2014.

Destaca-se, também, a diminuição do número de casamentos formais (civil e religioso). Entre o período de 2000 e 2010, houve uma queda de 49,4% para 42,9% nos casamentos formais (IBGE, 2013). Evidenciou-se mudança no que se refere à idade das pessoas formalizarem suas uniões. A idade média dos solteiros na data do casamento que para os homens era de 28 anos, em 2003, passou para 30 anos em 2013. Entre as mulheres, neste mesmo período, passou de 25 para 27 anos (IBGE, 2015).

Além do mais, conforme dados divulgados pelo IBGE (2013), o percentual de idosos que moram sozinhos triplicou entre o período de 1992 e 2012, passando de 1,1 milhão para 3,7 milhões, um aumento aproximado de 215%. Entre as hipóteses desta mudança significativa, destaca-se a feminização da velhice e também a existência de uma maior fragmentação e dispersão das famílias, com filhos residindo em outras cidades, que não são as dos pais (IBGE, 2015). Dentre os idosos que moram sozinhos, 65% são mulheres (IBGE, 2015).

Camarano (2003) salienta que, no Brasil, as mulheres idosas estão apresentando maior esperança de vida devido a três fatores: maior acessibilidade aos serviços de saúde, avanços tecnológicos da medicina e ampliação da cobertura da previdência. Destaca-se que existe um predomínio maior da mortalidade masculina, resultando na maior expressividade de mulheres idosas viúvas. Neste sentido, as mulheres idosas, em geral, apresentam uma maior tendência a viverem sozinhas (SALGADO, 2002; CAMARANO; KANSO, 2009).

Relacionado ao aumento de idosos residindo só, Geib (2001), ao estudar um grupo de idosos que residem sozinhos há muitos anos, na cidade de São Paulo, Brasil, evidenciou que praticamente todos (97%) preferiram esta situação do que a viver com a família. Dentre os motivos, buscavam a independência e a privacidade, além da preservação da harmonia familiar, visto que, acreditavam que poderiam estar incomodando os parentes. Além do mais, os autores constataram que, para os idosos, morar com outras pessoas, não significa necessariamente estar bem, porque, em muitas situações, são vistos como fontes de renda, além de poder existir conflitos entre as gerações.

Apesar da quantidade de idosos que moram sozinhos ter aumentado significativamente nos últimos anos, há um percentual significativo de famílias que possuem idosos em sua composição. Dados da PNAD (2013) revelaram que 30,6% dos idosos residem com familiares, entre eles filhos com idade de 25 anos ou mais, influenciando assim, a convivência

entre diferentes gerações (GOLDANI, 2009; ALMEIDA, 2011). Além disso, em 24,89% dos arranjos familiares do tipo idoso com filho, estes são os chefes dos lares e assumem o sustento da família, netos e parentes próximos (IBGE, 2013). Há também, uma proporção de idosos que reside na casa de parentes, como irmãos e sobrinhos. Esses são idosos com idade acima de 80 anos, mais pobres e reportaram piores condições de saúde e menor capacidade funcional. Geralmente, em algum grau, dependem da ajuda dos familiares (CAMARANO; GHAOURI, 2011).

Aliado a isso, assiste uma diversificação dos arranjos familiares, Wilmoth (2002), ao realizar um estudo com idosos e seus arranjos domiciliares, identificou que nos Estados Unidos haviam cinco tipos comuns de arranjos de vida para os idosos: o idoso que vive com o cônjuge, o idoso que reside com os filhos, o idoso que vive em uma instituição, aquele que vive com pessoas sem laços de parentesco e os idosos que residem sozinhos. A autora ainda mostra que cada um desses arranjos apresenta desafios tanto para o idoso quanto para seus familiares e para a comunidade que os abrange.

Essa transformação no padrão demográfico interfere diretamente na composição das famílias, em seus arranjos e em suas redes de transferência de recursos econômicos, afetivos e de serviços. O envelhecimento da população é um aspecto significativo nas modificações que estão ocorrendo nos arranjos familiares, já que as famílias estão cada vez menores em relação a quantidade de integrantes (CAMARANO, 2002; SAAD, 2004; UJIKAWA, 2010).

Esta situação é refletida no cuidado ao idoso. Embora, acredite que nenhum idoso viva isolado, seu bem-estar está ligado diretamente à disponibilidade daqueles que o cercam. Com o avanço da idade, as pessoas tendem a vivenciar um estreitamento das suas relações. Os pais assistem seus filhos saírem de casa para estudo e para o casamento, além disso, outras situações, como a aposentadoria, a morte de um cônjuge e a distância dos parentes, contribuem para que as relações sejam mais restritas (NOGUEIRA et al. 2009).

Assim, ressalta-se a importância dos relacionamentos sociais que os idosos possuem, pois, embora o cuidado destes seja, tradicionalmente, atribuído à família, todos os que estão inseridos no seu convívio cotidiano podem contribuir para que os aspectos negativos do processo de envelhecimento, inclusive a solidão, sejam minimizados (REIS et al., 2011).

Além dos familiares, a rede de relacionamento social dos idosos geralmente é constituída pelos amigos e profissionais que com ele convivem, dentre eles colegas de trabalho, vizinhos e a sociedade em geral (ZAMBERLAM, 2001). A quantidade e a qualidade dos relacionamentos que os idosos estabelecem é determinante para seu bem-estar e qualidade

de vida. A manutenção desta rede social favorece que os idosos possuam sentimentos de inclusão (receber e conceber reconhecimento e atenção), afeto (intimidade emocional e afeição) e controle (influencie e seja influenciado pelos outros, liderar e ser liderado, além de exercer poder de decisão), essenciais para uma qualidade de vida saudável em qualquer fase da vida (SIQUEIRA; SILVA, 2002, RIBEIRO, 1999).

Areosa, Benitez e Wichmann (2012) destacam que a essência de uma rede de relacionamentos sociais influencia a qualidade de vida por indivíduos, pois as pessoas que têm um número elevado de diferentes tipos de relacionamentos vivem mais, sendo as taxas de mortalidade mais altas entre os que possuem baixas conexões sociais. Além disso, a depressão tende a ser menos evidente naqueles que possuem laços sociais fortes.

Apesar de haver uma série de fatores que levam ao isolamento e encolhimento do mundo social, destacam-se três aspectos importantes no entendimento do que pode ser compreendido como um envelhecimento mal sucedido. Primeiramente, tem-se as doenças e as limitações físicas, as quais podem levar os idosos a saírem menos de casa. Em seguida, o falecimento do cônjuge, que tende a reduzir os contatos sociais e, finalmente, o processo de aposentadoria, que pode diminuir o contato social das pessoas, removendo o contato diário constante com os colegas (ROSENBERG, 2013).

Na década de 1970, a temática relacionada a relacionamentos sociais, começou a ser estudada pelos pesquisadores em diversas áreas do saber, em especial nos estudos das ciências da saúde, pois começaram a surgir suposições de que existiriam aspectos do ambiente social capazes de produzir efeitos positivos na saúde das pessoas. Os estudos evidenciaram que há uma relação entre redes formadas por relações com parentes e amigos e a promoção de saúde, a proteção contra doenças e, até mesmo, o aumento da expectativa de vida das pessoas. As pesquisas neste âmbito concluíram que a ausência ou presença de relacionamentos sociais e familiares afetam diferencialmente a saúde das pessoas (PINTO et al., 2006).

Em pesquisas com a população idosa, a literatura destaca os benefícios dos relacionamentos sociais sobre a depressão (ROSA; BENÍCIO, 2009; CANESQUI; BARSAGLINI, 2012) e a redução de sintomas de idosos que apresentam quadros depressivos (SHERMAN et al., 2011). Além disso, outras pesquisas evidenciaram que idosos que mantêm uma frequência de contato com os entes queridos (familiares e parentes próximos) apresentam elevados escores de satisfação com a vida e melhor estado de saúde (PINQUART; SÖRENSEN, 2000). Há, também, na população idosa, a relação positiva entre redes de

contatos formadas por muitos amigos e estado de autoestima (LEBRÃO; LAURENTI, 2005; ROSA; BENÍCIO, 2009) e ânimo (SHERMAN et al., 2011).

Acerca de outros benefícios que os relacionamentos sociais e familiares podem proporcionar para a saúde das pessoas, em especial à população idosa, destacados pela literatura recente, têm-se os efeitos positivos em comportamentos alimentares (PINTO et al., 2006; ROSA; BENÍCIO, 2009). Constatou-se que os idosos que recebiam visitas de familiares e amigos possuíam menos problemas com dietas alimentares (PINTO et al., 2006; ROSA; BENÍCIO, 2009; ARAUJO; CICONELLI; PEDROSO, 2010).

Rosa e Benício (2009) ressaltam que os estudos recentes têm destaque, também, que o fato da população idosa tender a morar só não está sendo, necessariamente, interpretada como uma mudança negativa nos relacionamentos familiares e sociais. Esta tendência, caracterizada por Rosenmayr e Koeckeis (1963) e referida por Debert (2004) como “intimidade à distância”, “seria propiciada pelas facilidades nos meios de locomoção e pelos meios de comunicação à distância” (ROSA; BENÍCIO, 2009, p.6), que na sociedade contemporânea, conforme já mencionado, assiste à amplificação da ascensão às novas tecnologias, dentre elas das TICs (BARBOVSCHI; MACHACKOVÁ; ÓLAFSSON, 2015).

4.3 Redes sociais virtuais e idosos

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças têm-se algumas fundamentais, como a possibilidade de expressão, a sociabilização, o acesso à informação e ao entretenimento. Proporciona, assim, trocas de ideias individuais ou em grupo, aprendizagem e ensinamentos, em que não existem limites de distâncias físicas e temporais (TORRES, 2009).

Comumente relacionado, surgem as novas ferramentas que estão disponibilizadas na Internet, como exemplo, as RSV. Entende-se por rede social um conjunto de dois elementos: atores (indivíduos e/ou grupos) e suas conexões (laços sociais), que são livres e abertas e permitem a interação de todos os envolvidos (SANTOS; SANTOS, 2015). Faz-se necessário evidenciar que existem várias denominações de redes sociais na Internet, dentre elas: mídias sociais (KAPLAN; HAENLEIN, 2010), redes sociais virtuais (GOSWAMI et al., 2010) ou comunidades virtuais (FARAJ; JOHNSON, 2011). Neste estudo, adota-se o termo redes sociais virtuais (RSV).

As redes sociais virtuais, conforme Torres (2009, p.113), são “sites na Internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor da informação”. Envolvem o serviço oferecido por *websites* que permitem a criação de perfis e a interação entre eles (ERBOLATO, 2011).

Dentre as funções desempenhadas pelas redes sociais virtuais, destacam-se as mensagens instantâneas, os sites de compartilhamento de vídeo e fotos, as postagens de diferentes assuntos e os sites de relacionamentos (RODRIGUEZ; OBREGON; ROYO, 2012). Todas essas ferramentas auxiliam os indivíduos a se comunicarem e socializarem uns com os outros (KACHAR, 2002).

A primeira rede social virtual foi a SixDegrees.com, lançada em 1997 e extinta em 2000. Na contemporaneidade, em termos mundiais, são mais de 1,5 bilhões de usuários no mundo, acessando vários sites de RSV (BOYD; ELLISON, 2007), sendo os mais acessados, em ordem de importância, Facebook, que possui mais de 1,15 bilhão de visitantes únicos mensais, Youtube (1 bilhão de visitantes); Ozone (712 milhões); Sina Weibo (500 milhões) e WhatsApp (350 milhões de visitantes) (COMSCORE, 2008).

Lewis e Ariyachandra (2011) evidenciaram que as pessoas se unem em sites de RSV porque têm a oportunidade de socializar e expressar seu ponto de vista, além de estimular a autoestima e a independência. Os autores ainda ressaltam que estas são interessantes, pois os indivíduos podem conectar com velhos amigos e membros da família, além de ampliarem sua rede de relacionamentos.

No Brasil, o acesso à Internet e, conseqüentemente, aos seus recursos disponíveis, como as RSV, apresentou um crescimento relevante nos últimos anos em todas as faixas etárias (ANATEL, 2015). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2015), retratam que, entre os bens duráveis adquiridos pelas famílias, o número de aparelhos celulares com recurso de acesso à Internet e computadores foram os que mais cresceram nos últimos anos no país.

Em 2003, o computador estava presente em 7,5 milhões de domicílios no Brasil (15,3%), nos quais 5,6 milhões (11,4%) dispunham de acesso à Internet. Em 2006, o número de computadores nas residências era aproximadamente de 22,4%, praticamente o dobro, quando comparado ao ano de 2001. Este aumento foi significativo principalmente na região Norte (de 6,7% para 12,4%), Sul (de 13,9% para 27,9%), Nordeste (de 5,2% para 9,7%), e no Centro-Oeste (de 10,6% para 20,4%) (CETIC, 2014).

Em 2014, o número de lares brasileiros conectados à Internet pelo computador, alcançou 32,3 milhões de domicílios. A pesquisa TIC Domicílios 2014, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC, 2014), revelou que, pela primeira vez, 50% do total das famílias, no Brasil, possuíam acesso aos recursos disponibilizados pela Internet. Este número é ainda mais significativo quando analisado o acesso à Internet pelos brasileiros a partir de outros recursos, como os aparelhos celulares – *smartphones*. Em 2014, o país registrou 148,2 milhões de indivíduos com acesso ao aparelho, dentre eles, 81,5 milhões possuíam acesso à Internet (ANATEL, 2015).

Em relação à população idosa, em 2008, apenas 5,7% dos idosos utilizavam a Internet. Em 2013, esta fatia chegou a 12,6% (IBGE, 2014) e, quando comparado com o ano de 2014, o percentual já estava em torno de 20% (ANATEL, 2017), um aumento de aproximadamente 940%, entre 2008 e 2016. De acordo com dados divulgados pelo Instituto Locomotiva, em 2017, 51% dos idosos que possuem acesso à Internet, têm entre 60 e 64 anos de idade, seguidos de 27% que possuem idade entre 65 e 70 anos e 22% com idade superior a 71 anos. Quanto à escolaridade, 39% possuem formação superior, 33% concluíram o ensino médio e 28% possuem o ensino fundamental. Pertencem, em maioria (72%), as classes A e B, além de residirem (60%) na região sudeste do Brasil e acessarem por meio do computador (92%) e *smartphone* (44%).

As RSV se tornaram, em todo mundo, a quarta atividade mais popular, à frente do *e-mail*, e são responsáveis por aproximadamente 10% de todo o tempo gasto de uma pessoa na Internet (PEW RESEARCH CENTER, 2010). Em 2007, ao analisar as atividades desenvolvidas pelos brasileiros na Internet, as mensagens instantâneas e participação em RSV representavam mais de 50% dos motivos de acesso. Quando comparado com o ano de 2013, este percentual já ultrapassava 82% (CETIC, 2014). Dados divulgados pela Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM, 2015), por meio da Secretaria de Comunicação Social (SECOM, 2015), apontaram que 92% dos brasileiros que acessam a Internet estão conectados por meio das RSV. Dentre as redes mais utilizadas destaca-se o Whatsapp (93%), Facebook (79%), o Youtube (60%) e Instagram (37%).

Em relação aos idosos, em todo país, são mais de 3,319 milhões interligados às RSV (PNAD, 2015), o que representa, aproximadamente, 2% do total da população idosa brasileira. Apesar de ainda ser baixo o percentual de idosos internautas, este número é significativo, pois ainda, segundo dados da PNAD (2015), referente ao período de 2005 a

2011, o número de pessoas idosas conectadas à rede elevou em 143,8%, enquanto na faixa etária entre 18 e 29 anos o acesso às RSV no mesmo período se reduziu em 3%.

Pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), em 2016, revelou que entre as redes sociais e aplicativos de celular mais populares entre os idosos, estão o Facebook (77%), o WhatsApp (73%) e o Youtube (40%). Além disso, 61% dos idosos acessam as RSV por *smartphones*, enquanto 53% usam por computadores tradicionais, 37% por notebooks e 11% por *tablets*.

De acordo com Brito (2012), este número só tende a crescer. Os idosos estão procurando maneiras de usufruir os recursos disponibilizados pelas RSV (PNAD, 2015) e, para tanto, já existem cursos específicos para esse público que ensinam a acessar e a utilizar as RSV. Além do mais, salienta-se que plataformas de RSV específicas para este público também estão sendo desenvolvidas mundialmente. Rodriguez, Obregon e Royo (2012) desenvolveram a Seventi, que além dos recursos disponibilizados pelas demais RSV, busca a inclusão digital dos idosos.

Pesquisa desenvolvida pela Fundação Perseu Abramo (2007) e pelo SESC/SP (2007) revela que os idosos usuários de Internet assumem novos comportamentos que influenciam diretamente seus cotidianos. A média mensal de utilização das redes sociais por idosos chega a 32h40min e os horários preferidos variam entre as 7h e as 10h da manhã, e o local de acesso é a própria residência. Além de buscarem informações, valorizam as relações intergeracionais e a socialização (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2007).

O relatório *Pew Research Center* (2010) sugere três motivos pelas quais o aumento de idosos que estão utilizando as redes sociais virtuais vem aumentando consideravelmente: a) a rede social é particularmente apropriada para reconectar-se com pessoas do próprio passado; b) os idosos buscam nas redes sociais virtuais uma fonte de apoio para tratar algum tipo de problema de saúde crônica; c) a rede social auxilia as relações intergeracionais, visto que o contexto de RSV se prestam a apoiar a comunicação entre pessoas de diferentes idades.

Entretanto, autores como Stellefson et al. (2013) acreditam que o percentual de idosos que possuem acesso à Internet e, conseqüentemente, às RSV não são ainda maiores, devido a alguns fatores, dentre eles: baixa renda; falta de incentivos políticos; falta de incentivos da família e amigos; preconceito da sociedade em relação aos estereótipos negativos da idade; falta de acesso tecnológico e segregação social.

Estes fatores são mais significativos em idosos que possuem baixa renda, menor grau de escolaridade e residem em áreas rurais (DOYLE; GOLDINGAY, 2012; CHOU; CHI, 2002). O declínio no uso ou a diferença de acesso às tecnologias de informação e comunicação, em especial às RSV, é conhecido mundialmente como “fosso digital” e dentre os aspectos mais relevantes para que o mesmo ocorra está a idade, visto que, ao passo que o processo de envelhecimento tende a ocorrer, a distância das TICs tende a aumentar (ABBEY; HYDE, 2009).

Estas barreiras são preocupantes, pois os benefícios que as RSV podem proporcionar aos idosos são importantes para que estes usufruam de um processo de envelhecimento saudável (RODRIGUEZ; OBREGON; ROYO, 2012; SLEGGERS; BOXTEL; JOLLES, 2008). Idosos que acessam a Internet sentem-se mais envolvidos na sociedade e conseqüentemente menos excluídos (RESENDE, 2004).

Estas redetrazem vários benefícios para os idosos, como aprendizagem, relações com a sociedade e construção de possíveis amizades. Possibilita, também, fortificar o mundo dos que, conforme os estereótipos negativos, deveriam interromper seus ideais. Por meio das tecnologias da informação e comunicação é possível suprir anseios e adquirir conhecimentos e informações (KACHAR, 2002).

Neste sentido, autores como Resende et al. (2007) acreditam que estas redes auxiliam as relações afetivas e sociais, principalmente no que tange aos aspectos relacionados à família e à saúde da pessoa idosa. Autores como Chepe e Admatt (2015) e Brito (2012) destacam a importância do uso destas redes sociais pelos idosos, discorrendo que a utilização delas oferece a eles maior integração e apoio em diversos aspectos, incluindo o suporte social, que é importante para o aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida, da capacidade de enfrentar problemas, do aumento da autoestima e da vontade de viver (ANDRADE; VAITSMAN, 2002).

Aliado a isso Rosenberg (2013) enfatiza que a maioria dos idosos utilizam as redes sociais virtuais para conectarem com filhos e/ou netos que residem em outras localidades, sendo esta uma maneira de amenizar a saudade dos familiares. Nesta acepção, Jantsch et al. (2012, p.175) destacam que embora acredite-se que os idosos veem as TIC's “como algo delicado e fora de suas habilidades e condições, diante de um dilema como a distância de um ente querido, acabam o colocando à prova e tentando compreender seu uso.” Desta forma, buscam, por meio da sua utilização, novas maneiras de se reinserirem socialmente.

Com isso, estratégias comunicacionais estão sendo utilizadas por idosos para fomentar uma maior interação cotidiana e para possibilitar um efeito de sentido da inclusão social. São práticas de comunicação e interconexões digitais possibilitadas pelas RSV que podem alterar, positivamente, a rotina dos idosos em busca de uma melhor qualidade de vida (STACHESKI, 2013).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para realização deste estudo. Logo, dizem respeito, a saber: (1) Tipo de pesquisa e métodos; (2) Local de Estudo; (3) População e amostra; (4) Procedimentos e técnicas de coleta de dados; e (5) Análise e interpretação dos dados.

5.1 Tipo de pesquisa e métodos

Este estudo caracteriza-se como exploratório descritivo, pois, além de buscar fazer o levantamento de determinado fenômeno, buscou explorá-lo e compreendê-lo (GIL, 2008). O caráter exploratório se dá por se tratar de um campo de estudo embrionário e com poucas pesquisas desenvolvidas, enquanto o caráter descritivo, por buscar identificar e analisar a influência das redes sociais virtuais na vida de pessoas idosas.

Por sua vez, a abordagem escolhida para a realização da pesquisa foi a quanti-qualitativa (GRAY, 2012). Os dados quantitativos foram coletados visando caracterizar o perfil sociodemográfico dos idosos respondentes, enquanto a abordagem qualitativa foi utilizada para analisar a influência das redes sociais virtuais nas relações familiares e sociais dos idosos.

5.2 Local de estudo

Este estudo foi realizado na cidade de São Gotardo, localizada na região do Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais. A população idosa de Minas Gerais, em 2011, era de aproximadamente 2.302.342 mil pessoas, correspondendo a 11,8% da população total. A maioria desses idosos se concentrava na faixa etária entre sessenta e 74 anos. A população com idade mais avançada, oitenta anos ou mais, representava 1,7% da população total e

somavam 332 mil idosos. O índice de idosos na região do Alto Paranaíba é de 10,1% em relação à população total de idosos do estado (IBGE, 2013).

De acordo com a pesquisa desenvolvida pela Fundação João Pinheiro (2011), as regiões Centro-Oeste e Alto Paranaíba apresentam o menor número de idosos em termos proporcionais em Minas Gerais. Entretanto, nestas regiões os idosos tendem a viver mais anos e com um processo de envelhecimento mais saudável e ativo. Por isso, pressupõe-se que os idosos destas regiões possuem maior disposição para atividades relacionadas às TICs, dentre elas, o acesso às RSV.

Além do mais, os idosos das regiões Centro Oeste e Alto Paranaíba apresentam maior nível de escolaridade quando comparados às demais regiões do estado. A taxa de analfabetismo da população idosa nessas regiões é de aproximadamente 25,6%, ao passo que as regiões Norte e Jequitinhonha/Mucuri apresentam taxas de analfabetismo acima de 53%.

Sobre o arranjo domiciliar, cerca de 20% dos idosos residem sozinhos no Alto Paranaíba e 19,1% na região Centro Oeste (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2011). Para concretização deste estudo, optou-se por desenvolvê-lo na região do Alto Paranaíba, já que, entre as regiões com maiores indicadores de qualidade de vida entre os idosos, esta se destacou. Por se tratar de seis cidades que compõem esta região, optou-se pela escolha do município de São Gotardo por possuir um maior número de idosos (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2011).

5.3 População e amostra

A população foi constituída por idosos, conforme a classificação do Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003), de ambos os sexos, que residiam no município de São Gotardo – Minas Gerais –, lúcidos e que possuíam acesso às RSV na data da entrevista.

A pesquisa se desenvolveu pela técnica de amostragem Bola de Neve (*Snowball*). Este método de amostragem pressupõe que existe uma interação/ligação entre os membros da população, dada por características de interesse comum. Isto é, os membros do grupo são capazes de identificar outros membros que se enquadram nele, mas que o pesquisador desconhece ou não tem acesso (GIL, 2008).

Logo, os primeiros participantes foram selecionados por meio da rede de contatos da pesquisadora. Por sua vez, estes primeiros participantes selecionados foram encarregados de recomendar, a partir de seus contatos, outros indivíduos para a amostra. Seguiu-se assim,

sucessivamente, até que as respostas atingiram um ponto de saturação, tornando-se repetitivas.

Salienta-se que, com o objetivo de garantir a validade da amostra selecionada, os indivíduos da pesquisa tiveram que atender ao requisito de funções mentais normais e memórias preservadas. Desta forma, foi aplicado um teste cognitivo que avaliou se os idosos tinham memória preservada. Para tanto, utilizou-se a metodologia proposta por Dias (2007).

Esta metodologia, denominada como “teste de memória”, trata-se de um questionário com quatro questões, cuja a pontuação assemelha-se com o “teste do relógio” (DIAS, 2007). O teste do relógio (TR) é um instrumento clínico e de pesquisa utilizado na identificação da presença de *déficit* cognitivo (ATALAIA-SILVA; LOURENÇO, 2008).

As questões referentes ao teste de memória são (DIAS, 2007):

- 1) Data de nascimento;
- 2) Estado Civil;
- 3) Se possui filhos, quantidade e sexo; e
- 4) Nome dos pais.

Para terem memória preservada, ou seja, para serem considerados aptos, os entrevistados necessitavam acertar todas as questões, totalizando quatro pontos, sendo que cada questão correta era equivalente a um ponto (DIAS, 2007). Para validação do teste, verificou-se as respostas dadas pelos idosos com os seus respectivos familiares e/ou conhecidos próximos. Participaram da pesquisa 21 idosos, sendo, catorze do sexo feminino e sete do sexo masculino.

5.4 Procedimentos e técnicas de coleta de dados

A coleta de dados valeu-se da combinação de técnicas, a saber:

- a) Teste de memória, para avaliar se os idosos estavam aptos a participar da pesquisa; e
- b) Entrevistas fundamentadas em um roteiro semiestruturado composto de questões objetivas e subjetivas. As oito questões objetivas, tinham como objetivo identificar as características sociodemográficas dos participantes. Já as 36 questões subjetivas tratavam das percepções dos idosos sobre a influência das RSV na qualidade de vida e relações familiares e sociais dos mesmos.

Estas entrevistas, que foram gravadas com a permissão dos participantes, ocorreram no período de dezembro/2016 a fevereiro de 2017, e, em média, tiveram duração de 21 minutos e 42 segundos. Em respeito aos entrevistados, os seus nomes foram resguardados. Desta forma, foram utilizadas para representar os idosos a letra “A” acompanhada de um número. Este número se refere à ordem a qual a entrevista foi realizada.

5.5 Análise e interpretação dos dados

Uma vez realizadas, as entrevistas foram transcritas de forma integral, gerando o *corpus* da análise, ou seja, o conjunto representado pelos dados obtidos pela pesquisa. Ao todo, foram aproximadamente 8 horas de gravação.

Diante disso, a análise dos dados deu-se da seguinte forma: os dados quantitativos, que dizem respeito às questões relacionadas ao perfil sociodemográfico dos idosos, foram analisados por meio de uma perspectiva descritiva. Como medidas de estatística descritiva, foram utilizadas medidas de tendência central (média e frequência). Para tanto, foram utilizadas as seguintes variáveis:

- (1) sexo: feminino ou masculino;
- (2) idade: idade em anos completos na data da entrevista;
- (3) escolaridade: obtida em função do número de anos de estudo concluídos com aprovação;
- (4) estado civil: solteiro, casado, união estável, viúvo ou separado (desquitados, abandonados e divorciados);
- (5) se reside sozinho ou não: familiar, parente próximo e/ou amigo, dentre outros (LPIS);
- (6) filhos: número de filhos vivos na data da entrevista;
- (7) renda individual mensal: valor da aposentadoria (se aposentado) somado a outros rendimentos declarados pelo entrevistado (se possuir); e
- (8) ocupação atual: atividade remunerada formal desempenhada na data da entrevista.

Já os dados qualitativos, que se referem às percepções dos idosos sobre a influência das RSV na qualidade de vida e relações familiares e sociais dos mesmos, foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2009). Especificamente, utilizou-se a análise temática de grade mista que, de acordo com Bardin (2009), trata-se de, previamente, definir categorias relacionadas aos objetivos propostos da pesquisa, mas permitindo que,

durante o processo de análise, novas categorias surjam. Além disso, em uma análise temática o tema é a unidade de registro, e essa técnica permite estudar valores, crenças, atitudes e motivações, permitindo, desta forma, identificar e analisar de maneira mais precisa as percepções dos idosos sobre o uso das RSV.

As categorias dizem respeito:

(1) O envelhecer: refere-se às percepções dos participantes sobre o seu processo de envelhecimento;

(2) RSV: motivações, desafios e possibilidades – trata-se das motivações que desencadearam a utilização de RSV pelos participantes. Além destes, também apresenta algumas questões relativas ao perfil dos idosos que possuem RSV quanto ao seu uso, além dos desafios e as possibilidades que encontraram em sua utilização;

(3) RSV: relações familiares e sociais – refere-se à percepção dos participantes sobre como o uso das RSV pode influenciar seus relacionamentos familiares e sociais; e

(4) RSV: envelhecimento e qualidade de vida – retrata os resultados referentes à percepção dos idosos sobre como as RSV influenciam o seu processo de envelhecimento.

Dessas categorias emergiram subcategorias, distribuídas no Quadro 01:

Quadro 01 – Categorias e subcategorias da análise dos resultados da pesquisa

Categorias	Subcategorias
O envelhecer	"Velhos são os outros e não eu!"
	As mudanças a partir do envelhecimento
	O processo de aprendizagem no envelhecimento
	Redes de apoio: relações familiares e sociais
Redes sociais virtuais: motivações, desafios e possibilidades	Redes Sociais Virtuais: uso, benefícios e dificuldades
	Fatores motivadores da utilização das RSV pelos idosos
Redes sociais virtuais: relações familiares e relações sociais	Redes Sociais Virtuais e relações familiares
	Redes Sociais Virtuais e relações sociais
Redes Sociais Digitais: envelhecimento e qualidade de vida	Redes sociais virtuais e envelhecimento
	Redes sociais virtuais e qualidade de vida

Fonte: Dados de pesquisa (2017).

Diante do exposto, no Quadro 02, sumariza-se os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo.

Em seguida, no próximo tópico, analisam-se os dados encontrados, à luz da categorização apresentada.

Quadro 02 – Resumo dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

Objetivo geral	Objetivos específicos	Tipo de abordagem	Técnica de coleta de dados	Amostra	Análise dos dados
Identificar e analisar a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos.	Caracterizar o perfil dos idosos usuários de redes sociais virtuais	Quantitativa	Teste de memória - Entrevista semiestrutura: questões objetivas	21 idosos que residiam no município de São Gotardo, Minas Gerais e possuíam acesso às RSV.	Estatística descritiva
	Analisar a percepção dos idosos sobre o processo de envelhecimento	Qualitativa	Teste de memória - Entrevista semiestrutura: questões subjetivas		Análise de conteúdo (BARDIN, 2009).
	Identificar os fatores motivadores para o uso de redes sociais virtuais por idosos	Qualitativa	Teste de memória - Entrevista semiestrutura: questões subjetivas		
	Identificar e analisar a percepção dos idosos sobre como o uso das redes sociais virtuais influenciam em seus relacionamentos familiares e sociais.	Qualitativa	Teste de memória - Entrevista semiestrutura: questões subjetivas		
	Analisar a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida dos idosos.	Qualitativa	Teste de memória - Entrevista semiestrutura: questões subjetivas		

Fonte: Dados de pesquisa (2017).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo foi estruturado em quatro seções. A primeira descreve o perfil socioeconômico e demográfico dos entrevistados, a segunda caracteriza sua percepção sobre o envelhecimento, a terceira discute as redes sociais virtuais (motivações, desafios e possibilidades), e a quarta caracteriza as redes sociais virtuais (o envelhecimento e qualidade de vida).

6.1 Perfil sociodemográfico dos idosos participantes

Nesta seção procurou-se analisar o perfil sociodemográfico dos entrevistados em aspectos relacionados ao sexo, à idade, à escolaridade, ao estado civil, ao arranjo familiar, à quantidade de filhos, à renda e à ocupação atual.

Participaram da pesquisa 21 pessoas idosas, sendo catorze do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idade mínima de sessenta e máxima de 83 anos (com o nascimento entre 1957 e 1934), e a média de idade de 67 anos (Tabela 01).

No que se refere à escolaridade dos participantes, verificou-se que seis idosos possuíam o ensino fundamental incompleto, quatro o ensino fundamental completo, cinco o ensino médio completo e seis o ensino superior completo, sendo que, desses, três possuíam pós-graduação *Lato Sensu* e um pós-graduação *Stricto Sensu* (nível doutorado).

Quanto ao estado civil dos idosos entrevistados, nove eram viúvos, sete casados, dois separados judicialmente, dois divorciados e um namorando. No tocante a filhos, a média foi de três, variando entre três e seis filhos, com idade entre 21 e 61 anos. Dos vinte participantes com filhos, 17 possuíam netos com idade entre um e 36 anos e, além disso, três possuíam bisnetos.

Sobre os arranjos familiares domiciliares, verificou-se que o tamanho da família variou de uma a três pessoas, sendo doze unipessoais, ou seja, o idoso residindo sozinho. Três famílias eram do tipo monoparental, ou seja, mãe ou pai morando com os filhos. Catorze famílias eram quebradas, em especial pela viuvez do cônjuge ou divórcio. Seis famílias eram do tipo nuclear (ou seja, pai, mãe e filhos), uma extensa (pais, avós, filhos, netos dentre outros) e uma, ninho vazio, na qual o idoso morava com o cônjuge. Estes resultados estão próximos aos dados divulgados pelo IBGE (2013): o percentual de idosos que moram sozinhos triplicou entre o período de 1992 e 2012.

Quanto à ocupação, observou-se que treze idosos eram aposentados ou recebiam algum benefício previdenciário do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Desses, seis desempenhavam uma atividade remunerada extra no mercado informal. Dentre os outros oito participantes, cinco estavam ativos profissionalmente no mercado formal e três não eram aposentados e desenvolviam alguma atividade no mercado informal.

No tocante à renda dos participantes, esta variou entre R\$1.416,00 e R\$10.000,00, sendo a média R\$3.130,05. Pôde-se observar que a maioria dos participantes estava atuando no mercado de trabalho informal e possuía uma renda superior à média dos idosos no Brasil, que varia em torno de R\$937,00 (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO DESENVOLVIMENTO E GESTÃO, 2016).

Tabela 01 – Perfil sociodemográfico dos participantes, São Gotardo/MG, 2017.

Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos	Netos	Renda individual	Ocupação atual	Arranjo domiciliar
1	F	61	Pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> (nível doutorado)	Separada	3	1	R\$10.000,00	Aposentada - professora particular	Unipessoal
2	M	67	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Casado	2	4	\$4.180,00	Farmacêutico	Nuclear
3	M	69	Ensino Superior Completo	Viúvo	3	2	R\$5.064,00	Aposentado – Agricultor	Monoparental
4	F	64	Ensino Fundamental Completo	Viúvo	2	2	R\$2.400,00	Pensionista – costureira	Unipessoal
5	M	73	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	3	4	R\$5.300,00	Aposentado – motorista	Nuclear
6	F	72	Ensino Médio Completo	Viúva	4	1	R\$4.300,00	Aposentada	Unipessoal
7	F	67	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Divorciada	2	2	R\$3.289,00	Professora Pública Estadual	Unipessoal
8	F	74	Ensino Fundamental Completo	Casado	3	2	R\$1.980,00	Padeiro/Confeiteira	Nuclear
9	F	70	Ensino Fundamental Incompleto	Viúva	2	2	R\$1.888,00	Aposentada - Pensão por morte	Unipessoal
10	M	71	Ensino Médio Completo	Separado	3	4	R\$3.260,00	Motorista	Unipessoal
11	F	63	Ensino Médio Completo	Casado	5	7	R\$1.980,00	Servidora Pública Estadual	Nuclear
12	F	69	Ensino Fundamental Incompleto	Viúvo	2	1	R\$3.000,00	Aposentado – Cozinheira	Monoparental
13	M	67	Ensino Fundamental Completo	Viúvo	3	1	R\$2.000,00	Taxista	Unipessoal
14	M	61	Pós-graduação <i>Lato Sensu</i>	Casado	2	1	R\$6.000,00	Vereador	Nuclear
15	F	73	Ensino Superior Completo	Viúvo	4	6	R\$3.800,00	Aposentado	Unipessoal
16	F	83	Ensino Fundamental Incompleto	Divorciado	6	4	R\$1.416,00	Aposentado	Unipessoal
17	M	70	Ensino Médio Completo	Viúvo	3	3	-	Aposentado – Pedreiro	Unipessoal
18	F	69	Ensino Fundamental Completo	Viúva	2	1	R\$1.988,00	Aposentado – Pensão	Unipessoal
19	F	63	Ensino Fundamental Incompleto	Casado	4	1	R\$1.500,00	Aposentado	Nuclear
20	F	72	Ensino Médio Completo	Namorando	-	-	R\$2.790,00	Servidora Pública Estadual	Monoparental
21	M	61	Ensino Fundamental Incompleto	Viúvo	3	1	R\$3.776,00	Aposentado	Unipessoal

Fonte: Dados da Pesquisa (2017).

Fazendo uma relação entre a renda dos participantes e o nível de escolaridade, notou-se que na maioria dos casos o grau de instrução estava diretamente relacionado à ocupação exercida. Almeida e Kassouf (2004), ao analisarem o nível de escolaridade de idosos, notaram que uma melhor instrução reflete no maior nível de renda. Maiores níveis de escolaridade tendem a garantir oportunidades de inserção qualificada no mercado de trabalho (IBGE, 2014).

Em geral, os idosos brasileiros possuem baixa escolaridade e nível de qualificação inferior (IBGE, 2014). Além disso, a informalidade é uma característica da população idosa no Brasil. Dados da PNAD (2014) apontam que a presença de idosos no mercado de trabalho se dá, muitas vezes, em ocupações informais, embora estas não sejam o perfil dos participantes dessa pesquisa.

Entre os participantes, a maioria dos aposentados ainda estava atuante no mercado de trabalho, e, dentre os fatores que os motivavam a continuar trabalhando, estavam a socialização e a ocupação do tempo, como pode ser verificado em algumas falas:

“Pensionista e também sou costureira. Costuro vestido para quadrilha (festa folclórica). É mais para ocupar mesmo, para conhecer novas pessoas.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

“Eu sou aposentada, mas eu atuo como auxiliar lá no escritório (grifos nossos – empresa familiar). Ah não, então, eu não aguento ficar em casa, indo lá eu distraio.” (A20, sexo feminino, 72 anos).

“Eu sou aposentado na lei, mas eu não parei não. Eu ainda trabalho com alguns fretes, faço alguns trabalhos com o caminhão. Você tem que procurar manter o ritmo de antes, tem que manter sua mente sempre ocupada e também é bom porque a gente vê as pessoas, conversa.” (A5, sexo masculino, 73 anos)”

“Aposentada e professora particular. Não consegui desligar da educação, foram muitos anos de dedicação. Já dei aulas para vários filhos de ex-alunos que tive, até para netos também. Sabe, eu até tentei, mas eu gosto demais de gente (risos).” (A1, sexo feminino, 61 anos)

“Trabalhar é bom, ainda mais a gente que trabalhou a vida inteira. Você diverte, não tem tempo para ficar pensando em doença, fica mais ocupado.” (A9, sexo feminino, 70 anos)

Cinco participantes relataram que o motivo para atuarem informalmente no mercado de trabalho era o financeiro, pois buscavam complementar o valor do benefício previdenciário:

“Eu sou beneficiária de pensão pela morte do meu marido, mas também tenho uma renda por fora com as quitandas e os bolos. Se você for pensar, não dá para viver só com o valor da pensão não, quem vive com salário mínimo?! É muito pouco, você tem que ter uma renda a mais.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

“Uai, é o seguinte: eu sou aposentado. Informalmente, trabalho com turismo. [...] aumentar a renda aqui de casa, a aposentadora é pouca.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

Mesmo que informalmente, os idosos, apesar de se aposentarem, tendem a continuar inseridos no mercado de trabalho para elevarem suas rendas, já que o valor baixo do benefício previdenciário necessita ser complementado, seja para aumentarem a renda individual e/ou familiar, para contribuir para o bem-estar nesta etapa da vida, ou, até mesmo, para se manterem ativos socialmente. Além desses fatores, o trabalho confere a eles uma identidade, constituindo uma maneira de manter poder, socializar e se atualizar (VERAS, 2003; COUTRIM, 2006).

Outrossim, uma entrevistada relatou que a sua inserção no mercado de trabalho estava relacionada à viuvez. Segundo ela, após a perda do marido ela teve que se reinventar, pois o benefício previdenciário não foi adquirido rapidamente após o falecimento do cônjuge e ela, que nunca havia trabalhado antes, precisava de uma renda para sobreviver:

“É até complicado esta questão, porque eu comecei a viver depois que ele morreu. Eu comi o pão que o diabo amassou com ele, ele era ruim demais. Eu era boba, só sabia trabalhar em casa, também casei bem nova, com 19 anos. Quando ele morreu eu tive que assumir tudo, eu não sabia nem o que era banco direito, ele fazia tudo. Eu fui com a cara e a coragem. Eu fui obrigada também, como que eu ia sustentar? Mas graças a Deus, foi a melhor coisa da minha vida. Na verdade, eu comecei a conhecer pessoas e peguei gosto, por isso mesmo depois que saiu o benefício eu não parei, eu não quis desligar, porque isso me libertou.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Pode-se observar que o casamento foi uma fase marcada de sofrimento para a idosa, uma vez que, seu casamento era conflituoso e ela vivia exclusivamente em função do cuidado do lar. Com a viuvez, houve uma redução na renda, já que o cônjuge era o provedor financeiro, sendo necessários ajustes na vida da participante, o que, por sua vez, interferiu para que ela buscasse um trabalho remunerado. A saída para o ambiente público possibilitou à participante inserir-se socialmente, conhecer novas pessoas e melhorar seu bem-estar.

A viuvez pode ser considerada, pelas mulheres, como uma tragédia ou libertação. Para algumas idosas, a morte do cônjuge se revela como trágica, desencadeando danos negativos para a vida da mulher (ALMEIDA et al., 2015). Em contrapartida, para outras, é sinônimo de independência e liberdade, já que historicamente, as mulheres são destinadas ao cuidado do lar e dos filhos, sendo estas submissas ao marido. Em muitas situações, sofreram maus tratos pelos maridos, além do isolamento social durante o casamento (BALDIN; FORTES, 2008; RUBIO et al., 2011).

É notório que os participantes desta pesquisa fazem parte de um percentual ainda baixo da população idosa, eles possuem rendas melhores e maiores níveis de instrução. Além disso, a maioria dos participantes estava inserida no mercado de trabalho.

6.2 O envelhecer pelo olhar dos participantes

Nesta categoria, objetivou-se compreender as percepções dos participantes sobre seu processo de envelhecimento. Buscou-se verificar se os entrevistados se consideravam idosos e conhecer como se formava a rede de contatos familiar e social dos mesmos. Considera-se importante esta análise para identificar se o processo de envelhecimento desencadeou algum fator motivador para utilização das RSV e, também, para conhecer melhor as representações que estes idosos possuíam acerca do envelhecimento.

A partir dos resultados, foi possível a identificação de três subcategorias, a saber: “Velhos são os outros e não eu”; “O processo de aprendizagem no envelhecimento” e “Redes de apoio: relações familiares e sociais”.

6.2.1 “Velhos são os outros e não eu”

Para identificar como era o processo de envelhecimento dos participantes, primeiramente, questionou-se aos entrevistados se eles se consideravam uma pessoa idosa. Os resultados revelaram duas percepções diferentes sobre o que é ser idoso. A primeira refere-se aos participantes que se reconheciam como idosos. Esses demonstraram possuir um sentimento de gratidão por estarem vivenciando esta etapa do ciclo da vida. Acreditavam que se tratava de uma construção natural desde o nascimento.

Já a segunda percepção refere-se à negação de ser idoso. Esses participantes mostraram possuir receio do envelhecimento e, além disso, relataram em seus discursos alguns estereótipos negativos existentes ainda na sociedade, como o uso distorcido do termo velho.

Sobre estas percepções, Fachine e Trompieri (2012) ressaltam que as pessoas sempre se preocuparam com o envelhecimento, encarando-o de diferentes maneiras. Enquanto uns o consideram como parte de perda da autonomia e independência, outros o caracterizam como o ponto mais alto de serenidade e sabedoria. Desta forma, não há uma verdade absoluta em relação a esta questão.

Na primeira percepção, constatou-se que cinco participantes se reconheciam como idosos e acreditavam vivenciar uma fase natural do ciclo de vida:

“Me considero idosa, sei que já não posso fazer tudo que fazia antes quando eu tinha 40 e é natural, porque aos 40 eu não podia fazer tudo igual quanto eu tinha 20.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

“Sim. Faz parte da vida. Tipo assim, eu sei que eu sou idosa porque a gente vai mudando.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Menina, eu acho que sim. É tão natural para mim dizer que sou idosa, acho que é uma benção, não é? Tem tanta gente morrendo nova.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“Sim. Eu sou idosa, minha idade já é de bem idosa (risos), mas eu não reclamo, não reclamo mesmo. Eu só agradeço a Deus por viver até hoje, com a vida que eu tenho, lucidez que eu tenho.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Graças a Deus eu cheguei até aqui, me considero sim.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Este resultado está de acordo com o estudo de Neri, Cachioni e Resende (2002), que verificaram que alguns idosos tendem a possuir gratidão por estarem vivenciando esta fase da vida, reconhecendo os ganhos e a forma positiva em que esta fase pode ser vivida. Em contrapartida, Silva et al. (2002), em estudo realizado sobre a atitude de idosos em relação ao envelhecimento, evidenciaram que o reconhecimento do envelhecimento não representa para todos os idosos uma única realidade. Destacaram que alguns tendem a reconhecer as possibilidades de ganho nesta etapa, como o sentimento de satisfação com a vida, com a integridade e a felicidade, enquanto outros, temem envelhecer com solidão e dependência. Esta questão é evidenciada pelos demais participantes que não se viam como idosos.

Ainda sobre o reconhecimento de ser idoso, questionou-se a esses cinco participantes, qual marco evidenciou o início de seu envelhecimento. Dois participantes não souberam relatar um acontecimento ou fato que iniciou este processo. Infere-se que, possivelmente, por acreditarem ser um acontecimento natural do ciclo de vida, não vivenciaram uma experiência em particular que os tenha levado a se reconhecerem como idosos.

Dentre os aspectos que estes participantes citaram como marcadores, tem-se o direito a preferência na fila em estabelecimentos públicos e o desconto em passagens intermunicipais e estaduais adquirido por lei, conforme apresentado em algumas falas:

“Uai, foi quando eu vi que tinha direito a preferência na fila. Estou usando bastante (risos).” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“Para mim, o que marcou para mim o envelhecimento, foi a preferência na fila do banco e as passagens para viajar. Antes achava que era desnecessário, hoje eu já não penso mais assim.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

Contraopondo-se aos relatos anteriores, as participantes A1 e A3 destacaram as mudanças que ocorreram no próprio corpo:

“O corpo muda de repente, já não é a mesma coisa. Você sente diferente, eu não sei te explicar bem, mas muda.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“É engraçado, quando eu completei 40, eu senti bem mais do que sinto agora. Como eu te disse, eu acho o envelhecer natural. Na minha concepção, a partir que nascemos já estamos morrendo, mas já que você me perguntou... Bom, o corpo, ele diz, ela fala. Já vejo que mais rugas apareceram durante este ano (risos).” (A21, sexo masculino, 61 anos)

Constatou-se que o corpo é visto como uma representação das mudanças desencadeadas no processo de envelhecer. Sobre este aspecto, Ávila, Guerra e Rangel (2007) sugerem que algumas pessoas acreditam que ser idoso esteja relacionado a um processo psicossocial, um destino biológico inquestionável. Desta forma, ao completarem sessenta anos começam a notar mais explicitamente as mudanças em sua corporeidade desencadeadas pelo processo de envelhecimento.

O corpo é uma representação cultural das mudanças do ciclo de vida: muda-se desde que nasce, mas acredita-se que, no envelhecimento, as modificações referentes à corporeidade desencadeadas deste processo sejam mais perceptíveis pela sociedade (LUGLEYDSON; AMARAL; SÁ, 2004). Culturalmente, no Brasil, existe ainda um

posicionamento negativo a respeito do envelhecimento e, assim, alguns idosos tendem a não se reconhecerem nesta posição e a negarem as mudanças que ocorrem nesta fase (NERI; FREIRI, 2000).

Neste sentido, na segunda percepção, constatou-se que é preciso ressignificar o conceito de idoso na sociedade. Há, ainda, uma distorção a respeito de ser idoso, sendo que os participantes possuíam uma representação negativa deste momento do ciclo de vida. Para a maioria dos participantes, o conceito de idoso estava relacionado à perda da capacidade física e cognitiva, como pode ser verificado nas falas seguintes:

“Não. Ainda estou forte e lúcida.” (A15, sexo feminino, 73 anos)

“Idosa ainda não. Consigo fazer tudo.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

“Não. Eu me considero uma pessoa de idade avançada, mas não idosa. Porque eu tenho atividade normal, faço academia, ando. Então isso aí para mim não estou idosa.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

“Não. Eu tenho 67 anos, mas eu não me considero uma pessoa idosa. A minha mentalidade é menor, de mais jovem. Entendeu?!” (A7, sexo feminino, 67 anos)

“Não. Tem gente que me elogia: “Nossa, a senhora não parece a idade que tem” - porque eu comunico com qualquer pessoa. As meninas que vem aqui alugar vestido ficam boba de ver. Elas falam: “nossa, a senhora é legal demais.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

Schneider e Irigaray (2008) discorrem que os aspectos negativos relacionados ao processo de envelhecimento atravessam anos e, ainda hoje, com o avanço da medicina e outros recursos para retardar e prevenir doenças, é rejeitado por muitas pessoas e visto como uma etapa detestável (DEBERT, 1999). Embora o envelhecimento não esteja relacionado a doenças, o aumento da vulnerabilidade biológica e o medo das perdas referentes às condições de saúde ocupam espaço nas preocupações das pessoas. Desta forma, ser idoso ainda está associado à perda de poder. Scortegagna e Oliveira (2012) acreditam que muitos idosos tendem a negar o envelhecimento para que possam ser aceitos em grupos mais jovens. Tal comportamento refere-se ao não enfrentamento do processo de envelhecimento, ou seja, considerar-se jovem é o anseio daqueles que estão envelhecendo.

Diferentemente dos outros participantes, a entrevistada A5, não soube dizer se considerava-se ou não idosa. Para ela, somente a idade a caracteriza como tal:

“Mais ou menos (risos). Porque a idosa ela não dá conta de fazer muita coisa! E eu, graças a Deus, ainda faço muita coisa ainda. Eu vou para roça, enfrento o serviço na roça e graças a Deus estou aí. [Pausa – questionou porque ela se acha idosa]. Por que já estou na idade.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

Notou-se, também, que a participante possuía uma visão distorcida sobre ser idoso. Para ela, a perda de vitalidade e da capacidade física está diretamente associada às pessoas idosas. O envelhecimento é visto por muitos, como uma etapa de declínio, em que são poucas as aquisições e benefícios dos quais são possíveis usufruir e desfrutar. O entendimento de incapacidade, perda e doença prevalece na mente da sociedade em relação ao processo de envelhecer, inclusive a dos próprios idosos. Existe uma percepção de que as perdas estão ligadas diretamente ao envelhecimento, ao passo que os ganhos são referentes às demais etapas do desenvolvimento (KUZNIER; LENARDT, 2011).

Nesse mesmo escopo, evidenciou-se, por meio das respostas, a figura negativa da velhice. Apesar do termo “velhice” não ter sido empregado pela pesquisadora durante este trabalho e realização das entrevistas, o mesmo foi incorporado (negativamente) por alguns participantes em seus discursos:

“(...) eu não acho que eu sou uma pessoa velha, apesar da minha idade, eu não me vejo idosa.” (A7, sexo feminino, 67 anos)

“Velho eu não sou, velho não menina. Eu não me considero um velho, e sim, experiente.” (Risos) (A19, sexo feminino, 63 anos)

“Não. Eu não me considero uma pessoa idosa, uma pessoa velha. Eu faço tudo que meus filhos fazem. Eu viajo, trabalho, dirijo, namoro e danço (risos). Eu posso ter mais idade, mas velho eu não acho que eu sou.” (A13, sexo masculino, 67 anos)

“Velha eu não sou não, mas às vezes, assim, tem hora que eu acho que não [...] Assim, eu não sei, assim na maneira de agir eu acho assim, acho porque talvez eu não quero é...., assim... Tem certas coisas que eu penso, não, gente eu ainda posso fazer isso, eu tenho condições de fazer isso, sabe? Eu paro e penso, eu não estou velha ainda, eu só envelheci (pausa). Eu não olho só pelo lado da minha idade, mas pelas coisas que eu ainda posso fazer.” (A1, sexo feminino, 61 anos)

Atenta-se para presença de expressões e palavras utilizadas pelos participantes para expressarem a fase do envelhecimento, entre elas, o uso da palavra “experiente”, dos termos “posso ter mais idade” e “só envelheci”. Percebe-se que o termo “velhice” é incorporado como uma representação negativa e que, implicitamente, os participantes se

sentiam envelhecidos, mas não idosos. O depoimento do participante A17 ilustra esta afirmativa:

“Não. Mas de qualquer maneira a gente vai envelhecendo e vai decaindo, quer sim, quer não, a gente vai decaindo. Então a gente não pode deixar é, é, se levar por isso aí. Parar porque eu estou velha ... porque tem gente que se entrega, eu não entrego não. Eu luto.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

Percebe-se, pelos discursos dos participantes, que velhos seriam os outros e não necessariamente uma característica deles. É importante evidenciar, entretanto, que, assim como o conceito de envelhecimento, não existe um conceito único para velhice. Alguns autores consideram as terminologias “velho” e “idoso” sinônimos, enquanto outros, como Papaléo Netto (2003), discorrem para o fato de que a velhice está associada a uma fase da vida, enquanto ser velho ou idoso diz respeito ao resultado final.

Em aspectos formais, para alguns autores o termo velho é utilizado para caracterizar os últimos anos do ciclo da vida, enquanto idoso é uma classificação legal para pessoas acima de determinada idade (CAMARANO, 2002). Neste estudo, considera-se os termos como sinônimos, entendendo-se que o sentido dado aos conceitos dependerá de cada cultura e sociedade. Acredita-se, que os termos não podem ser utilizados para representar os aspectos negativos do processo de envelhecimento e, sim, para caracterizar pessoas que se enquadram em uma determinada fase do ciclo de vida.

Diante destas considerações, questionou-se aos participantes que não se reconheciam como “idosos” e “velhos”, por que os termos eram utilizados por eles com uma conotação negativa. Constatou-se que tais termos estão associados à incapacidade para realização de atividades do cotidiano, à dependência funcional e à decadência atribuída ao corpo, conforme alguns depoimentos:

“Velho é alguém que não é lúcido e precisa do outro para resolver as coisas.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

“Bom, eu acho que o velho é aquela senhora bem decadente.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

“Eu acho ruim falar idoso, velho. Velho é algo ruim. Idoso parece que eu preciso de ajuda de alguém e eu não preciso ainda.” (A7, sexo feminino, 67 anos)

“Nossa, agora você me pegou. Por exemplo, eu vou falar o seguinte: para mim, idoso e velho é aquela senhoria que não sai mais de casa, que precisa de alguém para fazer tudo. Eu não estou assim...” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Você já viu um velho novo?! (Continua) Velho não é elogio, para mim. Não gosto de quando me chamam de velho. Velho é quem não tem lucidez, tem muita doença.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

Retomando Camarano (2002), a sociedade atribui à velhice estereótipos negativos do processo de envelhecimento, referindo o velho àquele que possui dependência funcional e cognitiva e que, em muitas situações, não possui lucidez. Comumente relacionado, Carlos, Maraschin e Cantergi (2000), em estudo com pessoas idosas, identificaram que os mesmos não gostavam das terminologias velhice e idoso pois estas assumiam um sentido pejorativo. Nesta linha, Araújo, Coutinho e Santos (2006), em pesquisa sobre a representação social de idosos, identificaram uma associação negativa relacionada à nomenclatura “velho”. Para os idosos da pesquisa dos referidos autores, ser velho estava associado a uma pessoa doente, sem habilidades físicas e totalmente dependente.

Por sua vez, Campos (2006), em seu estudo, identificou os estereótipos da velhice. Compreendeu-se que os valores relacionados à beleza física, à agilidade e à juventude influenciavam diretamente as características atribuídas à velhice, associando esta a uma fase de limitações. Notou, ainda, que “ser jovem” está relacionado à disposição, enquanto “ser velho” ao sinônimo de obsoleto. Já Costa e Campos (2003) e Vianna, Loureiro e Alves (2012) encontraram em seus resultados uma associação da velhice com a morte.

Todavia, Bacha e Strehlau (2008), ao estudarem o autoconceito de idoso pela visão dos próprios idosos, reconheceram que não há uma definição universal sobre o que é ser idoso, entretanto destacaram a vantagem da utilização do critério etário para sua definição. Concluíram também que o ser idoso está associado às mudanças que podem ocorrer pelo envelhecimento, dentre elas, relacionadas à aparência física, ao processo biológico, aos eventos de desengajamento da vida social, como o aparecimento de novos papéis – o de avós e a aposentadoria. Já Guerra e Caldas (2010), ao realizarem uma pesquisa bibliográfica sobre representação social da velhice, compreenderam que o uso do termo velho é sinônimo de isolamento e contribui para a exclusão social do idoso.

Foi notório nos depoimentos dos participantes que há, ainda, um forte preconceito relacionado ao envelhecimento, inclusive, por parte dos próprios idosos. É preciso

desmistificar esta ideia de que a velhice está relacionada somente a eventos negativos do processo de envelhecimento. A responsabilidade por um envelhecimento saudável deve ser de toda a sociedade – governantes, organizações e a família –, que deve desenvolver ações que estimulem o bem-estar e a saúde de todos (RIBEIRO, 1999; ONU, 2002) e reduzam os estereótipos negativos desta etapa. É preciso compreender que envelhecer não é sinônimo de adoecer, e que esta fase pode ser vivenciada de maneira positiva, assim como as outras fases do desenvolvimento humano.

6.2.2 As mudanças a partir do envelhecimento

Sabe-se que os indivíduos não envelhecem todos da mesma forma, nem sequer vivenciam as mesmas experiências. Diversos são os eventos e fatores que influenciam o processo de envelhecimento e a maneira como este é percebido, dentre eles, a cultura, a qual diz respeito à significação do processo de envelhecer humano (CAMARANO; KANSO, 2009; KUZNIER; LENARDT, 2012). Trata-se de um processo gradual ao longo do "curso da vida", em que é preciso considerar os aspectos individuais, sociais e históricos para seu entendimento (DEBERT, 2004). É preciso identificar a percepção de cada indivíduo isoladamente para, assim, compreender como este vivencia esta fase e qual significado atribui a ela.

Frente ao exposto, procurou-se identificar se, após completarem sessenta anos, os participantes perceberam alguma mudança desencadeada pelo processo de envelhecimento. Esse entendimento se faz importante para verificar como os idosos estão vivenciando esta fase do ciclo de vida e se, de fato, trata-se de um processo individual.

É importante frisar que, mesmo entre os entrevistados que afirmaram não se considerarem uma pessoa idosa, implicitamente em seus depoimentos, foram identificados aspectos acarretados por meio do processo do envelhecimento. Além disso, observou-se que a mudança é inerente a todos. Até mesmo os participantes que, em um primeiro momento, citaram não ter notado mudança significativa, no decorrer das suas falas mencionaram algum evento ou situação que foi desencadeada, na percepção deles, por causa da idade, como, por exemplo, a presença de dores.

Alguns depoimentos demonstram essa questão:

“Não teve mudança. [...] Só que teve uma dor aqui outra ali, mas já é própria da idade, mas a mentalidade não mudou, então... Graças a Deus. ” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Não. Mudou nada não. Às vezes eu me sinto mais cansada, mas não mudou. ” (A8, sexo feminino, 74 anos)

“Olha só, mudança perceptível não. Uma coisinha e outra acaba que parece, uma dorzinha aqui, uma dorzinha ali. ” (A15, sexo feminino, 73 anos)

“Vire e mexe muda, porque a gente enfraquece um pouco. É a gente já não é a mesma pessoa de antes, mas não, graças a Deus, eu estou aí. ” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Ah muda, dizer que não muda nada, eu estou mentindo. O corpo muda. ” (A20, sexo feminino, 72 anos)

Então verifica-se que, para alguns entrevistados, ser idoso é vivenciar alterações em suas funções cognitivas. Uma vez que não vivenciam tais mudanças, não se percebem idosos. Tal fato pode estar relacionado à concepção social do termo idoso pela sociedade brasileira.

Em contrapartida, cinco participantes mencionaram as mudanças relacionadas aos aspectos biológicos – “uma dor aqui outra ali”, “uma dorzinha aqui, uma dorzinha ali”, “a gente enfraquece um pouco” e “o corpo muda”. Estas considerações estão relacionadas aos estereótipos negativos que a sociedade impõe sobre a velhice, apesar de existir uma redução na capacidade do sistema imunológico humano com o avançar da idade, o envelhecimento não deve ser tratado como sinônimo de doença (KUZNIER, 2007). Faz-se necessário que as pessoas busquem ferramentas para desfrutarem de um processo de envelhecimento com mais qualidade e bem-estar.

Neste sentido, dois participantes destacaram a importância dos cuidados com a saúde, além dos cuidados com a própria pele e o corpo:

“[...] mudança tem sim. Tem uma coisa ou outra que acaba mudando. Você sabe que você pode pegar mais doença, que você tem que cuidar um pouco mais. Fica mais propício, entende? O que tem que fazer é cuidar, por exemplo, eu já não deixo de tomar a vacina para gripe, porque eu sei que eu preciso mais que outras pessoas. São coisas desse tipo. ” (A1, sexo feminino, 61 anos)

“Acho que a maior mudança é na saúde, não é? Eu fico bem preocupada com ela, posso desenvolver mais probleminhas e tal. ” (A11, sexo masculino, 63 anos)

Há, uma preocupação em relação à prática de atividade física e ao consumo de alimentos saudáveis, pois, associados ao bem-estar físico e emocional, podem determinar uma melhor qualidade de vida. Apesar de cada pessoa vivenciar o envelhecimento de maneira distinta e particular, a forma como percebem as modificações em seu corpo determina a atenção que vão dedicar a esse processo (MARI et al., 2016).

Neste mesmo escopo, em duas respostas é possível identificar a preocupação sobre as mudanças que o envelhecimento pode acarretar à corporeidade:

“Muda um pouco, a gente vai ficando mais fraco para as doenças, não é? Mais aqui, a questão é não se permitir entregar a elas, tem que se cuidar. Tem que fazer academia, tem que malhar, tem que cuidar da saúde, cuidar da pele. ”
(A7, sexo feminino, 67 anos)

“Embora eu acredite que eu não seja idosa, eu não posso negar que tem mudanças sim. Talvez eu fique mais casada para desempenhar determinada tarefa, mas [silêncio], mas eu me cuido para que elas sejam imperceptíveis, ou pelo menos, bem minimizadas. A pele ela muda bastante, já tenho que tomar cálcio, tem a questão do hormônio também. Você precisa e aumentar a ingestão de determinadas vitaminas. Eu me cuido muito, muito mesmo. Eu não gosto de ver minha pele enrugada, busco muitos tratamentos. Eu acho que isso faz diferença, não é? ” (A19, sexo feminino, 63 anos)

Estes relatos apresentam pontos interessantes. Primeiramente, ambas participantes, ao apontarem as mudanças decorrentes da idade, apresentam, também, os cuidados que possuíam para que estas fossem minimizadas. Foi perceptível que a mudança física no corpo e na pele era a principal preocupação delas. Observou-se que ambas não gostavam de comentar sobre os aspectos negativos do processo de envelhecimento, principalmente quando relacionados ao corpo e à mudança na estrutura da pele. Rapidamente, procuravam ressaltar a importância do autoconhecimento e cuidado, da busca por alternativas para não se parecerem “como idosas”.

Geralmente, as mulheres, ao envelhecerem, tendem a se preocupar com a aparência do corpo. Essa preocupação está relacionada ao “fenômeno do culto ao corpo” que se iniciou no século XXI e que impulsiona homens e mulheres a modificarem o estilo de vida e atenderem padrões estéticos vigentes na sociedade (GOLDNBEERG, 2005). Não obstante, esta valorização da estética corporal pode ser percebida pelo crescimento do mercado de cosméticos nos últimos anos, o qual possui como uma de suas justificativas a manutenção da aparência e aumento da expectativa de vida (ABIHPECI, 2014).

Dados apresentados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2012) apontaram que aproximadamente 92% das mulheres idosas consomem cosméticos e cerca de 57% consomem, diariamente, produtos de maquiagem. Esteves, Slongo e Esteves (2012) apontam que, com o aumento da expectativa de vida, a imagem do idoso começou a ser associada a cosméticos que rejuvenescem e a vitaminas fortificantes. Novamente, tem-se a negação da velhice. Dessa forma, retomando Mari et al. (2016), a negação da realidade sobre o envelhecimento propicia o adoecimento, haja vista que é só quando a pessoa se aceita como idoso que é possível influenciar positivamente a saúde, tanto emocionalmente como fisicamente.

Em contraposição, averiguou-se, também, que, para os entrevistados do sexo masculino, as mudanças vivenciadas no corpo não eram tão perceptíveis quanto as mudanças profissionais e sociais:

“Um pouco muda, as prioridades mudam, não é? Mais eu comecei a pensar diferente e querer mudar as coisas. Meus filhos estão criados, agora quero outras coisas para fazer, ajudar as pessoas. Foi por isso que quis ser vereador.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

“Profissionalmente muda sim, e a gente começa a viver outra fase, não é? No meu caso, não foi bem aos 60 anos, mais na hora que eu aposentei, me senti um pouco perdida em que fazer, tive que me reinventar.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

“Muda, eu sei que não sou do mesmo jeito que antes, mas no meu caso, o que eu mais senti foi no trabalho. Quando eu aposentei, eu já tinha planos de ir para a fazenda, virar agricultor mesmo. E logo quando eu aposentei, eu vi esta necessidade.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Tem, mais tem coisas que por exemplo, não é da idade, eu sempre tive, como diabetes e pressão alta, agora mudar mesmo, eu acho que é o trabalho. Já estou pensando em procurar alguma coisa para fazer já que eu aposentei.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

Todos os participantes que priorizaram em suas falas às mudanças profissionais eram homens. Observou-se que as idosas participantes desta pesquisa tendiam a se preocupar mais com as mudanças relacionadas à saúde, aos aspectos físicos e com a pele. Buscavam alternativas para minimizarem os aspectos negativos que podiam ser desencadeadas nesta nova fase. Contudo, não se pode afirmar que os homens da pesquisa não possuíam, também, preocupação com a saúde, apesar desta questão não ficar evidente em seus relatos. Além do mais, o fato das mulheres não tornarem evidentes as

modificações profissionais ocorridas com o avançar da idade, também não se pode confirmar que elas não percebam tal mudança.

Os resultados são semelhantes a estudos encontrados na literatura. Há diferença na maneira em que homens e mulheres envelhecem e como encaram este processo, tendo em vista que as mudanças são influenciadas por aspectos culturais, de gênero e, ainda, de construções sócio históricas (WHO, 2005; GONZALEZ; SEIDL, 2011). Figueiredo e cols. (2007), ao estudarem as percepções do envelhecimento com um grupo de idosos, concluíram que os homens vivenciam uma baixa autoestima nesta fase, atrelada, em algumas situações, pela aposentadoria, uma vez que esta pode implicar na diminuição ou na perda de autonomia econômica e poder. Por sua vez, historicamente, os homens foram criados para o ambiente público.

Para Motta (2009), ao aposentar, o homem não é percebido como trabalhador, o que desencadeia o incomodo, pois, o trabalho representa sua identidade como homem. Para o homem, a aposentadoria representa a perda da função social de provedor. Já Bendassolli (2006) constatou em seu estudo que estes, ao envelhecerem, para se sentirem ativos e manterem nem que seja um *status* mínimo de poder social, tendem a recorrer ao trabalho voluntário (participante A21).

Em contrapartida, retomando Salgado (2002) e Neri (2007), desprende-se para o fato das mudanças que acompanham ou originam na etapa do envelhecimento serem, predominantemente, femininas. Ao longo da vida, à mulher são atribuídas, tanto na questão social quanto psicológica, várias responsabilidades de âmbito familiar e social, as quais na velhice também se acrescentam a elas. As mulheres tendem a terem maiores problemas com aposentadoria de rendimento menor, viuvez ou separação do casal, afastamento dos filhos, além de, em muitas situações ainda, exercerem a função de cuidadoras. Também defrontam com os sentimentos de inutilidade, provocados pelos mitos existentes na sociedade. “Ou seja: ‘a não aceitação da velhice’, a negação de sua sexualidade, ‘porque já não estou para isto’, uma baixa autoestima porque ‘já fisicamente não me vejo como antes’”, são problemas enfrentados pelas mulheres no envelhecimento “quando as estruturas sociais exigem da mulher ser jovem, bonita e produtiva para participar e contribuir com a sociedade” (SALGADO, 2002, p. 11).

Os participantes A17 e A21 citaram as mudanças em relação às leis que garantem os direitos aos idosos. Dentre elas, a preferência do atendimento em estabelecimentos públicos e a aposentadoria. O Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, que surgiu na II Assembleia em Madrid, engloba as medidas e as orientações relativas à formulação de políticas públicas relacionadas às pessoas idosas. No Brasil, as políticas brasileiras estão abarcadas no Estatuto do Idoso, no qual se observou os indicadores de monitoramento das metas do Plano, dentre elas, a garantia de atendimento preferencial em estabelecimentos comerciais e públicos (GOLDANI, 2009).

“Ah não, acaba que tem. Por exemplo, aí ó, você vai à fila do banco, aí você já pensa assim, apesar que tem gente que não acha, mas já tenho preferência. A minha fila já é aquela, não é? Tem as vantagens e as desvantagens, e assim, tem as passagens dos ônibus. Tem estas vantagens de ter esse dinheiro, mas eu penso, se eu tenho esse direito é porque eu envelheci.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

“Mudança ainda não senti, a não ser a aposentadoria.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

É perceptível que há diferença na maneira em que homens e mulheres envelhecem e como encaram este processo. A maneira de vivenciar e conceber o envelhecimento é definida em cada sociedade e se trata de um processo individual (CAMARANO, 2011; MOREIRA, 2002), não devendo ser tratado de maneira igualitária, uma vez que uns indivíduos tendem a apresentar elementos semelhantes do processo de envelhecimento, contemplando alterações comuns relacionadas à idade, enquanto outros se mantêm ativos em relação aos aspectos psicológico, físico e social (CAMARANO; GHAOURI, 2002; WONG; CARVALHO, 2006).

6.2.3 O processo de aprendizagem no envelhecimento

Questionou-se aos participantes se eles se sentiam capazes de continuar aprendendo. Identificou-se que os idosos não só se sentiam capazes de continuar aprendendo, como desejavam fazê-lo, conforme apontado em alguns depoimentos:

“Com certeza. Aprendi sim, a cabeça está boa ainda.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

“Eu gosto sempre de aprender uma coisa a mais, eu estou sempre aprendendo. Aprender ocupa lugar.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

“Aprendi, aprendi bastante. Tem que ter força de vontade também não é, você não pode parar no tempo também, não é? Por que a vida está sendo muito assim, é... evoluindo bastante, não é? Ai você tem que acompanhar a tecnologia, não é?” (A11, sexo masculino, 63 anos)

“Dá sim, normalmente. Até acho que agora estou com mais vontade de aprender. Estudo para as aulas, gosto de manter atualizada. Estudo a Bíblia. Estou sempre tentando aprender para ocupar meu tempo.” (A1)

“Sim, sim. Não tenho dúvidas. Só não aprende algo novo quem já morreu. Todo dia tem alguma coisa nova para aprender, nos pequenos detalhes, sempre tem. Ou é com as crianças, ou é na academia, ou é na Igreja.” (A20, sexo feminino, 72 anos)

É notório que a aprendizagem nesta fase é vista como uma oportunidade para que os idosos se sintam inseridos socialmente. Observou-se que se trata de uma forma para acompanhar as tecnologias e o mundo que está em constante evolução. O sentimento de inutilidade e a solidão, a falta de estímulo para novas atividades sociais, físicas e financeiras, além da motivação para a aprendizagem de atividades que estimulem a mente e o corpo, são aspectos que podem desencadear efeitos negativos do envelhecimento. Manter-se ativo socialmente e realizar atividades que possam favorecer o convívio social favorece para que os efeitos negativos do envelhecer sejam inibidos (GARCIA, 2001).

Nesse mesmo escopo, a fala dos participantes A2 e A13 trazem dois pontos relevantes, além da afirmação de continuarem aprendendo, da busca pelo conhecimento e pela ocupação da mente e da importância de conhecer as limitações e superá-las nesta fase, foram ressaltados, como se pode verificar a seguir:

“Claro que sim, eu posso ter limitações, mas eu aprendo muito. Eu gosto de aprender coisas novas, porque com o mundo hoje tem que ter a mente aberta para aprender. [...] as limitações que eu falo, são às vezes, eu demorar um pouco mais de tempo, ou precisar de mais ajuda para alguém me ensinar determinada coisa, mas é como tudo na vida, não é? Ninguém nasce sabendo.” (A2, sexo masculino, 67 anos)

“Que dá para aprender dá, mas tudo limitado, você já não tem aquela agilidade, não é, aquela rapidez igual era, sabe, você consegue talvez aprender as coisas, mas mais lento um pouco, mais dá sim, ainda mais que a gente tem que aprender porque se não a gente fica para trás.” (A13, sexo masculino, 67 anos)

Percebe-se que ambos ressaltaram que existem limitações para a aprendizagem, sejam elas decorrentes da diminuição da vitalidade física ou cognitiva. Entretanto, a

vontade de pertencimento leva-os a superar as barreiras da aprendizagem. A socialização e interação na sociedade são aspectos que impulsionam os idosos a praticarem novas atividades e procurarem meios de se reinserirem em um determinado contexto social (KACHAR, 2002).

A busca por novas atividades é importante para que o idoso possua um envelhecimento mais ativo. Favorece para que possuam melhores condições de saúde. A ausência do convívio social provoca efeitos negativos na capacidade cognitiva, além da depressão. O processo de aprendizagem promovido pela interação e pelo estímulo de novas atividades diminuem a dependência química do uso de tabaco, a obesidade e a pressão arterial elevada (ANDRADE; VAITSMAN, 2002).

Além de manter este sentimento de inclusão, a aprendizagem é necessária no ambiente de trabalho para proporcionar às pessoas mais competitividade e qualificações em suas atividades. Neste sentido, houveram participantes que, além das questões suplicitadas, relataram a importância da aprendizagem para suas atividades profissionais, como se pode verificar nas seguintes falas:

“Não dá para ficar sem aprender não. Lá onde eu trabalho todo dia tem coisa diferente, não dá para dizer que não aprende. É importante para minha profissão.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“Sinto, eu aprendo todo dia, ainda mais agora lá na câmara. Todo dia a gente aprende e isso é bom para mim, estes novos desafios fazem bem.” (A14, sexo masculino, 61 anos)

“Aprendi sim. Eu concilio meus horários entre o escritório e a escola ainda, porque ajudo lá na fazenda. E eu te digo que eu aprendo muito lá e na escola. São dois lugares diferentes, não é? Mais eu aprendo muito com as professoras mais novas, com os alunos. Lá no escritório é outro mundo, tem muita coisa que eu não estou acostumada, mais é bom porque assim que eu aposentar, eu vou continuar ajudando lá, para ocupar meu tempo também. Então a gente continua aprendendo e ajuda a gente [...]. Ajuda a ocupar a tempo, mente vazia não funciona.” (A1)

Na fala dos participantes é possível notar como a aprendizagem de novas atividades profissionais é importante para que desfrutem de um envelhecimento mais ativo e saudável. Sikota e Brêtas (2012), em um estudo com idosos que atuam no mercado de trabalho, evidenciaram que o trabalho é importante para que eles possam manter a independência e aprender novas formas de socialização, uma condição para se sentirem úteis. Apesar de proporcionar cansaço, o trabalho traz efeitos benéficos porque

favorece para que as pessoas possuam poder e contribui para a interação com o meio social (COUTRIM, 2006).

Já Marra e Souza (2012), ao pesquisarem o significado do trabalho para os idosos, compreenderam que este concede saúde, prazer, dignidade, crescimento, felicidade e relações sociais. Para os idosos, o trabalho apresenta significados importantes, além de contribuir para o orçamento familiar e para manterem-se financeiramente, também favorece a possibilidade de autonomia, contribui para o exercício mental – como uma oportunidade para se manter informado – e confere a identidade pessoal, o exercício da cidadania e a diminuição da rejeição social (CARVALHO, 2009).

Nesse mesmo escopo, um entrevistado relatou o estabelecimento de prioridades para continuar aprendendo, manifestando que ele sempre busca aprender sobre roteiros de viagens, culturas e novos países, uma vez que, por ter dedicado a vida ao trabalho, não teve esta oportunidade antes. Ele integrava um grupo de idosos que busca conhecer novos países e culturas. Curiosamente, ele relatou estar aprendendo a ser avô:

“Hoje está sendo diferente do que eu priorizava como aprendizagem anos atrás, sabe? Porque assim, eu sempre busquei aprender coisas novas para o meu trabalho, até porque eu tinha que aprender coisas novas, a profissão exigia isso, então eu não aproveitei muito para curtir minha família e tal e hoje eu quero isso. Sempre quis aprender sobre as culturas de outros países e agora eu estou aprendendo. E o legal que agora eu posso levar meus netos comigo, já que eu aprendo com eles o que é ser avô.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

Um estudo realizado por Borges (2016) revelou que os idosos estão buscando aprender novas línguas e culturas, desejam viajar para outros países e, além disso, sonham em realizar pelo menos um intercâmbio. Não obstante, são encontrados no Brasil oficinas específicas para o público idoso, destinadas a aulas de idiomas. Esta forma de aprendizagem estimula a mente e a saúde dos idosos, favorecendo a qualidade de vida e retardando, por exemplo, sintomas desencadeados pela doença de Alzheimer (BORGES, 2016).

Quanto ao aprender a ser avô, para Carter e McGoldrick (2001), antes de se tornarem avós, as pessoas passam por diferentes transformações durante o ciclo de vida. Em muitos casos, se tornam avós logo depois de se aposentarem ou estão no processo de envelhecimento e já tiveram que passar pelo estágio do ninho vazio. Ao se tornarem avós, surge um momento de reavaliação da vida e tendem a projetar nos netos os anseios que

não conseguiram suprir com os filhos. Torna-se, então, um momento de troca de conhecimento e aprendizagem.

Ramos (2014) evidencia que estudos na área de educação revelam que os idosos e as crianças se ajudam mutuamente: enquanto as crianças aprendem sobre diferentes realidades de vida, os idosos usufruem da vitalidade. Ao conviver com os netos, os idosos também dão sequência a relatos, histórias, tradições e culturas da família.

Em contrapartida aos relatos anteriores, um participante afirmou não se sentir capaz de continuar aprendendo. Entretanto, esta afirmativa não estava relacionada ao processo de envelhecimento e, sim, aos problemas familiares que desencadeavam fatores que limitam sua concentração:

“Ah não, eu não tenho cabeça para muita coisa mais não. Eu ando com a cabeça muito cansada, mas não é a idade, é problema de família. Como se diz, é muita coisa, para mim sozinha resolver.” (A6, sexo feminino, 72 anos) ”

Apesar de, *a priori*, afirmar não ser possível continuar aprendendo, em outros momentos da entrevista percebeu-se que esta participante ansejava em aprender novas atividades. A participante evidenciou que buscava nos seus momentos de descanso, aprender mais sobre o uso de novas tecnologias, entre elas, o computador:

“(…) quando eu comecei a usar o *facebook* eu não gostava de olhar pelo celular, por causa dos meus problemas de vista, achava a tela pequena. Meu neto me incentivou a comprar um computador, por causa da tela maior, eu não queria, mas depois eu comprei e hoje ele está me ensinando a usar. Ainda não aprendi tudo, porque tem muita coisa para fazer e tem a roça, mas nas horas que eu tenho um tempinho livre, eu gosto que ele me ensine.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Na literatura, são encontrados estudos que mostram a importância da informática no envelhecimento. Saraiva e Argemona (2008) acreditam que as aulas de informática para idosos podem tornar-se um momento de lazer, descontração, trocas de experiência e entretenimento. Já para Sales, Xavier e Bayer (2003) a utilização dos computadores e novas TIC's possibilita que os idosos possuam uma nova perspectiva de inclusão social, contribuindo assim para o aumento da autoestima e bem-estar, pois além de ampliar os horizontes da comunicação, proporciona o aumento da independência. Para Silva (2007), o uso do computador possibilita a aprendizagem e a atualização.

Nesta acepção, depreende-se para o objeto deste estudo, as RSV. Acredita-se, assim, que elas podem fortificar o mundo dos que, conforme os estereótipos negativos, deveriam interromper seus ideais. Por meio das tecnologias da informação e da comunicação é possível suprir anseios e adquirir conhecimentos e informações (KACHAR, 2002), favorecendo a aprendizagem e manter os idosos ativos socialmente. Podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica aplicada a idosos, pois, por meio delas, é possível que os mesmos melhorem a escrita e leitura (RODRIGUEZ et al., 2012).

Comumente relacionado à importância das TIC's para que o idoso desfrute de mais qualidade em sua vida, tem-se o relato da participante A16. Em sua fala, apesar de apresentar algumas dificuldades para desempenhar determinadas atividades físicas, mostrava-se receptiva a compreender novas tecnologias:

“Depende. Nem tudo dá para aprender mais. A cabeça cansa e o corpo já não tem aquele pique, mais tem coisa que dá para aprender sim. [...]. Uma receita nova, dependendo do celular eu dou conta de aprender usar alguma coisa, depende muito. Agora atividade física mesmo, já não gosto quando mudo de exercício, porque o corpo já não está ajudando muito e eu canso muito para fazer algum, então prefiro manter os mesmos.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

A entrevistada expõe, primeiramente, as dificuldades em aprender atividades relacionadas à vitalidade física. Alguns autores como Rizzolli e Surdi (2010) salientam que, nesta fase, a aprendizagem relacionada a atividades do corpo são mais limitadas, pois já não há a mesma vitalidade, coordenação motora e rapidez nos movimentos. Outros fatores que contribuem para que as limitações decorrentes da idade sejam minimizadas são as atividades que trabalham o fortalecimento da forma física e cognitiva (MATSUDO; MATSUDO; BARROS NETO, 2001). As atividades cognitivas, como jogos e leituras, contribuem para que as pessoas continuem sempre aprendendo e, conseqüentemente, favorecem as funções cerebrais (VYGOTSKY, 2000).

Entretanto, é importante ressaltar que a fala da entrevistada está de acordo o estudo de Argimon e Stein (2005), os quais concluíram que o envelhecimento em si não provoca modificações importantes e significativas nas habilidades cognitivas, tendendo os idosos, assim, a buscarem por novas atividades relacionadas ao padrão cognitivo.

Na literatura, são encontrados estudos que comprovam a importância da aprendizagem para a produção de novas conexões e, conseqüentemente, para a manutenção da mente saudável e ativa. Os estudos apontam, também, que em qualquer

idade é possível que o cérebro produza novas células, formando assim, novas conexões e sinapses. Logo, quanto mais ativo o idoso manter-se, maiores as possibilidades da preservação do cérebro (DELLA BELA, 2007). A aprendizagem de novas atividades estimula a capacidade do idoso de manter-se ativo e independente (EASTMAN; IYER, 2004).

6.2.4 Redes de apoio: relações familiares e sociais

Como já retratado neste estudo, diversas são as pesquisas que visam identificar a influência das relações familiares e sociais na vida de idosos. Dentre os resultados encontrados, desprende-se para os aspectos positivos, como diminuição da solidão e depressão. Entretanto, é sabido também que, nesta fase, é comum as pessoas vivenciarem experiências negativas, como o afastamento e/ou diminuição das redes de contatos (COIMBRA, 2008).

Nesta acepção, é importante compreender como os idosos percebem o apoio social que recebem das pessoas com as quais convivem, entre elas, familiares e amigos. Sobre estas percepções, Rodrigues e Silva (2013) ressaltam que não podem ser generalizadas e devem ser analisadas individualmente, pois embora as funções que são desempenhadas pelas relações sociais sejam significativas para o grupo, sua valorização está relacionada diretamente à maneira como o idoso percebe o apoio recebido. Essa percepção se traduz na crença de que o indivíduo é estimado e de que as pessoas se interessam por ele, estando disponíveis quando precisar (RODRIGUES; SILVA, 2013).

Desta forma, procurou-se compreender as redes sociais dos participantes, identificar quem são e se recebem e/ou se necessitam de algum tipo de suporte dos familiares. Em um primeiro momento, considerou-se as relações familiares, porque retomando Reis (2012), à família, tradicionalmente, é atribuído o cuidado e apoio ao idoso. Foi identificado como se dava a relação com os familiares, se eles recebiam suportes dos mesmos, sejam eles, emocionais, financeiros, físicos, dentre outros. Em seguida, verificou-se como era formada a rede social (parentes próximos, amigos, colegas de trabalho) e se, com o envelhecimento, esta rede de contatos modificou ou não, ou seja, se manteve, diminuiu ou aumentou.

Quanto ao suporte recebido da família, quinze participantes afirmaram que não possuíam e nem precisavam destes. Todavia, quatro destes participantes que, em um primeiro momento, afirmaram não receber suporte familiar, mencionaram alguns aspectos relacionados ao apoio emocional que a família oferecia, como a demonstração de carinho do cônjuge, filhos e netos, além dos parentes próximos:

“Suporte não. Eu tenho minha família unida, minha esposa, meus filhos, tem minha netinha, que como se diz, me dá esse suporte emocional, que todo mundo precisa, não é? Mais não é nada demais ou por causa da idade. Financeiramente, eu não preciso de ninguém, graças a Deus. Não tem suporte não. ” (A2, sexo masculino, 67 anos)

“Suporte da família? Não. Eu tenho uma relação muito boa com minhas irmãs, meus sobrinhos, mas nada que eu dependa deles. ” (A20, sexo feminino, 72 anos)

“Não. No emocional eu conto muito com meu marido, ele é muito bom neste ponto, converso muito com ele. Não gosto de ficar falando tudo para meus filhos. Financeiro, o meu e o dele dá para gente viver tranquilo e os meninos (filhos – grifos nossos) também vivem com o deles. Quanto ao físico, louvado seja Deus eu não preciso não. Eu ainda dou conta de fazer tudo sozinha e tal, eu dirijo, vou onde eu quero e também tem o Alê (marido) que me ajuda muito também. Hoje, mais que é eu e ele, não é? Porque os meninos estão casados e nem sempre dá para gente ir lá ver eles e eles aqui, então, emocional mesmo é mais meu marido. ” (A8, sexo feminino, 74 anos)

“Não. Bem, meus filhos me ajudam emocionalmente, quando a gente está mais para baixo e tal ou precisa de um apoio deles, eu conto com eles. Financeiramente, eu mais ajudo eles, do que eles me ajudam (risos). Meu dinheiro, graças a Deus, dá para viver bem e ajuda-los. ” (A4, sexo feminino, 64 anos)

Sentir-se útil, amado e pertencente à sociedade é o objetivo de todas as pessoas. Entretanto, ao envelhecer, as pessoas tendem a diminuir sua rede de contatos e, logo, a necessitar de suporte emocional. As redes familiares e sociais podem ser fontes deste suporte. Os relacionamentos que os idosos mantêm contribuem para os efeitos positivos do apoio emocional, dentre eles, a manutenção e a proteção da saúde, o estímulo do significado da vida, diminui o estresse, favorece o bem-estar psicológico e reduz o isolamento (MATSUKURA; MARTURANO; OISHI, 2002; PAPALIA; OLDS, 2000). O suporte emocional está diretamente relacionado aos sentimentos, à aceitação, à estima, ao apoio e à segurança que são oferecidos e recebidos por meio das relações familiares e sociais (CARVALHO et al., 2004)

Além das questões relacionadas à afetividade que recebia dos filhos, a participante A1, discorreu para o fato de ser o suporte dos filhos:

“Não. Pelo contrário eu sou o suporte da família. Estou com a cabeça cansada por causa disso, tenho 1 filho que só me dá trabalho e ele já é velho, tem 42 anos. Filho criado é trabalho dobrado, é a mais pura verdade. Minhas meninas falam para eu ir para Uberlândia, morar lá perto delas, mas eu tenho minha vida aqui. Eu tenho meus netos que eu também ajudo. É eu sozinha para resolver tudo.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

A fala da participante expõe a realidade vivenciada por alguns idosos no Brasil. Em muitas situações, os idosos tendem a ser o chefe da família, não só financeiramente, como também, desempenhando a figura de conciliadores diante dos conflitos (CAMARANO, 2002; GOLDANI, 2009). Nesta mesma linha, Saad (2004) e Almeida (2015) discorrem que a mulher, tradicionalmente, desempenha, simultaneamente, a função de cuidadora, protetora e detentora do carinho e do afeto. Ao envelhecer, esta posição tende a continuar. Em muitas situações, a mulher idosa é a fonte de suporte familiar.

Em relação aos participantes que disseram possuir algum tipo de suporte, constatou-se que o mesmo estava relacionado às questões emocionais e físicas, conforme indicado em alguns relatos:

“Tenho sim. A idade já não permite fazer tudo sozinha, então conto com a ajuda de algum um filho, de um neto para fazer alguma coisa, também para ir ao médico ou determinado lugar, mas ainda faço muita coisa sozinha. Eles são muito carinhosos.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Depende da situação. Por eu ser separada, meus filhos são muito grudados, no sentido em querer saber como está, me levar para viajar com a família, neste sentido. Às vezes, em algumas situações esporádicas, como alguma consulta médica ou algum auxílio relacionado à advogado, estas coisas, eles me auxiliam, mas nada que eu dependa totalmente deles, até porque, eles também possuem a vida deles. Agora sobre carinho, eles são ótimos! Financeiramente, o que ganho é muito bom.” (A1)

“Emocional, no caso assim, eu tenho dos meus filhos. Tudo eu tenho apoio deles, marido eu já não tenho mais e meus parentes moram distantes. Está bom, só de saber que tem alguém, tem eles, não é?! Levanto o astral, assim, sabe!? Financeiro e físico, graças a Deus não dependo de ninguém.” (A12, sexo feminino, 69 anos)

Observou-se na fala da participante A16 dois tipos de suporte: o físico e emocional. O suporte físico está relacionado à realização de determinadas tarefas, enquanto o emocional, às questões afetivas. Os aspectos emocionais também ficaram

evidentes nas falas dos demais participantes, sendo estes relacionados a uma forma de demonstração de carinho e não, especificamente, como apoio decorrente do processo do envelhecimento.

Estes resultados são semelhantes às questões expostas por Ramos (2002), o qual afirma que os idosos que mantêm contato afetivo com familiares e amigos desfrutam de um processo de envelhecimento com mais bem-estar social e psicológico, pois percebem neles o apoio que necessitam para vivenciarem esta fase. As relações familiares são importantes para que os idosos desfrutem de um processo de envelhecimento mais satisfatório e com mais autonomia. Os idosos que possuem uma relação ativa com familiares e amigos são os que possuem as melhores condições de saúde e diminuição de sentimentos de solidão e depressão (HIPPI, 2006).

Neste sentido, retomando Zimerman (2000), a família tem importância fundamental para a pessoa idosa. É o núcleo por excelência onde o idoso busca apoio para sua vivência afetiva. Quanto mais saudáveis forem as relações familiares, mais feliz e ajustado será o idoso. Estudos revelam que idosos que mantêm uma frequência de contato com os entes queridos (familiares e parentes próximos) apresentam elevados escores de satisfação com a vida e melhor estado de saúde (PINQUART; SÖRENSEN, 2000).

Comumente relacionado à importância dos relacionamentos familiares para o idoso, tem-se a fala da participante A18:

“Às vezes assim, conforme as situações que a gente tem, a gente pede um filho, tipo assim, para acompanhar num hospital porque eu não gosto de ir sozinha. Poderia muito ir sozinha, mas meus filhos não gostam que eu vá sozinha, eles gostam de demonstrar este cuidado, além do carinho não é, então coisa assim... Financeiro, dependendo não, eu vivo a minha vida com o que eu tenho. Físico, graças a Deus, preciso também não.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

Por meio do relato da entrevistada A18, notou-se que apesar da independência que a idosa possuía, existia um suporte oferecido pelos filhos a ela. Os filhos acompanhavam-na em determinados lugares, como, por exemplo, na ida ao médico, oferecendo, assim, suporte emocional e físico, apesar deste suporte físico não ser reconhecido pela idosa.

Outra constatação interessante é o apoio emocional que as participantes A2 e A8 relataram receber de seus cônjuges, o que difere de dados de pesquisas encontradas. Em geral, os homens procuram e encontram em suas companheiras mais reciprocidade, mas

as mulheres não encontram a mesma em seus cônjuges (RODRIGUES, SILVA, 2013). Para Hernandis (2005), a família é considerada a principal fonte de apoio, sobretudo para os idosos que possuem alguma dependência. O cônjuge, por sua vez, é o elemento preferido para a idosa e/ou idoso na busca por ajuda e apoio (HERNANDIS, 2005).

No que se refere à rede de contatos, cinco participantes disseram não terem vivenciado nenhuma modificação em relação à rede de contatos; oito afirmaram que com o envelhecimento a rede de contatos aumentou; e oito afirmaram que diminuiu. Além dos aspectos quantitativos da rede de contatos, os relatos dos participantes possibilitaram, também, compreender quem são os atores que formam suas redes sociais, ou seja, identificou-se com quem os participantes possuem mais relação e em quem eles encontram apoio social.

Observou-se que, primeiramente, os idosos buscavam apoio do cônjuge, filhos e netos. Em seguida, mantinham ativos os contatos com familiares e parentes próximos, como irmãos e sobrinhos. Apesar de ser considerada importante pelos participantes, a rede dos grupos de convivência, como colegas de trabalho e grupos religiosos, foram citados em últimos lugares.

Em contrapartida, estas redes formadas pelos grupos de trabalho, igreja, vizinhos e amigos, se mostraram significativas para a qualidade das interações que os participantes possuíam. Ao verificar se houve mudança na rede de contato social após o envelhecimento, percebeu-se que, os participantes que continuavam exercendo atividade profissional, relataram que a rede de contatos se manteve ou até mesmo aumentou. Especificamente, os participantes que indicaram um aumento na rede de contatos, foram aqueles que, ao aposentarem, continuaram exercendo alguma atividade no mercado informal. Como exemplo, tem-se o caso da participante A6, que era viúva, mas que declarou que manteve durante anos um casamento conflituoso e que, após o término do mesmo, começou a usufruir de mais liberdade.

Já os fatores mais citados pelos participantes os quais disseram que a rede de contatos diminuiu, foram: a aposentadoria, o isolamento social decorrente da aposentadoria e da viuvez, e a acomodação, conforme apresentado nos resultados seguintes:

“Não, acaba que tem diferença e diminui. Por exemplo, você vai numa festa, vai num lugar assim, então você já sente assim, eu tenho que ficar com o pessoal mais ou menos igual eu assim, eu não vou ficar junto com qualquer pessoa, com qualquer grupo, por que eu penso assim, meus assuntos já não batem mais com o assunto de alguns, de pessoas mais jovens. Acaba que você fica mais na sua, no seu lugar. E eu não tenho a mesma quantidade de amigos porque agora eu acomodo mais, quando você é jovem, você sai mais, você trabalho e hoje eu não trabalho. O melhor lugar é, da gente fazer amizade, é, acaba sendo no serviço, no lazer, não é!? Você já acomoda mais, então a rede social diminui muito.” (A12, sexo feminino, 69 anos)

“Diminui porque as prioridades mudam. Você não vai para o trabalho, você não participa com frequência de festas, estas coisas influenciam.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Querendo ou não diminui sim, não tem isso. Com certeza eu tinha mais contato com as pessoas quando estava na supervisão da escola, eram pais, alunos, colegas do trabalho. Quando se aposenta, distância. Não tem aquela convivência diária mais.” (A1, sexo feminino, 61 anos)

Em contrapartida, para os idosos A16 e A6, a diminuição da rede de contatos foi relatada como um processo natural, que se modifica de acordo com o curso da vida:

“Muda sim, não tem como. Uma maneira de manter muitos contatos é trabalhando, são quando os filhos são novos ainda e você acaba convivendo com os pais dos amigos dos filhos, muito com os amigos dos filhos. Tem também se você é casado, também influencia bastante, a morte de um acaba afastando também as pessoas. Então vai diminuído.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“Não tem como manter, ao longo da vida eu acho que vai diminuindo sim, só quando você é mais jovem mesmo para se ter muitos amigos. Eu acho que é difícil depois que você tem filho ter muitos amigos, você vai mantendo contato com pessoas inseridas naquele mesmo contexto que você, assim: o contato de outros pais quando os filhos estão pequenos, os amigos dos filhos, os colegas do trabalho, as colegas da Igreja.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

Outra constatação evidenciada pelos entrevistados para a diminuição da rede de contatos é a falta de disposição física, conforme indicado em alguns relatos:

“Muda sim, não tem como manter. Você já não quer fazer tanta coisa igual antes, entendeu? Você já fica mais em casa.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Ah não, diminui. Como diz o caso do outro, a gente acaba ficando mais em casa.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Contatou-se que a mudança da rede de contato dos participantes estava relacionada ao sentimento de não pertencimento a determinados grupos e, até mesmo, a determinados ambientes públicos, envolvendo tanto o lazer individual quanto o familiar.

Ao envelhecer, as pessoas tendem a se isolar devido à aposentadoria, ao distanciamento familiar, à saída dos filhos de casa, à perda do cônjuge e à diminuição da capacidade financeira. Estas, acostumadas ao ritmo do trabalho e convivência familiar próxima, possuem dificuldades de preencher o tempo livre, além disso, não sentem pertencentes mais ao ambiente público (GUIMARÃES; GRUBITS, 2003).

O trabalho constitui uma parcela considerável na rede de contatos pessoais, o que evidencia a importância, novamente, do ambiente público para o ser humano. Os participantes que disseram que a rede de contatos se manteve ou aumentou, relataram que isso se deu à própria característica e/ou à permanência no mercado de trabalho. Algumas falas apresentam essas questões:

“Não, não. É a mesma coisa. Eu comunico com qualquer pessoa. ” (A2, sexo masculino, 67 anos)

“No meu caso, aumentou, porque eu fiquei viúva e então fiquei bem isolada durante muito tempo. E os filhos vão estudar e por lá ficam, não é?! Aí, quando eu envelheci e aposentei, eu fui procurando, sabe outras coisas para fazer, e fui achando, fui entrando mais para a Igreja, participando de encontros com pessoas da mesma idade que eu e acabei conhecendo mais pessoas. ” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Aumentou. No meu caso aumentou por causa do trabalho lá na câmara. ” (A14, sexo masculino, 61 anos)

“Não diminuiu porque eu acho que eu conheço muita gente e também porque eu ainda trabalho, acaba que isso ajuda também. E também tem os trabalhos na Igreja que a gente está sempre ajudando. ” (A13, sexo masculino, 67 anos)

“Eu não vi que diminuiu, até acho que aumentou. Porque antes eu trabalhava só no banco, agora também vou para a fazenda. Então, tenho contatos que as vezes no banco eu não tinha, porque são dois ambientes diferentes. ” (A20, sexo feminino, 72 anos)

“Aumentou, porque como eu aposentei e fui procurar outro trabalho diferente eu acabei conhecendo mais pessoas diferentes, tendo contato com mais gente mesmo, entende? Acho que diminuiu quando a pessoa fica quieta em casa. ” (A5, sexo masculino, 73 anos)

“Bem, eu aumentei, porque antes eu não tinha tanto tempo como eu tenho agora para ir em uma academia, participar mais das pastorais da Igreja. Era tudo muito corrido, a realidade era diferente, tinha que trabalhar para ajudar com a criação dos filhos. Agora não, e ainda mais com a separação, comecei a conhecer mais pessoas, acredita nisso? Acho que a culpa era dela (risos), mas enfim, hoje, eu vou para academia, eu vou para o encontro da Igreja, eu vou para festas, eu tenho as colegas da escola, eu procuro manter contato com todo mundo, gosto da casa cheia, tem os amigos dos meninos que quando podem me visitam. Tem as meninas do salão (salão de beleza) que são ótimas. Sabe, então é isso, ah, tem as viagens que eu faço. Eu não paro, adoro conversar, adoro ver gente e isso vai

contribuindo para gente não ficar sozinho, porque isso que não pode, às vezes alguns amigos distanciam e tudo, mas você tem que criar uma forma de conseguir outros.” (A1)

O trabalho é, para os participantes, um ambiente social desvinculado das relações de amizade. Entretanto, ao mesmo tempo, constitui um núcleo importante para o convívio social, já que, implicitamente, durante a maior parte da vida, as pessoas convivem com os colegas de trabalho. O convívio diário, as relações interpessoais e as trocas de experiências proporcionadas pelo trabalho tendem a diminuir ao se aposentar (BULLA; KUNZLER, 2005). Com a aposentadoria, alguns idosos acabam desligando-se socialmente, pois viam no trabalho a fonte de relações sociais (OLIVEIRA; GOMES; OLIVEIRA, 2006).

Faz-se necessário realizar algumas considerações acerca da rede formada por vizinhos. Observou-se em registros de campo que os participantes desfrutavam de um bom relacionamento com os mesmos. Implicitamente, em várias situações, os vizinhos e não os familiares eram a primeira fonte de apoio. Percebeu-se que, para eles, o relacionamento com os vizinhos devia ser o mais “simpático” e “cortês” possível. Em várias situações percebeu-se que as relações com os vizinhos eram construídas em laços fortes. A participante A17, informalmente, após a entrevista, relatou: “nem sempre tem alguém perto, então a gente sempre tem um vizinho que dá para contar”, o que confirma esta questão.

Os grupos com os quais os idosos conviviam, como os vizinhos, em muitas situações, eram vistos como uma segunda família. Os idosos buscavam neles a ocupação em tempo livre e o apoio que os familiares, devido à distância, não podiam oferecer. Esta convivência contribui significativamente para sua qualidade de vida, já que aqueles que apresentam maiores relacionamentos vivem mais e melhor (MINÉ, 2014).

6.3 Redes sociais virtuais: motivações, desafios e possibilidades

Neste tópico, são apresentados os resultados relativos às motivações que desencadearam a utilização de RSV pelos participantes. Além destes, também foram observadas algumas questões relativas ao perfil dos idosos que possuíam RSV quanto ao seu uso, além dos desafios e possibilidades que encontraram.

Primeiramente, são retratados aspectos relacionados ao uso, as dificuldades e os benefícios encontrados, em seguida, são expostos os fatores que motivaram os idosos a adotarem as RSV em seu cotidiano.

6.3.1 Redes sociais virtuais: uso, benefícios e dificuldades

Inicialmente, identificou-se as principais RSV utilizadas pelos idosos, o principal meio de acesso, os dias da semana e o turno em que eles as utilizavam, além da quantidade de tempo gasto e a principal função utilizada.

A principal rede social utilizada foi o WhatsApp, que era utilizada por todos os idosos estudados, seguido do Facebook (Tabela 02).

Tabela 02 – Principais RSV utilizadas pelos participantes, São Gotardo/MG, 2017.

Redes sociais virtuais	<i>f</i>
WhatsApp	21
Facebook	17
Messenger	11
Instagram	8
Snapchat	5
LinkedIn	2

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A preferência pelo uso do WhatsApp pelos participantes foi justificada pela facilidade de uso. Em geral, os idosos o descreveram como o aplicativo com os recursos mais simples, além de destacarem sua facilidade para comunicação.

“Eu utilizo mais o WhatsApp, porque nós temos um grupo maior da família inteira. Então, igual hoje, por exemplo, é aniversário do meu sobrinho. Então hoje, a família inteira: São Paulo, Marília, Belo Horizonte, Manhuaçu, então tudo hoje, tão mandando mensagem. Então ouve que chegou uma mensagem, a gente já fica louca para saber: quem mandou a mensagem agora? Então o que eu mais uso é ele. Mais eu uso o facebook também, todos os dias, eu uso ele para ver a inspeção da supervisão que postam muitas notícias. ” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“O WhatsApp, por causa dos grupos, tem o da família nossa aqui e dos meus irmãos e sobrinhos. É bom demais, você comunica rapidinho com eles. Qualquer coisa já está todo mundo sabendo. Ele é mais fácil para isso. ” (A20, sexo feminino, 72 anos)

Este aplicativo vem sendo amplamente utilizado, e não possui custo para uso, sendo necessário apenas acesso a um telefone inteligente com conexão à Internet. Possibilita, além das mensagens básicas, que seus usuários criem grupos, enviem mensagens ilimitadas com vídeo, áudio e imagens (AHARONY, 2015; GAIKAR; GAIKAR, 2015), comuniquem-se gravando e enviando mensagens com vídeo ou som (PARK; CHO; LEE, 2014).

No que se refere aos meios de acesso, os 21 participantes declararam acessá-las por meio do *smartphone*. Entretanto, salientaram que também gostavam de acessá-las por meio de microcomputadores (*notebook*) e *tablets*. O motivo para utilização de microcomputadores pelos participantes está no tamanho da tela, já que, segundo eles, é melhor para acessarem o aplicativo Facebook. Dados divulgados pelo IBGE (2016) mostram que o microcomputador com acesso à Internet registrou uma redução entre 2013 (42,4%) e 2015 (40,5%) de presença nos domicílios brasileiros. Entre as possibilidades, infere-se que alguns domicílios que antes contavam com computador passaram a fazer o acesso à Internet por meio de outros tipos de dispositivo, como *tablets* e telefone celular.

Quanto aos dias da semana, à quantidade de tempo despendido para o uso de RSV e ao turno que mais utilizam, verificou-se que os 21 participantes utilizavam-as todos os dias, com tempo gasto entre trinta minutos e acima de cinco horas de uso diário. Percebeu-se que os participantes que estavam ativos no mercado de trabalho, utilizavam as RSV à noite, enquanto os demais declararam não possuírem horário certo para utilização:

“Todo dia e toda hora se deixar (risos).” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Mais a noite mesmo, depois que chego do trabalho, mas se eu pudesse usava mais (risos).” (A11, sexo masculino, 63 anos)

“Se não policier eu nem durmo direito com ele. Eu vejo sempre que dá tempo.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

Sobre os recursos/ferramentas disponíveis nas RSV, predominou a utilização de mensagens instantâneas (21), seguida de fotos e vídeos (13), publicação e compartilhamento no mural do Facebook (11) e participação em grupos (8). Quando questionados sobre quem os incentivou a criarem perfil nas RSV, constatou-se que os familiares foram os principais incentivadores para doze participantes, seguido dos

colegas de trabalho (5), enquanto para quatro, o interesse partiu deles próprios. Por meio dos resultados, observou-se que a adoção das RSV pelos idosos está relacionada ao incentivo de familiares, em especial, dos filhos. Os filhos, foram os principais incentivadores para 4 participantes, enquanto para três idosos foram os netos e o cônjuge, e para dois os irmãos e sobrinhos.

No que tange às dificuldades de uso das RSV, seis participantes relataram que não tiveram nenhuma dificuldade. Já os demais participantes, citaram que possuíam dificuldades no manuseio (6); na inserção de fotos e vídeos (5) e no compartilhamento de informações no recurso disponível no Facebook (1), conforme relatado:

“Tem, porque a gente já começou a utilizar depois de velho, então eu não tenho a mesma facilidade que os meus filhos têm. Eu tenho dificuldade, mas eu tenho, pergunto para um, pergunto para outro. Meu genro outro dia brincou comigo: o computador da senhora está estragado uma peça que tem entre a cadeira e o computador (risos).” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Um pouco tem, porque a gente faz tudo mais lento, então tem hora que a gente esquece como que faz, o que tem que fazer.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

Sobre a dificuldade no manuseio, o participante A10 relatou:

“Eu tenho dificuldade para aprender usar o celular e também para escrever, então gosto de enviar áudio. No início tive mais dificuldade para escrever, mas depois foi tranquilo com os áudios.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

Esta dificuldade, por sua vez, estava relacionada à inabilidade para escrita do idoso, mas que foi resolvida por meio do recurso de envio de áudio. Esta facilidade de comunicação favorece para que os idosos possuam uma maior e melhor rede de relações, haja vista que os relacionamentos que os idosos estabelecem são significativos para que os mesmos possam desfrutar de um processo de envelhecimento ativo e saudável (SIQUEIRA; SILVA, 2002).

Já referente às dificuldades encontradas com a inserção de fotos e vídeos, observou-se que esta não era uma dificuldade inerente unicamente às etapas descritas no aplicativo e, sim, ao medo de exposição. Percebeu-se que 15 participantes possuíam receio em compartilhar muitas informações do seu cotidiano, preferindo apenas acompanhar a rotina dos familiares e amigos. Os que relataram gostarem de compartilhar

fotos e vídeos mencionaram utilizar este recurso sempre com a presença de algum conhecido próximo, para que, assim, o fizessem seguramente:

“[...] eu sei como que faz, mais eu tenho um pouco de postar muito, sabe? A gente vê tanto coisa ruim. Quando eu posto eu gosto de postar juntar com a Ana Paula (filha) porque eu tenho mais certeza que não estou postando nada errado. Apesar que eu gosto mais de ver os vídeos e acompanhar como eu te falei as coisas.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

“[...] Dificuldade, assim... dificuldade eu não tenho não, às vezes, acontece da gente esqueci como que faz, assim: “você está lá postando e de repente, ai meu Deus e agora como que faz” aí tem que pensar bem. Quando eu coloco foto eu tenho que concentrar mais, ter mais cuidado, já fiz coisa errada, uma vez tive que ir na casa do vizinho de cima para ele me ajudar com uma foto errada que eu postei. Fiquei com uma vergonha (risos), mais é mais isso mesmo.” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“[...]. Eu tenho medo de expor demais, não gosto mesmo. Eles ficam falando: “pai troca esta foto sua, está antiga demais”, mas eu não troco não, deixo lá quietinho, deixa lá, as pessoas notaram menos nós, não é? Tem gente que faz um bolo e posta lá, falta só contar que vai ao banheiro. Sei não, eu fico com o pé atrás com estas coisas.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

Machado et al. (2013) obtiveram resultados semelhantes ao estudarem o perfil de um grupo de idosos que utilizou RSV e participava de um curso de inclusão digital ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os autores concluíram que os idosos são muito preocupados com sua privacidade nas RSV. Em muitas situações, possuem receio da exposição excessiva de sua vida pessoal. O medo da exposição é justificado, pois os idosos cresceram em uma realidade diferente dos jovens desta geração. Os mais jovens apresentam familiaridade com as RSV e as tecnologias, enquanto os idosos, em muitas situações, sentem receio, medo e estranheza (KACHAR, 2003).

Neste sentido, questionou-se a cada um dos participantes se eles se consideravam uma pessoa adepta ao uso da tecnologia. Os resultados evidenciaram o que as pesquisas recentes apontam: os idosos encontram dificuldades na adoção da tecnologia porque é uma realidade diferente da vivenciada por eles. Entretanto, ao conhecerem seus benefícios, se mostram otimistas quanto a sua utilização (KACHAR, 2003). Ferreira e Luiz (2016), ao trabalharem com a prontidão de tecnologia com pequenos e médios empresários, constataram que os empresários com idade superior a sessenta anos sentiam-se mais otimistas com os avanços tecnológicos, mostravam-se confiantes aos benefícios

que estes poderiam oferecer, entretanto, revelavam-se mais inseguros e desconfortáveis com sua utilização. A participante A11 discorre para esta questão:

“Eu acho que eu sou adepta sim, eu tenho um pouco de receio porque nem tudo eu sei se é bom ou não. Igual para comprar o celular mesmo, eu pedi ajuda ao meu neto porque eu não sei qual é o melhor, mais eu gosto sim.” (A11, sexo masculino, 63 anos)

Além disso, alguns entrevistados relataram que não há como viver sem a tecnologia e a descreveram como uma ferramenta para “acompanhar o mundo” e “não ficar para trás”. A inclusão por meio das tecnologias possibilita uma forma de pertencimento, além de facilitar a participação na sociedade (PASSERINO; PASQUALOTTI, 2006):

“Sim, não tem como hoje em dia a gente ficar sem a tecnologia, não é? Ela está em tudo hoje, e é tudo tão rápido, se você não acompanhar, você acaba ficando para trás.” (A20, sexo feminino, 72 anos)

“Eu me considero, eu acho que nós temos que a utiliza-las, procurar conhecer. Eu gosto de conhecer as novidades, é uma forma de manter no mundo.” (A12, sexo feminino, 69 anos)

Neste sentido, um participante, ao se descrever como adepto para o uso da tecnologia, mencionou os motivos que o faziam adotá-la em seu cotidiano:

“Eu gosto sim e sou adepto as tecnologias, em tudo eu gosto. Aqui você está falando só em questão de facebook?! Porque eu tenho para mim o seguinte: tudo que você vai mexer hoje em dia é tecnológico, é no carro, é no banco, é em casa, tudo. Está todo mundo usando, eu acho que é minha obrigação acolher ela também. Porque eu penso assim, se eu estou vivo eu tenho que ir mudando de acordo com o mundo, não é verdade? Porque se isso não acontece, sua mente cansa, você já não é mais útil, porque você fica ultrapassado. Até para comunicar hoje em dia é preciso dela, então, tem que gostar de conhecer.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

Notou-se que a tecnologia é vista como uma forma de contribuição para a redução do sentimento de inutilidade que pode ocorrer no envelhecimento. O participante ainda justifica a sua aceitação ao uso da tecnologia como uma obrigação para manter-se inserido neste contexto “se eu estou vivo, eu tenho que ir mudando de acordo com o mundo, não é verdade?”.

Todavia, a tecnologia pode ser assustadora para os idosos em um primeiro momento, mas torna-se fascinante quando os estigmas são diluídos, possibilitando compreender um novo universo (MACIEL; PESSIN; TENÓRIO, 2012). Manter contato

com parentes, encontrar amigos, melhorar os processos cognitivos, entre outros, são alguns dos benefícios que as tecnologias e, em especial, as RSV proporcionam quando os estereótipos negativos sobre a tecnologia são desfeitos pelo idoso. Desse modo, por meio dos relatos, pôde-se identificar as principais contribuições que as RSV trouxeram para suas vidas, podendo-se citar as questões relacionadas à maior comunicação com as redes de contatos sociais, ao entretenimento, à socialização, ao lazer, à economia financeira e às informações profissionais.

No aspecto “maior comunicação com as redes de contatos sociais”, notou-se que esta foi a contribuição mais evidente citada pelos participantes. A possibilidade de comunicar com alguém sem limite de distância, a qualquer hora e lugar, eram vistos como significativos, principalmente, entre aqueles idosos que possuíam familiares em outras localidades:

“Tem muitos benefícios, a gente entretém mais e outra, melhora demais para comunicar com os familiares. Tem muitos benefícios.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

“Igual eu te falei a vantagem de ter toda família unida no WhatsApp é bom demais, você sabe notícias deles a qualquer hora e lugar. Isso é muito bom e tem outras coisas também, ajuda em nos manter mais por dentro das notícias, do que acontece diariamente ao redor do mundo e eu gosto muito disso.” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“O benefício que eu posso acompanhar a minha netinha americana por aqui, por esse celular. O que se eu não tivesse não ia acontecer, você entende?” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Os entrevistados destacaram, também, que os laços entre os familiares se tornaram mais harmônicos, como tratados anteriormente, visto que as RSV, em especial Facebook e WhatsApp, possibilitavam que eles vivenciassem e acompanhassem o cotidiano dos filhos e netos que moravam distantes.

Quanto ao “entretenimento, socialização e lazer”, observou-se que além da comunicação, os idosos viam como vantajosa a possibilidade de desenvolverem outras tarefas, como acompanhar notícias, desfrutar de jogos virtuais (Facebook), selecionar as informações e os grupos que queriam participar, além de ser considerado como uma forma de lazer:

“Eu gosto porque eu posso acompanhar o plantão da inspeção, olhar as notícias no próprio Facebook, acompanhar o que as pessoas estão achando de tudo. Dá também para jogar.” (Risos), é um lazer (A1)

“É entretenimento, uma coisa muito boa na minha vida.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

Já sobre o aspecto “economia financeira”, os participantes reduziram os gastos com os planos que possuíam para realizarem ligações. Três participantes (A2, A6 e A11) relataram que cancelaram a assinatura que possuíam de telefone fixo em suas residências. Não era mais necessário, já que os aplicativos (Facebook e WhatsApp) possibilitavam a troca de mensagens por meio de telefone celular, além do compartilhamento de arquivos de texto, vídeo e áudio, não possuindo custo de utilização (AHARONY, 2015; GAIKAR; GAIKAR, 2015; PARK; CHO; LEE, 2014).

Comumente relacionado à redução de custos, os participantes A1, A3, A5, A11 e A18 mencionaram que os aplicativos possibilitavam, também, além dos fatores já mencionados, uma comunicação mais ágil com os colegas de trabalho e, desta forma, auxiliavam para que as atividades profissionais fossem desempenhadas com mais rapidez, visto que muitas informações podiam ser resolvidas por trocas de mensagens pelos aplicativos, além do compartilhamento de arquivos de texto e vídeo. Os participantes A3 e A5, por trabalharem com transporte, afirmaram que com o uso dos aplicativos conseguiram elevar o número de clientes, visto que as pessoas tendem a utilizar também o aplicativo para resolverem negócios:

“[...] Ajuda também para o trabalho, o cliente já vê o número no cartão, não liga mais para pedir um taxi, ele manda uma mensagem, então ajuda bem, porque se eu não tivesse também o WhatsApp eu ia perder cliente.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

Frente ao exposto, notou-se que os participantes, apesar de se mostrarem um pouco receosos à adoção imediata da tecnologia e, em especial, às RSV, são pessoas que reconhecem sua importância em suas vidas e os benefícios que elas podem oferecer. Estão dispostos a aprender o que as novas tecnologias têm a oferecer. Diante das considerações, identificou-se quais os fatores motivaram a adoção das RSV pelos idosos. Assim, como as influências já retratadas neste tópico, compreendeu-se que a família também é o principal aspecto motivador.

6.3.2 Fatores motivadores da utilização de redes sociais virtuais pelos participantes

Em relação aos fatores motivadores para a utilização das RSV pelos idosos, o principal foi a possibilidade de maior comunicação com os familiares e parentes. Constatou-se que, para todos os idosos, a relação familiar motivava a adoção das RSV. Os fatores “contato com a família (filhos e netos)”, “acompanhar a rotina dos filhos, netos e parentes distantes” e “contato com parentes”, foram os mais citados pelos participantes (Tabela 03). As RSV podem, assim, proporcionar aos idosos uma maior e melhor interação com os familiares.

Tabela 03 – Fatores motivadores da utilização RSV dos participantes, São Gotardo/MG, 2017

Fatores motivadores	<i>f</i>
Acompanhar rotina dos familiares	16
Familiares: filhos e netos	15
Contato com parentes próximos (irmãos e sobrinhos)	13
Manter atualizado das informações	10
Financeiros	9
Socialização	9
Manter conectado com o mundo	7
Profissional	3
Total	82

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

A perda de um membro familiar, a saída dos filhos de casa, a aposentadoria e a viuvez são eventos que podem influenciar os idosos a adotarem RSV no seu cotidiano, já que, a partir destas novas mídias, eles começam a descobrir novos meios de comunicação com familiares, parentes e amigos em qualquer lugar do mundo. Possibilita, também, sentirem-se incluídos socialmente. As mudanças paradigmáticas fazem com que este grupo etário busque espaço no mundo virtual (BOYD; ELISON, 2007). Seu uso proporciona maior integração e apoio em diversos aspectos, dentre eles o suporte social, que é importante para o aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida, da capacidade de enfrentar problemas, do aumento da autoestima e da vontade de viver (ANDRADE; VAITSMAN, 2002).

Faz-se necessário apontar que, durante as entrevistas, vários aspectos implícitos foram anotados em registro de campo, como: sentimentos de nostalgia, lembrança de momentos vividos com a família, celebração festiva e rotina que foram surgindo no desenrolar das falas. Percebeu-se que esses fatores carregam em si significados que os idosos atribuem a eles, sendo muito importantes de serem considerados.

A maioria (14) dos idosos utilizava as redes sociais virtuais para se conectarem com filhos e/ou netos que residiam em outras localidades, sendo esta uma maneira de amenizar a saudade dos familiares, conforme apresentado em algumas falas:

“[...] Foi porque era mais fácil para conversar com meus filhos. É mais fácil para conversar com eles, ainda mais que eles moram longe e não dá para ver sempre.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“[...] assim no caso, você fica sabendo o que está acontecendo com a sua família o mais rápido, e, assim, você fica sabendo de todos ao mesmo tempo. Porque às vezes você ligava de vez em quando para um e de vez em quando para outro. E agora sim, no WhatsApp a gente tem um grupo, aí eles já colocam o que está acontecendo, aquele tanto de gente já vai comentando, sabe!” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“[...] Por causa das minhas meninas [filhas], netos, os parentes e depois amigos. Minhas meninas em especial, né!? Porque as duas moram em Uberlândia e aqui, como se diz, só sobrou eu, por enquanto. Tem dia que tem neto, tem sobrinho, mas geralmente é só eu e Deus. E aí a gente fala todo dia pela Internet, pelo Facebook, pelo WhatsApp. Eu tenho também uma netinha americana [...]. É bom demais, eu vejo foto dela toda hora, fico esperando os vídeos dela.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“[...] no caso, foi porque meus filhos não moram aqui em São Gotardo, então eles me falaram para usar também o *WhatsApp* porque iria ficar mais fácil conversar com eles lá.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

Estes resultados são semelhantes a outros estudos encontrados na literatura. Ariyachandra et al. (2009), ao estudarem as percepções dos consumidores de mídias sociais no Canadá, identificaram que os idosos almejam maior interação com os familiares e amigos, além de ampliarem sua rede de contatos. Wasserman et al. (2012) compreenderam que a principal utilização das RSV por idosos é a possibilidade de uma comunicação mais ágil com os familiares. Já Chepe e Adamatt (2015), ao verificarem a interação de um grupo de idosos com o Facebook, concluíram que ele permite aos idosos expandir as formas de comunicação e compartilhamento de informações. As RSV são ferramentas que podem contribuir para que os idosos diminuam o isolamento social e, desta forma, vivenciem um processo de envelhecimento bem-sucedido e com qualidade.

Além das questões ditas, observou-se nas falas de alguns idosos que os fatores iam além da possibilidade de comunicação, trazendo recordações vividas em família e resgatando o passado. Possibilitavam a vivência de experiências que permitiam a recordação de momentos que marcaram alguma fase da vida. Algumas falas apresentam essas questões:

“Para conversar mais com meus filhos, meus irmãos, minha família mesmo poder ver o que eles estão vivendo, onde estão indo. Os lugares que estão passeando, né? Porque não dá para estar perto o tempo todo, então, é um meio que se usa para estar junto, sabe?! A gente acha que filho nunca cresce (risos), mas na verdade, cresce e muito rápido e dá uma saudade de quando eles estavam todos aqui, porque foi aqui que a gente viveu desde quando o primeiro nasceu.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Ter a possibilidade de comunicar com os filhos, poder vê-los na hora que quiser, acompanhar a vida deles, também dos netos, dos familiares, é muito bom. No meu tempo, não tinha isso não, e a gente ficava pensando como o outro estaria.... Hoje, é bem mais fácil e que bom que é assim. Eu fico pensando, tem hora, como seria se não tivesse este celular para poder ver eles sempre, porque nenhum mora aqui... tem hora que dá tanta vontade de estar junto deles, e eu fico pensando que eu podia ter ficado mais com eles, sabe? (Pausa – neste momento, a entrevista foi interrompida pela participante).” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“[...] morava eu e ele aqui, né?! Quando ele morreu, meus filhos me incentivaram, porque eles ficavam preocupados comigo sozinha aqui. Então eles pediam “mãe, faz o Facebook, faz o WhatsApp, mãe. Nós vamos ficar mais sossegados se a senhora fizer, mãe. Vamos poder nos ver, conversar mais.” Então é mais para isso e eu vi que foi bom para mim, porque eu distraio também. E a gente também recorda muita coisa no facebook, né? Gente (entonação da voz) estes dias mesmo vi Facebook um vídeo de uma música antiga que meu falecido gostava de cantar para as crianças, eu compartilhei direto com os meninos. Dá uma saudade quando a gente vê isso, umas coisas assim.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

Este sentimento nostálgico aumentava quando refletiam que poderiam ter convivido mais com os filhos enquanto estavam residindo todos em um mesmo domicílio. Observou-se que estes sentimentos foram comuns aos participantes que saíram para o mercado de trabalho, principalmente entre as mulheres. Percebeu-se, também, que havia, além da nostalgia, um certo sentimento de culpa em algumas falas, por terem saído “de casa” para trabalhar na esfera pública, conforme indicado na fala da participante A11:

“A motivação maior foi por causa da família, dos meus filhos, dos meus netos. O Beta (filho) mora lá em BH, então, principalmente com ele, que não dá para gente vê sempre, é mais fácil ter o contato. Ainda mais agora com o netinho pequeno, aí que é bom, porque dá uma vontade de ver ele crescer, de estar perto e aí, até que dá, porque pode mandar um vídeo, pode conversar, trocar

fotos, e ir trocando os momentos, entende? E isso é importante, porque como eu tive que ir trabalhar para ajudar na renda, eu não vivi muitos esses momentos com os meninos, então estou vivendo agora, com o Bê (neto). Aí eu penso que quero aproveitar para ver ele crescer, entende? Porque de certa forma eu não pude fazer isso com os meninos. ” (A11, sexo masculino, 63 anos)

Após esta fala, a participante A11 interrompeu a entrevista para buscar algumas fotos. Além disso, também trouxe para perto o seu telefone celular, mostrou fotos da família e apresentou as pessoas que citava no decorrer da entrevista. A participante, como quem buscava justificar algo, mostrava, demonstrando alegria, as fotos e vídeos do neto que possuía no celular. Também mostrou fotos dos filhos, as quais eram muitas, distribuídas pela sala de sua casa, local em que a entrevista foi realizada. Foi notado, neste momento, que a participante não queria somente convencer a pesquisadora de que mesmo “distante” e atuando no mercado de trabalho, fez sempre questão de registrar os momentos vividos pelos filhos, mas, sim, justificar para ela mesma o motivo de sua ausência em momentos que gostaria de estar perto. Para ela, as RSV permitiam a vivência, mesmo que virtualmente, dos momentos com os filhos, o que, no passado, nem sempre foi possível. Era esta sua principal motivação para a utilização.

Em função de carregarem ainda a responsabilidade do cuidado do lar, a participação feminina na esfera pública ainda representa um grande desafio (AMARAL; VIEIRA, 2009). Ao passo que se sentem orgulhosas por buscarem uma melhor inserção no mercado profissional, algumas mulheres possuem um sentimento de culpa por ficarem menos tempo com a família. Tanure, Carvalho Neto e Andrade (2006) discorrem para o fato de que existam, ainda, mulheres que carregam a sensação de culpa em relação ao tempo que não puderam se dedicar aos filhos e aos cuidados com a casa.

Este sentimento tende a ser maior na velhice, pois, nesta fase, as pessoas começam a refletir sobre a vida e sobre os papéis que poderiam ter desempenhado. Existe também, na velhice, um sentimento alto de arrependimento por momentos que poderiam ter sido vividos ou situações que gostariam que tivessem sido diferentes. Há, ainda, um sentimento de remorso na criação e educação dos filhos (RISSARDO et al., 2012). Os novos meios de comunicação, como as RSV, podem contribuir para a diminuição destes sentimentos, já que possibilitam uma maior interação com os entes distantes.

Outrossim, a participante A15 também expõe alguns sentimentos que foram desencadeados a partir da motivação dos filhos e parentes próximos para que a mesma criasse um perfil nas RSV:

“[...] Tudo começou quando o meu irmão veio aqui em casa passar, acho que foi o Natal. Estava a casa cheia - os filhos, irmãos, sobrinhos, aquela parentaiada toda. Assim, conversa vai, conversa vem, meu irmão falou que estava aprendendo a usar por causa do trabalho dele, mas que estava gostando muito. Minha menina ficou empolgada e começou a falar que ia me ensinar. Eu nem dei muita bola, até falei com ela “não mexo com isso não, isso é para vocês mais jovens”, mas a insistência começou a ser tanta! Nem celular para Internet eu tinha. Foi aí que eles começaram a falar: “mãe, todo mundo mora fora, a senhora fica muito em casa, a senhora vai gostar, até o tio tem. A senhora vai poder conversar mais com ele e aí nem precisa de a gente ficar te mostrando as coisas”. Porque muitas vezes, a Carol (Filha) quando vinha, me mostrava as fotos da família e me contava também as notícias deles. A Carol, um dia veio me ver, porque ela vem mais vezes, né? Chegou com um celular e disse “mãe, toma” e eu fiquei brava, acredita?! (Risos). Começa daqui, vai dali, e aí foi indo. Tem o grupo da família, lá está todo mundo, tem momentos que eles mandam fotos antigas para a gente recordar, matar a saudade, lembrar de coisas que as vezes a gente nem lembra mais, né? Eu penso, que se o Valter (marido) estivesse aqui, ele ia gostar bastante, ele gostava muito destas coisas, era muito curioso. Então, partiu disso tudo (risos), foi da família né?” (A15, sexo feminino, 73 anos)

Assim, observa-se o sentimento de saudade do cônjuge, despertado ao final do relato da participante. Apesar de toda a vitalidade, “a independência dos filhos, a morte de entes queridos, de amigos e a aposentadoria, são experiências que marcam a fase da vida onde o medo de ficar só se torna central” (ALMEIDA, 2011, p.151). Embora acredite que nenhum idoso viva isolado, seu bem-estar está ligado diretamente à disponibilidade daqueles que o cercam. Com o avanço da idade, as pessoas tendem a vivenciar um estreitamento das suas relações. Os pais assistem seus filhos saírem de casa para estudo e casamento, além disso, outras situações, como a aposentadoria, a morte de um cônjuge e a distância dos parentes, contribuem para que as relações sejam mais restritas (NOGUEIRA et al., 2009).

Quanto à viuvez, Camarano (2011) constatou que esta é uma característica que predomina entre o grupo feminino. Os motivos para a proporção maior de viúvas devem-se à maior longevidade das mulheres e à prevalência da cultura dos homens casarem-se novamente e, geralmente, com mulheres mais novas (CAMARANO, 2002). Para algumas idosas, a morte do cônjuge revela-se como trágica, desencadeando danos negativos para

sua vida (ALMEIDA et al., 2015), e em muitas situações, é tratada como sinônimo de solidão.

Diante destes acontecimentos, as redes familiares e sociais contribuem para que, não só as mulheres, mas, sim, todos os idosos recebam apoio social e emocional, possuam sentimentos de pertencimento e diminuam o isolamento social (NERI, 2005). Manter um grupo comum com os membros familiares nas RSV motiva os idosos a permanecerem inseridos neste contexto virtual, já que, em um primeiro momento, muitos acreditam ser uma realidade que não lhes pertence.

Dentre outros fatores que despertam o interesse dos idosos em relação às RSV está a vontade de pertencimento e inclusão na sociedade (CHAN-OLMSTED; CHO; LEE; 2013). Esta nova forma de comunicação permite que os idosos aumentem sua rede social, interajam e comuniquem com outras pessoas, uma vez que o processo de envelhecimento pode fazer com que as pessoas diminuam suas redes de relacionamentos devido à aposentadoria, ao isolamento, à perda de membros familiares, à saída dos filhos do vínculo familiar, dentre outros (FIORE et al., 2009).

Sentir-se incluído na sociedade é o principal motivo para que três participantes adotassem as novas tecnologias de comunicação em seu cotidiano e tivessem a possibilidade de permanecer ativos e fazer parte do novo panorama (PARK; CHO; LEE, 2014), como pode ser percebido nas seguintes falas:

“Eu percebi que as pessoas não estavam mais ligando e cada dia mais tem celulares mais chiques. Comecei a me interessar por este novo celular, sou bem curioso (risos). Nós temos que acompanhar mesmo as novas tecnologias, isso é bem importante, porque o mundo está mudando toda hora e se a gente não fizer isso, nós ficamos para trás. Você tem que se inserir nas novidades.” (A17, sexo masculino, 70 anos)

“O que me motivou foi ficar por dentro né, das informações, do que acontece no mundo, na região. É uma forma de manter contato com as pessoas, interagir com outras pessoas também. Também dá para conversar com os filhos, manter contato com eles, com os colegas, os amigos. Acho que ajuda até sair da rotina, né?! O que motiva a gente, porque você conversa com várias pessoas, fica sabendo do que vai ter! [...] E dá também para ficar por dentro das festas, né?! (Risos). Tem sempre um ou outro te marcando em uma para participar.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

Por meio do relato do entrevistado A17, fica implícito que a utilização do aplicativo por outras pessoas do seu cotidiano também motivou o seu comportamento em relação à adoção do mesmo. Sua fala também demonstra a questão de que, para

permanecer em contato com os demais, seria necessário adotar esta nova forma de comunicação, já que considera que as ligações telefônicas já não estavam mais acontecendo. Assim, seria a maneira de interagir socialmente e de possuir o sentimento de pertencimento e participação social.

As RSV, além de permitirem acesso a informações, favorecem, ainda, a participação em eventos e, conseqüentemente, a interação social, conforme relatado pelo participante A21. O lazer tem um papel importante para todas as pessoas, inclusive para os idosos. É o momento em que as pessoas podem sentir prazer, expressar-se, divertir-se, descansar e desenvolver-se (PONT GEIS, 2003). Com o passar dos anos, as pessoas passam a preocupar-se com o uso do tempo e buscam atividades que preencham o tempo livre e que possam propiciar novas experiências (ARAUJO; ROCHA, 2016).

Encontram-se estudos na literatura que mostram que os idosos estão buscando experimentar novidades nessa fase da vida e praticar atividades que permitam conviver mais com a família e com os amigos (HORNEMAN et al., 2002; BALLSTAEDT, 2007). Entretanto, em muitas situações, os idosos não possuem condições físicas e nem financeiras para desfrutarem dos benefícios do lazer. Neste sentido, as RSV podem proporcionar aos idosos desenvolvimento, expressão e entretenimento. Possibilitam, também, que tenham uma vida mais descontraída, aumentem a interação com outras pessoas e culturas, e participem de atividades sociais.

A ausência ou diminuição da rede de contatos fez com que o participante A8 se motivasse a procurar novas formas de se inserir na sociedade, já que, conforme relatado, a rotina do trabalho o distanciou dos amigos:

“Estar em interação com outras pessoas. Por mais que você conheça muita gente, tem hora que as pessoas vão distanciando e, às vezes, mudam de cidade, e hoje, ninguém tem tempo para ir na casa dos outros como antigamente, então eu acho que é uma forma de manter contato com outras pessoas e interagir com eles. Você se sente mais presente, porque tem tudo que é assunto, tudo que você procura na Internet tem, você tem que saber usar a seu favor. Por exemplo, no facebook mesmo, eu vejo tudo, leio as notícias e também compartilho para que outras pessoas também tenham este acesso. Fica tudo mais fácil.” (A8, sexo feminino, 74 anos)

Em estudos específicos com a população idosa, a literatura destaca o efeito protetor dos relacionamentos sociais sobre a depressão (CANESQUI; BARSAGLINI, 2012) e outros, que indicam que o apoio social pode aliviar os efeitos da incapacidade

funcional dos idosos que apresentam quadros depressivos (SHERMAN et al., 2011). Além disso, outras pesquisas evidenciaram que idosos que mantêm uma frequência de contato com os entes queridos apresentam elevados escores de satisfação com a vida e melhor estado de saúde (PINQUART; SÖRENSEN, 2000). Tem-se observado, também, na população idosa a associação positiva entre redes sociais formadas por grande número de amigos e escores de estado de autoestima (LEBRÃO; LAURENTI, 2005) e ânimo (SHERMAN et al., 2011).

Devido à gama de benefícios que os serviços das RSV podem oferecer, muitas organizações estão utilizando-as como uma estratégia de comunicação. Diante destas questões, os funcionários são impulsionados à aprendizagem do uso destas redes. Este, é o fator que motivou os idosos A7 e A13 a criarem um perfil nas RSV:

“Primeiro foi o trabalho, porque eu estava na escola, trabalhando e precisava dos programas e nem sempre sabia direito usar. As colegas falaram que no facebook tinha como olhar as dúvidas e baixar mais rápido o programa. Aí a gente foi começando. No caso do WhatsApp, foi quando foi criado o grupo da família, que eu comecei a usar depois que eu aposentei, porque até então eu não tinha muito tempo. Então a motivação partiu primeiro do trabalho, porque lá é tudo computadorizado, então de qualquer maneira eu fui obrigada a aprender, fazer curso e aprender. O que foi bom para mim. ” (A7, sexo feminino, 67 anos)

“Partiu do trabalho, porque lá me exige que eu comunique muito com clientes e eu fui percebendo que precisava do WhatsApp para me ajudar no trabalho. Eu já tinha outros colegas taxistas que utilizavam. ” (A13, sexo masculino, 67 anos)

Nota-se pelo relato da idosa A7, que haviam duas motivações diferentes. De fato, a motivação inicial partiu da necessidade profissional. Contudo, a utilização para o uso do WhatsApp foi familiar, já que a idosa possuía uma família extensa e este possibilitava uma melhor comunicação com todos.

No Brasil, desde a década de 1980, evidenciou-se uma maior diversidade dos arranjos familiares (KALACHE, 2008; CAMARANO; KANSO, 2009). Conforme dados divulgados pelo IBGE (2013), o percentual de idosos que moram sozinhos triplicou entre o período de 1992 e 2012, passando de 1,1 milhão para 3,7 milhões, um aumento aproximado de 215%. Entre as hipóteses desta mudança significativa, destaca-se a feminização da velhice e também a existência de uma maior fragmentação e dispersão das famílias, com filhos residindo em outras cidades, que não são as dos pais (IBGE,

2015). Dentre os idosos que moram sozinhos, 65% são mulheres (IBGE, 2015). Estas situações colaboram para que ocorra um distanciamento entre os idosos e seus entes queridos, já que a comunicação e a interação são prejudicadas decorrentes deste afastamento.

Assim, ressalta-se a importância dos relacionamentos sociais que os idosos possuem, pois, embora o cuidado destes seja, tradicionalmente, atribuído à família, todos os que estão inseridos no seu convívio cotidiano podem contribuir para que os aspectos negativos do processo de envelhecimento, incluindo a solidão, sejam minimizados (REIS et al., 2011).

Além dos familiares, a rede de relacionamentos sociais dos idosos geralmente é constituída pelos amigos e profissionais que com ele convivem, dentre eles colegas de trabalho, vizinhos, e sociedade em geral (ZAMBERLAM, 2001). A quantidade e a qualidade dos relacionamentos que os idosos estabelecem é determinante para seu bem-estar e qualidade de vida. A manutenção desta rede social favorece que os idosos possuam sentimentos de inclusão (receber e conceber reconhecimento e atenção), afeto (intimidade emocional e afeição) e controle (influencie e seja influenciado pelos outros, liderar e ser liderado, além de exercer poder de decisão), essenciais para uma qualidade de vida saudável, em qualquer fase da vida (SIQUEIRA; SILVA, 2002).

Areosa, Benitez e Wichmann (2012) destacam que a essência de uma rede de relacionamentos sociais influencia a qualidade de vida por indivíduos, pois as pessoas que têm um número elevado de diferentes tipos de relacionamentos vivem mais, sendo as taxas de mortalidade mais altas entre os que possuem baixas conexões sociais. Além disso, a depressão tende a ser menos evidente naqueles que possuem laços sociais fortes.

Além das questões supracitadas, outro fator apontado como influenciador do uso das RSV pelos idosos foi o econômico.

“Ah, uai. Eu mesmo uso porque fica mais barato para mim, já tenho Internet em casa, então pago só a Internet e nem coloco mais crédito no celular.” (A8, sexo feminino, 74 anos)

“Financeiro. Se você parar para pensar, dá para resolver tudo sem precisar gastar com ligações.” (A2, sexo masculino, 67 anos)

Os participantes deixavam claro que o fator motivador para que eles utilizassem as RSV estava relacionado às questões financeiras. Os aplicativos Facebook e WhatsApp

possibilitam a troca de mensagens por meio do telefone celular, além do compartilhamento de arquivos de texto, vídeo e áudio, e não possuem custo de utilização, basta possuir acesso a um telefone inteligente com conexão à Internet (AHARONY, 2015; GAIKAR; GAIKAR, 2015; PARK; CHO; LEE, 2014).

Constatou-se que, embora tenham mencionado possuírem as RSV Instagram, Snapchat; LinkedIn, estas raramente foram citadas no decorrer das falas dos entrevistados. Alguns, que disseram que as possuíam, como a entrevistada A21, sequer nunca as acessou, utilizando frequentemente o WhatsApp e o Facebook. Os demais participantes mencionaram que as motivações para o uso do Instagram, Snapchat; LinkedIn ocorreram por curiosidade, já que possuíam o WhatsApp e o Facebook e gostariam de aprender sobre as demais. Só a participante A1 que disse ter sido motivada a utilizar o LinkedIn por questões profissionais, que não foram por ela especificadas.

Diante dos resultados, observou-se que a população idosa pode beneficiar-se do uso das RSV pela potencialização de comunicação, visando alcançar informações que são solicitadas e compreendidas sem a necessidade de custo financeiro elevado e locomoção física, estimulando suas atividades mentais (CHO; LEE, 2013). As RSV podem fortalecer as relações e interações cotidianas (BOYD; ELISON, 2007), além de possibilitar a alteração positiva da rotina dos idosos em busca de uma melhor qualidade de vida e bem-estar, inclusive favorecendo uma melhor e maior interação familiar com membros distantes (STACHESKI, 2013).

6.4 Redes sociais virtuais: relações familiares e sociais

Foi de interesse para o estudo identificar e compreender a percepção dos participantes sobre como o uso das RSV pode influenciar os relacionamentos familiares e sociais.

Para maior compreensão dos resultados, esta parte foi subdividida em duas subcategorias. Primeiramente, é exposto os resultados encontrados acerca da percepção dos participantes quanto à influência das RSV em suas relações familiares e, em seguida, são apresentados os resultados sobre a influência das RSV em suas relações sociais.

6.4.1 Redes sociais virtuais e relações familiares

Identificou-se que as RSV são ferramentas significativas para que os participantes mantenham uma frequência de contato com os familiares. Além disso, compreendeu-se que, por meio delas, foi possível que alguns dos idosos restabelecessem laços com familiares que já estavam estremecidos pela distância física.

Compreendeu-se, primeiramente, que existem diferenças entre as questões sobre relacionamentos familiares, isto é, identificou-se que os idosos possuíam conceitos diferentes de família. Por meio dos dados obtidos, constatou-se que, como “família”, eles entendiam ser formados pelo cônjuge, filhos e netos. Os demais familiares eram considerados como “parentes”, não os identificando, também, como integrantes da família. Os resultados possibilitaram analisar como as RSV influenciam positivamente as relações familiares e como os idosos percebiam a sua utilização como benéfica para que os laços familiares fossem cada vez mais fortes e ativos.

Interessante dizer que nos registros de campo foram anotados que todos os idosos eram membros de pelo menos um grupo “família” nas RSV. Diante disso, perguntou aos mesmos quem eram os outros membros que também participavam do grupo familiar. Compreendeu-se que tal nomeação era utilizada para caracterizar as pessoas que possuíam relação próxima ou algum grau de parentesco para facilitar a comunicação, contudo, não eram necessariamente, quem os idosos consideravam como sua família.

A participante A7 descreveu o que os participantes entendem ser a definição de família:

“Família, somos nós aqui de casa. Para mim, a minha família iniciou quando eu me casei com meu ex-marido, por mais que hoje não estamos casados, juntos construímos uma família, temos 02 filhos, netos. Esta é minha família, meus filhos e meus netos, sempre serão. Eu acredito muito nisso, na questão da religião, a família mesmo é esta, como já está escrito “o homem e a mulher deixarão a sua casa, e juntos serão uma só carne”, neste momento nasce uma família. Minhas irmãs formam minha corrente de parentescos, junto com meus sobrinhos, não que eu não os ame, pelo contrário, mas nem tudo que acontece, eles ficam sabendo, entende? É só a gente aqui, eu e meus filhos. Claro, tem as noras, tem os cunhados, tem primos, muitas pessoas que nós gostamos, que construímos relações, alguns possuímos mais intimidade, outros nem tanto. É assim, minha filha, consegue me entender?! Ficou claro? Para mim, meus filhos são minha família, é quem eu sei que eu posso contar em todas as situações.” (A7, sexo feminino, 67 anos)

Faz-se necessário destacar que, neste trabalho, adota-se a percepção que não há um conceito único de “família” e que existem, sim, várias “famílias”, construídas pela percepção de cada indivíduo. No entanto, acredita-se ser importante mencionar a percepção que os entrevistados ainda possuíam da visão de família como nuclear. Além disso, é muito clara a percepção de que família era aquela da convivência diária e que parentes eram aqueles que, mesmo possuindo vínculos sanguíneos, não compartilhavam interesses e propósitos de vida. Só a entrevistada A20 considerou como integrantes de sua família, suas irmãs, sobrinhas e cunhados, talvez pelo fato de ela não se ter casado e não possuir filhos.

Diante destas questões, para as perguntas relacionadas às relações familiares, foi pedido aos participantes que considerassem todos os membros, dentre eles, “família” e “parentes”, considerando-os todos como familiares.

Primeiramente, perguntou-se aos idosos o que seus familiares achavam deles possuírem um perfil em uma RSV. Confirmou-se que os familiares eram os principais incentivadores, como exposto pelos participantes A6 e A11:

“Acham bom, divertido. Meus netos brincam: “olha lá avó, está só com o dedinho para cima e para baixo” Eles me deram um *tablet*. ” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Ué, eles gostam, eu acho (risos), porque eles me incentivaram. Minha menina no final do ano, me deu um celular novo de presente, então gostam. E é bom, porque ajuda a gente. ” (A11, sexo masculino, 63 anos)

O incentivo social que a família oferece aos idosos é importante para que os mesmos busquem compreender novas tecnologias e diminuam a dificuldade em lidarem com o estresse da aprendizagem dos novos meios comunicacionais. Este tipo de incentivo reduz os efeitos negativos na saúde mental, influenciando positivamente no bem-estar psicológico do idoso (ASSIS; AMARAL, 2010). Entretanto, salienta-se que, não só a família, mas, todos os que fazem parte da rede de contato dos idosos, devem incentivá-los a procurar novas formas de inserção e socialização, além de entretenimento. A responsabilidade para que os idosos tenham o sentimento de pertencimento diante das novas tecnologias é de toda a sociedade.

Outrossim, notou-se que a percepção que os familiares possuem dos idosos também estava relacionada a estes aspectos de inclusão e pertencimento. As falas dos participantes A10 e A14 retratam esta questão:

“Com certeza, ficam felizes, porque estão vendo que eu estou evoluindo, que eu não estou parando no tempo ou me entregando. Acho que todo filho quer ver sua mãe bem. E meus irmãos também estão usando, então é a família inteira.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“Todo mundo gosta, mas eles sabem que nunca fui uma pessoa de parar no tempo, eu acho que temos que acompanhar. Temos que acompanhá-los, até para ter assunto.” (A14, sexo masculino, 61 anos)

Percebe-se que existe, entre os idosos, um sentimento positivo referente à valorização que os familiares possuíam sobre eles. As expressões “tão (sic) evoluindo”, “temos que acompanhar”, “nunca fui uma pessoa de parar no tempo” e “sou evoluída”, descreve este sentimento de inclusão e pertencimento que os idosos possuem na sociedade e que é confirmado na influência e incentivo que os familiares dão para os mesmos. Para eles, a percepção positiva da família é muito importante, como afirma o entrevistado A (15):

“Interessante, porque sou evoluída pela minha idade. Eles acham ótimos me veem no Facebook, comentando as fotos deles, conversar com eles pelo WhatsApp, porque tão vendo que eu não estou entregando, que eu estou buscando outras coisas. Porque eu não fico parado parecendo que não dá para fazer mais nada (WhatsApp).” (A15, sexo feminino, 73 anos)

Notou-se que as RSV proporcionavam aos idosos o sentimento de utilidade diante dos familiares, como descreve o participante A (15): “porque tão (sic) vendo que eu não estou entregando, que eu estou buscando outras coisas, não é! ”. Ao se sentir útil, o idoso aumenta sua autoestima, melhorando seu bem-estar e, conseqüentemente, favorecendo o desfrute de um envelhecimento com mais qualidade e satisfação. Ser considerado ainda útil diante dos familiares e grupos com os quais convive, é o desejo de todas as pessoas, principalmente ao envelhecer. Os sentimentos de negação e inutilidade favorecem o aparecimento de doenças e aumentam os riscos da depressão (KALACHE; 2008, GOLDANI, 2009).

Comumente relacionado aos sentimentos de utilidade, pertencimento e inclusão que os idosos percebiam que os familiares possuíam sobre eles, havia, também, aqueles

participantes que percebiam que os familiares os tinham como exemplos positivos para outras pessoas:

“Vou te falar que no início meu marido não gostou, acredita? Ele é meio avesso, cabeça um pouco dura, demora perceber que faz bem, que era bom para nós. Ele achava que estava expondo nossa família. Foi até que minha cunhada falou com ele e meu neto de 9 anos, meu neto, acredita? Perguntou: “vovô porque você não conversa comigo no celular igual a vovó, é mais fácil” Ele ficou com tanta vergonha, tão sentido, coitado, que começou a usar (risos). Ele acha ótimo hoje, então você percebe, o que eu estou tentando te dizer?! As pessoas gostam quando você utiliza estas ferramentas, sentem bem, porque facilita tudo, como eu já te falei também. Isso é bom demais, Michelle. A família toda sente bem.” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“Nossa, eles acham ótimos, porque tem gente que fala assim: não já que você está, vou colocar minha mãe também. [...] Igual, meu sobrinho mesmo, a mãe dele, no caso, minha cunhada, entrou no WhatsApp porque eu estava, entende.” (A20, sexo feminino, 72 anos)

Nas falas anteriores, constatou-se que os participantes se sentiam felizes ao serem vistos como exemplo para outros idosos. A participante A9 citou que o marido se sentiu constrangido com os questionamentos que os netos o faziam em relação à Internet. Além disso, existia, também, a valorização que ela sentia em relação à sua motivação em utilizar RSV e favorecer, assim, a comunicação: “a família toda sente bem”. O reconhecimento que os familiares possuem sobre eles é importante para que busquem envelhecer ativamente e sintam-se inseridos nos grupos de relacionamentos (JANTSCH et al., 2012).

Estes sentimentos positivos que os familiares e parentes próximos possuem dos idosos em relação ao uso de RSV desencadeiam a busca por novas formas de inserção e para que se sintam mais motivados à adoção da tecnologia. A adoção da tecnologia, em especial das RSV, auxilia a comunicação dos idosos com entes queridos, aproxima os familiares e favorece para que encontrem, também, algum amigo ou familiar com quem não mantinham contato. Estas questões também foram relatadas durante a entrevista.

Quanto ao aspecto de aproximação, ficou nítido que as RSV proporcionam a manutenção de laços mais fortes com os entes queridos, principalmente com os familiares e parentes que residem em outras localidades. Os relatos dos participantes A5 e A13 descrevem esta questão:

“Aproxima, com certeza. Principalmente a família, não é? Não dá para ir sempre na casa dos filhos, então o facebook e o WhatsApp me ajudam muito

nesta questão. Você pode conviver mais, mesmo que seja por meio da tela do celular.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

“Nossa e muito. Minha família toda de Araguari, só eu aqui em São Gotardo, não dava para ligar sempre e ainda mais que a família é muito grande, acabava que sempre deixava de conversar com muitos mesmo.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

Todos os participantes descreveram que o uso das RSV possibilitava que eles possuíssem uma aproximação maior com os familiares e, assim, construíssem laços mais fortes com os mesmos. Esta aproximação proporcionava aos idosos mais união e harmonia com sua família:

“Tem mais união sim, não tenho como, melhora muito.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

“[...] Claro que sim, se antes não comunicarmos com frequência, hoje já é possível. E isso faz com que fiquemos mais unidos.” (A1, sexo feminino, 61 anos)

“[...] no caso eu converso sempre com o pessoal de fora e assim, nem sempre dava para ligar sempre para todos e agora não, assim... mantemos contato, estamos sempre conversando, mandando fotos, fica sabendo o aniversário do outro.” (A11, sexo masculino, 63 anos)

Por meio das práticas comunicacionais proporcionadas pelas RSV, é possível que os idosos potencializem seus sentimentos de pertencimento social. Possibilita a aproximação e a criação de laços com entes queridos, os quais, devido à distância, já estavam enfraquecidos. Sobre este aspecto, tem-se a fala da participante A2:

“Aproxima e torna mais harmônico. Eu tenho um bom exemplo disso. Eu tenho irmãos em Goiana, São Paulo, Cuiabá. A minha irmã de Cuiabá tinha mais de 15 anos que eu não via e uns 8 anos sem falar, eu ficava pensando que talvez ela tivesse até morrido, era muito ruim. Minha filha, vendo isso, um dia resolveu procurar no facebook e achou meus sobrinhos, filhos dela, lá. A partir daí começamos a ter contato novamente. Aconteceram problemas familiares e ela veio, foi emocionante. Depois disso, eu e um outro irmão nosso, já fomos lá na casa dela. Hoje, eu e meus irmãos temos um grupo no WhatsApp. E sempre estamos conversando. As vezes todos os dias.” (A2, sexo masculino, 67 anos)

O relato da participante confirma como as RSV proporcionam efeitos positivos na vida das pessoas, em especial, dos idosos, sujeitos centrais desta pesquisa. A idosa descreveu este fato com muita emoção, pois não acreditava que seria possível conviver com os familiares à distância.

Assim como a participante A2, todos os participantes relataram estarem satisfeitos com a maneira como se relacionavam com os familiares, e evidenciaram que a convivência melhorou a partir da adoção das RSV em seu dia a dia e que, de fato, ocorreram mudanças positivas na forma como se relacionam com eles:

“Bem. Com meus irmãos e sobrinhos era mais distante, não é? Porque tenho parente em Goiana, Manhuaçu, Patos, São Paulo, Espírito Santo. Então não era sempre que dava para falar com todo mundo. Acabava que falava mais com a de Manhuaçu, ela sempre me ligava. Agora não, com o grupo da família, todo mundo conversa, todo mundo interage. Então muda, não é? O relacionamento melhora!” (A20, sexo feminino, 72 anos)

“Mudou sim, porque é como eu te disse, ficou mais próximo que quando a gente não tinha elas. Eu por exemplo, que tenho uma filha nos Estados Unidos, ela é casada e tem os filhos dela, não é? Eu ia vou lá uma vez ao ano, é pouco demais, não dava para acompanhar meus netos. As redes sociais ajudam muito, a Internet é muito boa se nós soubermos usar dela. Tem muita coisa boa, como isso, manter os contatos próximos. Eu acompanho toda a rotina dos meninos (netos).” (A12, sexo feminino, 69 anos)

“Bastante. É outra família, até meus filhos ficaram mais unidos, porque todo mundo se comunica mais. Antes pela rotina de cada era mais complicado. Acabava também, que chegava cansado ou tarde demais e já não dava para ligar para conversar, sem contar o custo das ligações. O que ajudou bastante. Ajuda bastante! É muito bom.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“O relacionamento não era forte igual agora, não que fosse ruim. Como vou te explicar? Antes, por exemplo, todos os anos, todos se reúnem, todos os irmãos, filhos, netos, bisnetos e tal. Era uma confusão para conciliar data para todos, para tentar conversar com todos, para resolver as coisas. Hoje, com a facilidade de se ter um grupo da família, foi tudo resolvido tranquilamente e conseguiu que mais pessoas viessem. Está me entendendo? Ela favorece este contato.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Ah muda sim. Quando a Rafa [filha] me ensinou eu não achava que ia gostar tanto, igual eu gosto e que ia aproximar mais com meus parentes. Igual eu sou sozinha aqui em São Gotardo, meus irmãos moram todos em Araguari, assim como... eu converso com eles, sabe? É mais fácil, rápido e barato também, sabe?” (A4, sexo feminino, 64 anos)

“Uai menina, mudou que, como diz. Porque quanto mais eu fui aprendendo, mais coisas eu fui descobrindo e aí, ajuda para conversar com as meninas em Uberlândia, ver minha netinha americana. Por mais que eu conversasse com as meninas sempre, não é a mesma coisa de agora. É bom demais, olha só [pausa] que linda. Aqui [participante mostra a foto da neta para a pesquisadora] que linda, eles me mandam fotos, eu já vejo, já respondo, fico sabendo de tudo deles.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Por meio dos trechos “[...] com o grupo da família, todo mundo conversa, todo mundo interage”; “[...] ficou mais próximo que quando a gente não tinha elas”; “[...] É outra família, até meus filhos ficaram mais unidos, porque todo mundo se comunica

mais”; “[...] O relacionamento não era forte igual agora”; “[...] aproxima mais com meus parentes” e; “[...] É mais fácil, rápido e barato também” confirma-se que as RSV são novas formas de comunicação que possibilitam aos idosos não só se sentirem inseridos e pertencentes a um grupo familiar, mas, também, proporcionam que os laços familiares se tornem sólidos.

Ficou nítido, durante as entrevistas, que, ao receberem uma foto, um vídeo e até mesmo, um simples “bom dia” dos familiares, os idosos sentiam-se mais próximos deles e, também, mais valorizados. Estes gestos eram vistos por eles como uma demonstração de carinho, cuidado e acima de tudo, pertencimento. Possibilita não se sentirem sós e mais independentes dos cuidados dos familiares.

Os participantes descreveram que conseguiam informar-se mais com mais facilidade, encontrar números de telefone e marcar consulta médica, atividades que, algumas vezes, faziam necessária a ajuda de um familiar.

O relato da participante A8 descreve esta questão:

“Com certeza. Eu não preciso de ajuda, graças a Deus, mas meus filhos gostam de saber se está tudo bem aqui, ainda mais que moro aqui sozinha. Sempre tinha um que passava para saber se estava tudo legal aqui. Agora não, quando não dá para vim, eles pedem para enviar foto (risos). Também tem a questão de se resolver muitas coisas sozinhas, uma consulta médica, marcar alguma atividade. Procurar informações da inspeção. Até facilita para eu ver as notícias, antes eles me contavam muita coisa que acontece na região e até em outros lugares, agora eu não preciso, o facebook conta tudo (risos).” (A8, sexo feminino, 74 anos)

Sentimentos de afeto e controle estavam presentes nos relatos dos participantes. As RSV influenciam positivamente as relações familiares dos idosos. Proporciona aos mesmos se sentirem inseridos no cotidiano dos familiares, além de diminuir os sentimentos de abandono e rejeição. Favorece para que se sintam mais valorizados e mantenham familiares mais unidos e harmônicos.

Possibilita aos idosos a percepção de terem algum tipo de suporte e apoio, mesmo que virtualmente, já que a maioria dos participantes, durante as entrevistas, relataram possuir familiares em outras localidades. Além disso, as RSV favorecem o contrato intergeracional, já que, por meio delas, muitos participantes comunicam com os netos, sobrinhos e, como no caso da participante A20, com os bisnetos. Há trocas de experiências e conhecimento entre eles.

Durante as entrevistas, nenhum entrevistado relatou ter vivenciado algum desentendimento com algum membro da família por causa de alguma mensagem recebida e/ou postada por meio de uma RSV. Pelo contrário, os benefícios sobressaem e é nitidamente claro que fazem com que os idosos desfrutem de um processo de envelhecimento com mais bem-estar.

6.4.2 Redes sociais virtuais e Relações Sociais

Procurou-se identificar, também, se as RSV influenciavam as relações sociais dos participantes. As RSV eram utilizadas pelos participantes, em muitas situações, para manterem ativos os relacionamentos familiares. Para alguns participantes, como a A1 e A8, o WhatsApp é utilizado exclusivamente para conversar com os familiares. Inclusive, segundo a A1, seus amigos não sabiam que ela possuía WhatsApp. Ao questionar o motivo, ela disse que preferia manter a privacidade. Além disso, seus amigos residiam próximos a ela, sendo possível vê-los com frequência:

“Meus amigos nem sabem que eu tenho WhatsApp, nunca contei. [...] Como todos eles moram aqui é mais fácil da gente se encontrar, é mais fácil não é, manter o contato. Eu acho que assim eu mantenho mais privacidade.” (A1)

No diário de campo, foram registradas algumas considerações relevantes sobre a percepção da participante A1 quanto às relações sociais. A participante era viúva e mantinha uma relação conflituosa com um dos seus quatro filhos, o único que residia na mesma cidade que ela. Os outros três filhos moravam em outras localidades e o contato, principalmente com o filho mais velho, ocorria por meio do WhatsApp, já que ele residia em outro país. Apesar de relatar que ela era o suporte da família, percebeu-se que, na verdade, a idosa não queria tornar as relações que mantinha com os vizinhos e os amigos dos grupos religiosos “virtuais”, pois era neles que a idosa encontrava algum tipo de apoio físico:

“[...]. Os vizinhos são os mesmo desde que eu mudei para cá, a gente convive bem. Ainda é daquele tempo que um vai na casa do outro, sabe? Para o grupo do terço não precisa do telefone, a gente reúne uma vez na semana na casa de um.” (A6, sexo feminino, 72 anos)

Durante as entrevistas, percebeu-se que havia uma clara divisão na utilização das RSV. O WhatsApp, pela maioria dos participantes, era utilizado preferencialmente para manter o contato com os familiares. Por meio dele, os idosos comunicavam, recebiam e enviavam fotos, compartilhavam áudios e mantinham ativos os “grupos em comum” com os filhos, os netos e os parentes. Já o Facebook tinha o uso destinado aos demais contatos sociais. É por meio dele que os participantes acompanhavam as rotinas das pessoas com as quais mantinham algum tipo de contato: amigos próximos; colegas de trabalho; colegas de grupos em comum (igreja); trabalho voluntário; vizinhos e conhecidos. Os participantes o descreveram como o aplicativo que possibilitava “acompanhar os acontecimentos e a rotina” de outras pessoas.

Constatou-se também que havia, entre as relações sociais mantidas por meio das RSV, uma divisão de grau de laços. Para alguns participantes, no trabalho era possível manter uma relação mais forte e harmoniosa do que com os vizinhos e grupos de convivência, não sendo necessária a comunicação por meio das RSV. Outros ressaltaram a importância das RSV para manter ativas as relações com os amigos dos grupos de convivência que possuíam no trabalho, seja ele voluntário ou não e, amigos. Além disso, notou-se que as RSV tendiam a influenciar mais as relações familiares do que as sociais, visto que, com a maioria dos amigos de grupos de convivência, os mesmos possuíam encontros presenciais e contato físico, o que, em muitas situações, não acontecia com os familiares, haja vista que, em muitas situações, eles residiam em outros municípios.

Os participantes A2, A7, A8, A13, A14 e A20 disseram que gostavam de comunicar com os amigos e outros colegas por meio das RSV e, em especial, pelo WhatsApp:

“Quando tem que falar uma coisa de necessidade eu falo com eles pelo WhatsApp.” (A2, sexo masculino, 67 anos)

“Eu converso sim. Ah, eu gosto. Eu mando mensagem para eles, a gente troca vídeos. Troca notícias. Conversa sempre.” (A14, sexo masculino, 61 anos)

“Mantenho o contato com eles sim.” (A20, sexo feminino, 72 anos)

“No WhatsApp é bom porque eu sempre estou mandando alguma coisa e eles também.” (A8, sexo feminino, 74 anos)

“Converso muito com meus amigos pelo WhatsApp. Até grupo de alunos tem nele (risos). E eu passei a conversar mais depois da separação. Porque eu fui

conhecendo outras pessoas depois que eu separei, então, foi construindo novas amizades e as meninas da academia são ótimas, não querem me verem tristes. Sempre estão mandando alguma mensagem, dizendo que vai dar certo. Chamam para fazer algo, correr, sair...” (A7, sexo feminino, 67 anos)

A manutenção das redes sociais favorece para que os idosos possuam sentimentos de inclusão, afeto e controle, essenciais para uma qualidade de vida saudável (SIQUEIRA; SILVA, 2002). Portanto, é importante que os idosos mantenham seu convívio social e que desempenhem trabalhos e atividades em grupo, mantendo-se ativos socialmente, pois o processo de envelhecer desencadeia a necessidade de adaptações a novos momentos da vida (CANESQUI; BARSAGLINI, 2012). As RSV podem proporcionar aos idosos, assim como nos relacionamentos familiares, a manutenção de relações sociais mais harmônicas.

No depoimento da entrevistada A7, é interessante notar que a dissolução matrimonial fez com que ela dependesse mais do apoio das redes sociais em sua vida e, conseqüentemente, possibilitou maior liberdade para que ela mantenha mais contato com os amigos e colegas. E as RSV proporcionam isso a ela.

Ainda sobre a influência das RSV, percebeu-se que elas não eram muito utilizadas para o contato com os amigos distantes. Só os participantes A11 e A19 descreveram que as RSV também aproximam os amigos:

“Eu acho, porque estão todos conectados, principalmente no domingo à tarde, que é dia de descanso não é.” (A11, sexo masculino, 63 anos)

“Eu acho que os amigos nem tanto, mas com a família sim. Porque os amigos, a gente não fica buscando tanto, é mais fácil de ver, mas a família, a gente quer ter sempre notícias, quer conversar mais.” (A19, sexo feminino, 63 anos)

Quando questionados se eles haviam reencontrado algum amigo por meio das RSV, somente os participantes A7, A14 e A20 afirmaram que sim:

“Sim. Encontrei conhecidos do tempo de escola e também do trabalho.” (A7, sexo feminino, 67 anos)

“Eu encontrei uma colega minha. Uma colega que estudou comigo. Eu formei, em 75, era uma turma de magistério. Eu achei e ela também ficou demais feliz de ter me encontrado. Eu aceitei ela no Facebook.” (A14, sexo masculino, 61 anos)

“Encontrei sim.” (A20, sexo feminino, 72 anos)

Os novos amigos que os participantes citaram ter feito pelas RSV, estavam relacionados aos clientes e grupos de convivência, entre eles, religiosos e trabalhos voluntários que eles frequentavam. Percebeu-se que, os participantes que disseram ter feito mais amigos, eram os que ainda estavam ativos profissionalmente. Infere-se que, por se sentirem ainda inseguros quanto à publicação da rotina nas RSV, principalmente no Facebook, os demais participantes tendiam a utilizar as RSV para acompanhar a rotina de pessoas mais próximas e não sentiam a necessidade de expor suas rotinas e buscar por amizades “virtuais”.

Ficou nítido que as RSV não tendem a influenciar significativamente as relações sociais e, sim, os familiares. Os participantes descreveram que mantinham o mesmo contato com os amigos, colegas e vizinhos que já possuíam antes de adotarem as RSV em suas vidas. Só os participantes A10 e A13 afirmaram que os relacionamentos com os clientes melhoraram, pois, as RSV facilitam a comunicação entre eles.

“Ué, melhorou com os clientes. Favorece o contato com eles.” (A10, sexo masculino, 71 anos)

“Ficou mais fácil de atender os clientes.” (A13, sexo masculino, 67 anos)

Importante retomar que os participantes A10 e A13 utilizavam as RSV para suas atividades profissionais, pois estas facilitavam o contato e reduziam os custos com ligações. As RSV estavam sendo utilizadas para expansão dos negócios. Yokohama (2016) evidencia que as empresas têm-se beneficiado das RSV para melhorarem o relacionamento com os clientes, fortalecer os vínculos com os mesmos e, até mesmo, para os fidelizarem.

Não obstante, todos os participantes declaram não ter tido nenhum tipo de desentendimento com algum amigo e/ou conhecido por meio de uma RSV. Pelo contrário, estes se mostraram preocupados em manter a harmonia nas RSV. Além disso, os participantes afirmaram que possuíam uma vida social ativa. Apesar de saírem menos e gostarem de ficar mais em seus lares, procuravam realizar atividades, como: viajar; desempenhar trabalhos voluntários e visitar parentes. Entretanto, percebeu-se que não havia grandes influências das RSV neste aspecto.

“Possuo. Eu sempre gosto de sair, e assim, eu sempre vou num lugar que eu possa levar ela (filha deficiente).” (A9, sexo feminino, 70 anos)

“Como eu te disse, assim, a gente sai, não muito, mais a gente sai. Porque nem todo lugar dá para ir, mais, mas eu gosto de sair sim. Ir na Igreja, ir em algum lugar com a Ana Paula.” (A4, sexo feminino, 64 anos)

Infere-se que as redes de apoio social contribuem para que os idosos se sintam mais valorizados e queridos no meio em que estão inseridos. Por meio das redes sociais buscavam suprir a carência desencadeada pela distância dos familiares. Este fato justifica a necessidade em manter estes contatos sociais mais presenciais do que virtuais. Há uma ambiguidade quanto aos benefícios das RSV pelos idosos. Por um lado, percebiam que as RSV beneficiavam suas relações familiares e tornavam mais próximos os contatos com os entes queridos. Por outro aspecto, possuíam receio de que os contatos que mantinham ativos presencialmente com as redes de apoio social, como os grupos com os quais conviviam, tornassem-se distantes por causa da utilização das RSV. Ficou nítido que ainda preferiam que estes relacionamentos ocorressem com mais frequência presencialmente.

As redes sociais contribuem para que o idoso sinta-se mais valorizado e querido, assegurando a eles o sentimento de pertencimento e reduzindo o isolamento. Os laços sociais estimulam os idosos a possuírem um processo de envelhecimento mais saudável e feliz (MATSURUKA; MATURANO; OISHI, 2002). Os idosos que possuem relações sociais restritas tendem a manifestar maiores doenças, como a depressão, e a possuírem maior satisfação pela vida (MINCACHE et al., 2011).

6.5 Redes sociais virtuais: envelhecimento e qualidade de vida

O envelhecimento não pode ser encarado como uma fase de perdas e marcada por estereótipos negativos. Pelo contrário, é preciso que as pessoas compreendam que nesta fase é possível que os idosos possuam qualidade de vida, ou seja, desfrutem de sentimentos de bem-estar e tenham satisfação (KNOSRT et al., 2001).

Durante as entrevistas, observou-se que os participantes buscavam vivenciar um processo de envelhecimento mais saudável e harmônico. Possuíam anseio em continuar aprendendo e em participar ativamente da sociedade. Procuravam novas formas de

comunicação e socialização, além de se manterem inseridos no contexto social e familiar. Ficou nítido que as RSV contribuíam para que eles desfrutassem de um processo de envelhecimento com qualidade de vida. Os benefícios eram nítidos para a vida dos idosos e eles percebiam que as RSV proporcionavam a eles, novas experiências e contribuíam para que fossem pessoas mais felizes.

Todos os participantes afirmaram que as RSV mudaram suas vidas, ressaltando o aspecto positivo. Além do mais, contribuíam para que os idosos pudessem aprender novas formas de socialização, entretenimento, lazer e informações:

“Uai menina, mudou que, como diz que, eu fiquei curiosa para aprender o trem e quanto mais eu mexo mais eu aprendo, não é... Nossa! ” (A6, sexo feminino, 72 anos)

“Mudou com certeza. Eu acho que eu fiquei mais atenta as coisas, sabe?! As notícias, as informações. ” (A1, sexo feminino, 61 anos)

“Muda sim. Como eu te disse, melhora tudo, a comunicação com a família, a gente tem mais coisas para entreter. ” (A13, sexo masculino, 67 anos)

“Eu me sinto uma pessoa mais frequente na sociedade. Eu participo mais, eu vejo tudo no *Facebook*. Eu tenho um contato ótimo com meus familiares, que as vezes eu não tinha antes, porque nem sempre, como eu te falei, dava para ligar para todos. ” (A19, sexo feminino, 63 anos)

Varella (2009) retrata que a informatização das previdências e instituições financeiras tem obrigado as pessoas idosas a necessitarem de ajuda para cuidar de seus interesses pessoais. Mesmo que básico, o conhecimento das tecnologias, em especial, da informática, pode contribuir para que os idosos possuam mais independência e adquiram novos conhecimentos, os quais auxiliam a saúde mental.

A manutenção e a promoção da qualidade de vida, em geral, são influenciadas pelas relações que o indivíduo possui. À família, destaca-se o papel protetor e influenciador em todas as fases da vida. Em especial ao envelhecer, o idoso busca, nos relacionamentos familiares, o apoio para desfrutar de um envelhecimento mais ativo (NERI, 2002).

Não obstante, os participantes salientaram que as RSV também contribuem para que eles desfrutem de um processo de envelhecimento com mais qualidade de vida, melhorando o bem-estar e a saúde:

“É, nossa. É um meio de distração, um entretenimento.” (A3, sexo masculino, 69 anos)

“Ajuda. Porque a gente aprende muita coisa usando o Facebook. Distraí, é uma beleza.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Ah claro, porque tem hora que você pensa assim: “o que eu que eu vou fazer agora.” (A8, sexo feminino, 74 anos)

“Ah, deixa eu ver o que está acontecendo? O que eles mandaram aqui (entonação).” Eu acho que quando a pessoa envelhece, ele quer ter uma coisa assim, para entreter, para passar o tempo. É um entretenimento. Para nós, é muito bom.” (A5, sexo masculino, 73 anos)

“Eu acho, porque a gente fica com a mente o tempo todo ocupada, não tem tempo para ficar pensando no que não precisa.” (A18, sexo feminino, 69 anos)

“Ficávamos tão fechado. Então, só tinha televisão, e agora a gente fica sabendo de tudo mais rápido. Bem mais rápido.” (A11, sexo masculino, 63 anos)

“Conecta. Vê as notícias, as informações do mundo, as receitas novas (risos).” (A12, sexo feminino, 69 anos)

O bem-estar dos idosos está diretamente relacionado ao afeto e à proteção que recebem, além do entretenimento, atividades físicas e interação social (ARAÚJO, 2010). Para Geis (2003), as RSV proporcionam aos idosos, a manutenção da autonomia física e mental, conservando assim a saúde psíquica e física.

Além dessas questões, foi perguntado aos participantes se eles sentiam-se uma pessoa mais feliz depois que começaram a utilizar as RSV. Todos afirmaram que sim e citaram novamente os benefícios que as RSV proporcionavam em suas vidas.

“Eu achei. Porque eu não me sinto sozinha. Eu posso conversar com minha família mais fácil, mais rápido.” (A16, sexo feminino, 83 anos)

“Por toda vida, graças a Deus eu sempre fui uma pessoa feliz, mas de certa forma, traz sim, porque ficar mais próximo das pessoas que a gente gosta é muito bom.” (A2, sexo masculino, 67 anos)

“Eu acho. Porque melhorou muito o contato com minha família.” (A21, sexo masculino, 61 anos)

“Eu sempre fui uma pessoa muito feliz, a vida inteira. Estas tecnologias melhoram claro a nossa felicidade. Como toda a maioria da evolução. Eu penso assim, se você não sabe que existe, você não sabe que é bom, então, você não sente falta, entende? Eu sou da época que se namorava por cartas, era tão bom. Depois criaram o telefone, nossa que coisa mais chique do mundo (entonação), as cartas deixaram de serem boas naquela época?! Não, porque nem todo mundo tinha como ter telefone, eu mesma, demorei muito a ter um. Nossa, pensa ser esposa de um caminhoneiro (risos). Saia sem rumo e não sabia se voltava, não tinha como ter notícias, mas só tinha as cartas e depois com o

telefone tanta coisa melhorou. O mundo evolui e a gente precisa acompanhar ele. ” (A1, sexo feminino, 61 anos)

“Sim. Você fica sabendo o que está acontecendo com sua família mais rápido e de todos ali ao mesmo tempo. Porque às vezes, você liga para um, você liga para o outro. E no WhatsApp, assim, a gente tem o grupo, aí eles tudo já sabe o que está acontecendo, está todo mundo comentando, sabe? Acho que o maior benefício é esse aí. ” (A20, sexo feminino, 72 anos)

A participante A1 traz uma percepção interessante: o fato de que a satisfação está relacionada diretamente aos recursos que estão ao seu alcance para manter maiores contatos. As pessoas se adaptam conforme são oferecidos os mecanismos. Se eles nunca foram apresentados, eles nunca saberão se é bom ou não. A satisfação para a participante diz respeito ao momento vivenciado, tais como os recursos que eram ofertados a cada fase da vida para sanar a distância.

Evidenciou-se, durante as entrevistas, que os participantes não vivenciaram nenhum tipo de prejuízos trazidos pela utilização das RSV em suas vidas.

“Um dia entreti tanto, que deixei o arroz queimar (risos). ” (A13, sexo masculino, 67 anos)

Diante dos resultados, conclui-se que as RSV são ferramentas que auxiliam os idosos a desfrutarem de um processo de envelhecimento mais ativo e saudável. É nítido que os idosos que acessam a Internet sentem-se mais envolvidos na sociedade e, conseqüentemente, menos excluídos (RESENDE, 2004). Estas redes, para os idosos, trazem vários benefícios, como aprendizagem, relações com a sociedade e construção de possíveis amizades. Por meio das tecnologias da informação e da comunicação é possível suprir anseios e adquirir conhecimentos e informações (KACHAR, 2002).

Desta forma, as RSV influenciam positivamente a qualidade de vida dos idosos, contribuem para que eles se sintam mais felizes e favorece para que os relacionamentos familiares sejam mais unidos e harmônicos. Possibilita, também, que eles se sintam pertencentes ao mundo, e, além disso, favorece a aprendizagem, tornando os idosos mais independentes e autônomos. Proporciona benefícios para a qualidade de vida das pessoas idosas, destacando-se a diminuição da solidão (CHEN; SCHUTZ, 2016), que é considerada uma das ameaças mais fortes à saúde mental e física da pessoa idosa, podendo levá-la ao alcoolismo (STACHESKI, 2013), ao abuso de drogas (RAMOS,

2007), à depressão (FRIEMEL, 2014), à deficiência física (CHAN-OLMSTED; CHO; LEE, 2013) e, até mesmo, ao suicídio (AARTS; PEEK; WOUTERS, 2014).

7. CONCLUSÕES

Esse estudo objetivou identificar e analisar a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos. Para tanto, foi feita uma pesquisa quanti-qualitativa em que se realizaram entrevistas fundamentadas em roteiro semiestruturado com 21 idosos que possuem acesso a RSV, residentes do município de São Gotardo, região do Alto Paranaíba, em Minas Gerais. Por se tratar de uma amostra pequena, com características distintas da população idosa brasileira (maior escolaridade e renda) e residente em um município mineiro, os resultados não podem ser generalizados. Porém, indicam aspectos que podem ser melhor explorados em outras pesquisas.

Quanto às características sociodemográficas dos idosos, constatou-se que se trata de pessoas com um poder aquisitivo maior do que a maioria da população idosa no Brasil. Possuem, em maioria, ensino médio e ensino superior completo e, alguns ainda atuam no mercado de trabalho. Quanto ao uso das RSV, são utilizadas com frequência Facebook e WhatsApp. O principal meio de acesso é por meio do *smartphone* ou microcomputadores (*notebook*) e *tablets*.

A maioria dos idosos possui uma visão distorcida e negativa sobre o processo de envelhecimento, revelando um receio do “envelhecer” e alguns estereótipos negativos, com o uso distorcido do termo velho. Homens e mulheres encaram o processo de envelhecimento de formas diferentes, tendo em vista que as mudanças são influenciadas por aspectos culturais, de gênero e, ainda, de construções sociais. Os idosos não só se sentem capazes de continuar aprendendo, como desejam fazê-lo.

No que se refere à rede de apoio dos idosos, o trabalho é um ambiente social desvinculado das relações de amizade, entretanto, ao mesmo tempo, constitui um núcleo importante para o convívio social, já que, implicitamente, durante a maior parte da vida, as pessoas convivem com os colegas de trabalho. Após os familiares, o apoio é buscado nos vizinhos e não, necessariamente, nos parentes próximos. O relacionamento com os

vizinhos deve ser o mais “simpático” e “cortês” possível, sendo as relações construídas em laços fortes.

A maior motivação para a utilização das RSV é a possibilidade de maior comunicação com os familiares e parentes, ou seja, a relação familiar motiva a adoção das RSV. Esta motivação responde as questões levantadas, de que as RSV podem proporcionar aos idosos uma maior e melhor interação com os familiares. Dentre outros fatores que despertam o interesse dos idosos em relação às RSV, está a vontade de pertencimento e inclusão na sociedade.

As RSV são vistas pelos idosos como um mecanismo para serem reconhecidos, valorizados e queridos pelos familiares. O sentimento de saudade da família e a nostalgia de momentos que poderiam ter vivido com os familiares em outros momentos revelam a necessidade que os idosos possuem de se sentirem próximos e acompanharem suas rotinas, mesmo que virtualmente. As RSV proporcionam a eles a vivência de um processo de envelhecimento com mais felicidade e com sentimento de pertencimento, reduzindo a sensação de abandono e favorecendo a aprendizagem dos mesmos.

Entre as relações sociais mantidas por meio das RSV, verifica-se que seu uso está pautado na possibilidade de se ter ou não a presença física. Os idosos não utilizam as RSV com aquelas pessoas com as quais convivem, como com os colegas de trabalho. Observou-se que os participantes buscam vivenciar um processo de envelhecimento mais saudável, harmônico e com qualidade. Possuem anseio em continuar aprendendo e em participar ativamente da sociedade. Procuram novas formas de comunicação e socialização e de se manterem inseridos no contexto social e familiar. As RSV contribuem para que os idosos desfrutem de um processo de envelhecimento com qualidade de vida. Os benefícios são visíveis para a vida dos idosos e eles percebem que as RSV proporcionam a eles novas experiências e contribuem para que sejam pessoas mais felizes.

Assim sendo, desprende-se para as contribuições deste estudo. Esta pesquisa apresenta contribuições para a comunidade científica, para os idosos e para a academia. Para a comunidade científica, destaca-se a compreensão de como as pessoas idosas podem beneficiar-se com o uso de novas formas de comunicação, em especial as RSV, e

como a responsabilidade para que os mesmos possuam um processo de envelhecimento saudável é de toda sociedade, em especial da família.

Outra contribuição para a comunidade acadêmica está relacionada à relevância do tema. Sabe-se que ainda há poucos estudos a respeito do consumidor idoso, principalmente quando analisada sua percepção quanto aos usos de tecnologias e à influência que elas podem desencadear em sua qualidade de vida e nas relações familiares e sociais. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para que pesquisas sejam realizadas a fim de enriquecer e complementar este tema. Acredita-se também, que esta pesquisa contribui para os estudos sobre aspectos relacionados ao envelhecimento, às tecnologias de comunicação e à qualidade de vida.

Para os idosos, destaca-se a contribuição que o suporte teórico e a análise dos dados empíricos apresentados neste estudo pode oferecer. Por meio dos resultados, outros idosos podem sentir-se motivados a adotarem as RSV em seu dia a dia e, desta forma, terem a possibilidade de uma maior interação social, além de outros benefícios mencionados no decorrer do desenvolvimento deste estudo. Contribuem, também, para que os idosos percebam que o envelhecimento não precisa ser tratado com desprezo e, sim, que pode ser vivenciado buscando novas formas de socialização e interação na sociedade.

Entretanto, discorre-se para as limitações deste estudo. Primeiramente, entrevistou-se um número pequeno de participantes, embora se saiba que a pesquisa qualitativa não exige uma amostra mínima e trata-se da individualidade no discurso. A quantidade pequena de idosos participantes da pesquisa deve-se ao fato de que os idosos que possuem acesso as RSV ainda são, em maioria, aqueles que possuem maiores níveis de escolaridade e renda, havendo um fosso digital entre eles.

Quanto à formulação de uma agenda para futuras pesquisas, sugere-se que sejam realizados estudos de caso comparativos em cenários diversificados, abrangendo outras regiões do país, participantes de diferentes níveis de escolaridade e classe social e idosos que participem de outros tipos de grupos, de modo a ampliar as discussões considerando-se os idosos e as tecnologias de comunicação. No que refere aos aspectos metodológicos, sugere-se que outras estratégias e abordagens sejam utilizadas, contemplando a

triangulação de dados, métodos e teorias, e que os participantes possam ser ampliados para outras categorias.

Frente ao exposto, destaca-se que as pessoas idosas podem e devem usufruir de um processo de envelhecimento saudável, e que a responsabilidade por permitir isso é de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARTS, S.; PEEK, S. T. M.; WOUTERS, E. J. M. The relation between social network site usage and loneliness and mental health in community-dwelling older adults. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 30, n. 9, p. 942-949, 2014.

ABBEY, R., HYDE, S. No country for older people? Age and the *digital divide*. **Journal of Information Communication Ethics Society**, 22(4), 225–242, 2009.

AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES - ANATEL. **Programa de Análise de Produtos**: Relatório sobre Análise em Banda Larga Móvel - Internet 3G e 4G. Inmetro: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 2015. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/consumidor/produtos/banda_larga_movel.pdf>. Acesso em: 01 jun 2016.

AHARONY, N. What's App: A social capital perspective. **Online Information Review**, v. 39, n. 1, 2015.

ALMEIDA, A. N.; KASSOUF, A. L. Determinantes do consumo das famílias com idosos e sem idosos, com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares de 1995/96. **Revista de Economia Aplicada**, São Paulo, FEA/USP, v. 8, n. 3, jul./set. 2004.

ALMEIDA, J. P. **Arranjos familiares de idosos residentes na área de atuação de uma estratégia de saúde da família de Porto Alegre - RS**. Porto Alegre: 2011. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Graduação em Enfermagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

ALMEIDA, E. J. et al. Dor e perda: Análise do processo do luto. **Revista de Psicologia da Imed**, Porto Alegre, v. 1, n. 7, p.15-21, jan. 2015.

ALVES, J. E. D. O Programa Bolsa Família e a Transição da Fecundidade no Brasil. **Centro Internacional de Políticas Para O Crescimento Inclusivo (ipc-ig)**, v. 02, p. 01-02, 2013.

AMARAL, G. A.; VIEIRA, A. A Mulher e a Tripla Jornada de Trabalho: a Arte de Ser Beija-Flor. In: ENCONTRO DA ANPAD, Não use números Romanos ou letras, use

somente números Arábicos., 2009, São Paulo. **Anais ANPAD**. São Paulo: Anpad, 2009. p. 01 - 16.

ANDRADE, G.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002.

ARAÚJO, E. N. P. **Intervenções Psicogerontológicas na Promoção de Envelhecimento Bem-Sucedido**. In: MALAGUTTI, W; BERGO, A. M. A. (Org.). *Abordagem Interdisciplinar do Idoso*. Editora: Rubio, Rio de Janeiro, 2010, p. 67-76.

ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. A. M. L. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicol. Ciênc. Profissão**, 25 (1): 118-131, 2005.

ARAÚJO, L. F., AMARAL, E. de B.; SÁ, E. C. do N. Análise semântica da violência na velhice sob a perspectiva de estudantes do ensino médio. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(2), 105-120, 2004.

ARAÚJO, M. de; CICONELLI, R. M.; PEDROSO, M. C. Redes sociais: uma proposta para o estudo do comportamento alimentar no planejamento e execução de programas educativos. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 39, n. 04, p. 87-94, 2010.

ARAÚJO, L. F. de, A.; SÁ, E. C. do N.; AMARAL, E. de B. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p.468-481, 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932011000300004>.

ARAÚJO, F. F.; ROCHA, A. Significados Atribuídos ao Lazer na Terceira Idade: Observação Participante em Encontros Musicais. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 2, p. 38-55, 2016.

AREOSA, S. V. C, BENITEZ, L. B, WICHMANN, F. M. A. Family relationship and social interaction among elderly. **Revista Textos & Contextos**. v. 10, n.11, p.184-192, 2012.

ARGIMON, I. I. de L.; STEIN, L. M.. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. **Cadernos de Saúde Pública**, [s.l.], v. 21, n. 1, p.64-72, fev. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2005000100008>.

ARIYACHANDRA, T.; CRABLE E., BRODZINSKI J.. Seniors Perceptions of the web social networking. **Issues in Information Systems**, v. 10, n.2, p. 332, 2009.

ASSIS, L. P. P; AMARAL, M. L. N. do. Envelhecimento e suporte social. In: COSTA, Geni de Araújo (Org.). **Atividade física, envelhecimento e a manutenção da saúde**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 207-217.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS - Abihpec. **Setor de higiene e beleza cresce 11% em 2014**. 2012. Disponível em: <<https://abihpec.org.br/2015/04/setor-de-higiene-e-beleza-cresce-11-em-2014/>>. Acesso em: 04 abr. 2017.

ATALAIA-SILVA, K. C.; LOURENÇO, R. A.. Tradução, adaptação e validação de construto do Teste do Relógio aplicado entre idosos no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 42, n. 5, p.930-937, out. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102008000500020>.

ÁVILA, A. H.; GUERRA, M.; MENEZES, M. P. R. (2007). Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. **Pensamento Psicológico**, 3(8), 7-18. 2007.

AZEVEDO, C. D.; CÔRTE, B. Breve reflexão sobre a internet e a longevidade: novos espaços de socialização preparam o silêncio da saúde. **A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento**, v. 20, n. 45, p. 7-37, 2009.

BACHA, M.; STREHLAU, V. I. Propaganda na TV Não Vende Carros. A Semiótica Ajuda a Entender Por Que. In: **XXIX EnANPAD**, Brasília. Anais... Brasília: ANPAD, 2005.

BACHA, M. de L.; STREHLAU, V. I.; ROMANO, R. Percepção: termo frequente, usos inconseqüentes em pesquisa? **ENANPAD**, 30, Curitiba, Anais..., ANPAD: Salvador, 2006. 1.

BACHA, M. de L.; STREHLAU, V. I. O significado da terceira idade pela terceira idade: autoconceito das classes AB e CD em São Paulo. In: Encontro de Marketing da ANPAD, 3, 2008, Curitiba. **Anais da ANPAD...** Curitiba, 2008.

BAKER, J. R.; MOORE, S. M. Distress, Coping, and Blogging: Comparing New Myspace Users by Their Intention to Blog. **Cyberpsychology & Behavior**, v. 11, n. 1, p.81-85, 2008.

BALDIN, C. J.; FORTES, V.L.F. **Viuvez feminina**: a fala de um grupo de idosas. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 43-54, jan./jun. 2008.

BALLSTAEDT, A. L. M. P. Comportamento e estilo de vida da população idosa e seu poder de consumo. In: **ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO**, 2. Anales... Buenos Aires, 2007.

BARBOVSCHI, M.; MACHÁČKOVÁ, H.; ÓLAFSSON, K. Underage Use of Social Network Sites: It's About Friends. **Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking**, v. 18, n. 6, p. 328-332, 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARKER, V. Older Adolescents' Motivations for Social Network Site Use: The Influence of Gender, Group Identity, and Collective Self-Esteem. **Cyberpsychology & Behavior**, v. 12, n. 2, p.209-213, 2009.

BENDASSOLLI, P. F. **O ethos do trabalho**: sobre a insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho. São Paulo, USP, Instituto de Psicologia, Tese de doutorado, 2006.

BOM SUCESSO, E. de P. **Trabalho e qualidade de vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship', **Journal of Computer-Mediated Communication**. v. 13, n.1, p. 210-230, 2007.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília: 2003. P. 68. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 07 abr 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em 04/08/2016.

BRITO, R. A utilização do computador e internet por idosos. In: **II Congresso Internacional TIC e Educação**, Lisboa, Portugal. Disponível em: <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/358.pdf>. Acesso 19 abr 2016.

BULLA, L. C.; KUNZLER, R. B. **Envelhecimento e gênero: distintas formas de lazer no cotidiano**. In: DORNELLES, B.; COSTA, G. J. C. da (Org.). *Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005, p. 81-87.

CAMARANO, A. A.; GHAOURI, S. K. Famílias com Idosos: ninhos vazios?. In: **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, Anais... de 4 a 8 de novembro de 2002.

CAMARANO, A.A. (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60 anos?* Rio de Janeiro: **IPEA**, 2004.

CAMARANO, A. A.; GHAOURI, S. K. *Família com idosos: ninhos vazios?* Rio de Janeiro: **IPEA**, 2003 (Texto para Discussão).

CAMARANO, A. M.; KANSO, S. Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados. **IPEA**: Texto para Discussão nº 1.426, Rio de Janeiro, 2009.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: continuação de uma tendência**. 2011. Disponível em: <http://www.coletiva.org/site/index.phpopt> . Acesso em: 15 abr. 2016.

CAMPOS, A.P.M.de. **Envelhecimento feminino: bicho de sete cabeças?** In: FALCÃO, D.V. da S.; DIAS, C.M. de S.B. (org.). Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006. Cap.1, p.17.33.

CANESQUI, A. M.; BARSAGLINI, R. A.. Apoio social e saúde: pontos de vista das ciências sociais e humanas. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, v. 17, n. 5, p. 1103-1114, 2012.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves et al., A Produção Científica sobre Gênero na Administração: Uma Meta-Análise. **REAd - Revista Eletrônica de Administração**, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, 2007, pp. 502-528 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401137458002>. Acesso em 05 nov. 2015.

CARLOS, S., MARASCHIN, C. CANTERGI, M.. O velho e a representação social da velhice. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 3, n. 3, p: 35- 52. 2000.

CARTER, B., MACGOLDRICK, M. (Org.). As mudanças do ciclo da vida familiar (2a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. 2001

CARVALHO, J. A. M; GARCIA, R. A. **O envelhecimento da população brasileira: um enforque demográfico**. Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, ed. 19 v. 3. p: 725 – 733.

CARVALHO, J. et al. Força muscular em idosos II – Efeito de um programa complementar de treino na força muscular de idosos de ambos os sexos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 4, 2004.

CARVALHO, A. S. Gestão de pessoas e envelhecimento: sentido do trabalho para o idoso. In: ENANPAD, 33, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009.

CHAN – OLMSTED, M. S.; CHO, M.; LEE, S. User Perceptions of Social Media: A Comparative Study of Perceived Characteristics and User Profiles by Social Media. **Online Journal of Communication and Media Technologies**, v. 3, n. 4, p. 149-178, 2013.

CHEN, Yi-ru R.; SCHULZ, P. J. The Effect of Information Communication Technology Interventions on Reducing Social Isolation in the Elderly: A Systematic Review. **J Med Internet Res**, v. 18, n. 1, p.18-30, 2016.

CHEPE, L. M.; ADAMATT, D. F. Estudo Sobre Interação de Idosos em Redes Sociais Digitais. **Informática na Educação: teoria & prática**, v. 18, n. 2, p.01-22, 2015.

CHOU, K.-I.; CHI, I. Reciprocal relationship between social support and depressive symptoms among Chinese elderly. **Aging & Mental Health**, v. 7, n. 3, p. 224-231, 2003.

COIMBRA, J. F. M.. **O sentimento de solidão em idosas institucionalizadas: A influência da autonomia funcional e do meio ecológico**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CETIC. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Centros Públicos de Acesso 2014**. [s.i]: Ministério das Comunicações, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Michelle/Downloads/tic-centros-publicos-de-acesso-2013-12112014 (1).pdf>. Acesso em: 01 mai 2016.

COMSCORE. O conteúdo de mídias sociais na América Latina. Disponível em: www.comscore.com.br. Acesso em: 27 jul. 2017.

COSTA, F. G; CAMPOS, P. H. F.. Práticas Institucionais e Representações da Exclusão na Terceira Idade. Em P. H. F. Campos & M. C. S. Loureiro (Orgs.). **Representações Sociais e Práticas Educativas**, Goiânia-GO: EdUCG. p. 187-207, 2003.

COUTRIM, R. M. da E. **Idosos trabalhadores: perdas e ganhos nas relações intergeracionais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=enDirectory>. Acesso em: 18 jun. 2008.

CUPERTINO, A. et al. Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. **Psicologia: Reflexão Crítica**, 20. 1, 81-86, 2007.

DELLA BELLA, M. A. A. G. **O ensino de idioma para a terceira idade: enfoque específico para o ensino de língua italiana**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2007.

DERBERT, G. G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento, ed. 1. Reimpr. São Paulo: Editora USP/Fapesp, 2004.

DIAS, I. G. **A institucionalização asilar na percepção do idoso e de sua família: o estudo do “Lar dos Velhinhos” – Viçosa/MG**. 2007. (Mestrado) – Dissertação Universidade Federal de Viçosa. 2007.

DOYLE, C., GOLDINGAY, S. J.. The Rise of the ‘Silver Surfer: Online Social Networking and Social Inclusion for Older Adults. **Journal of Social Inclusion**. V.3, n.2: 40–52, 2012.

ERBOLATO, R. M. P. L. **Contatos sociais: relação de amizade em três momentos da vida adulta**. Tese (Doutorado em Psicologia). Campinas, SP: Centro de Ciências da Vida: PUCCAMP, 2001.

EASTMAN, J.; IYER, R. The elderly's uses and attitudes towards the Internet. *The Journal of Consumer Marketing*. Santa Barbara: 2004. Vol.21, Num. 2/3; p. 208.

ESTEVEVES, P. S.; SLONGO, L. A.; ESTEVEVES, C. S.; BARCELOS, R. H. As emoções dos consumidores da terceira idade no processo de escolha de destinos de viagens. **Revista de Administração da UFSM**, v. 6, n. 3, p. 561-580, 2013.

FARAJ, S.; JOHNSON, S. L. Network Exchange Patterns in Online Communities. **Organization Science**, v. 22, n. 6, p. 1464–1480, 2011.

FECHINE, B. R. A ; TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. *InterSciencePlace*. **Revista Científica Internacional**, 2012, v. 1, n.7, 106-194.

FERREIRA, J. M.; CUNHA, N. C. V.; MENUT, A. Z. C. Qualidade de vida na terceira idade: um estudo de caso do Sesc Alagoas. **GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 8, n. 1, p. 118-135, 2010.

FERREIRA, M. C.; LUIZ, G. V. Prontidão para tecnologia de pequenos e médios empresários. **Revista de Administração da UEG**, Goiânia, v. 2, n. 7, p.01-21, jun. 2016.

FIGLIORE, A. M. et al. Multimodel estimates of intercontinental source-receptor relationships for ozone pollution. **Journal of Geophysical Research**, v. 114, n. 4, p.01-22, 2009.

FRAGA, M. H. S. et al. A.Refletindo sobre as redes sociais no cuidado e educação de crianças de 0 a 6 anos de idade em famílias de camadas médias da população. **Revista Brasileira de Economia Doméstica: Oikos**, v. 22, n.2, p. 131-149, 2011.

FRIEMEL, T. N. The digital divide has grown old: Determinants of a digital divide among seniors. **New Media & Society**, v. 18, n. 2, p. 313-331, 2014.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Boletim PAD-MG 2011**. Centro de Estatística e Informações. Disponível em: <<http://fjp.mg.gov.br/index.php/docman/cei/pad/335-boletim-pad-mg-2011-perfil-da-populacao-idosa-de-minas-gerais/file>>. Acesso: 04 abr 2016.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil 2007**. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/idosos-no-brasil-2007>>. Acesso em: 18 abr 2016.

GAIKAR, V.; GAIKAR, V. **A Guide to using Social Media Channels for your Business**. 2015. Disponível em <http://www.tricksmachine.com/2015/01/guide-using-social-mediachannels-business.html>. Acesso em 20 de abril de 2015.

GARCIA, H. D.. **A terceira idade e a Internet**: uma questão para o novo milênio. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista, Marília, Paraná, Brasil. 2001.

GEIB, S. **Associação entre capacidade funcional e qualidade de vida de idosos da comunidade que moram sozinhos no município de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Escola Paulista de Medicina, USP, São Paulo, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

GOLDANI, A. M. Relações intergeracionais e reconstrução do estado de bem estar. Por que se deve repensar essa relação para o Brasil. 2004. p. 221-239. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/PopPobreza/GoldaniAnaMariaCapitulo7.Pdf>>. Acesso em: 05 mar 2017.

GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 17, p.65-80, jun. 2005.

GONZALEZ, L. M. B.; SEIDL, E. M. F. O envelhecimento na perspectiva de homens idosos. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2011, vol.21, n.50, pp.345-352. ISSN 0103-863X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300007>.

GOSWAMI, S. et al. Using Online Social Networking to Enhance Social Connectedness and Social Support for the Elderly. International Conference on Information Systems, 2010, Saint Louis, **Anais...** Saint Louis, 2010.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. Ed. Porto Alegre: Penso, 2012. P. 163-177.

GUEDEA, M. T. D. et al. Relação do bem-estar subjetivo, estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. [online]. 2006, vol.19, n.2, pp.301-308. ISSN 0102-7972. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200017>.

GUERRA, A. C. L. C; CALDAS, C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciências saúde coletiva**, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.

GUIMARÃES, L.A.M.; SIGRIST, J. & MARTINS, D.A. Modelo teórico de estresse ocupacional: desequilíbrio entre esforço – recompensa no trabalho (ERI) In: **Série Saúde Mental e Trabalho**, ORG.: GUIMARÃES & GRUBITS vol.2 Casa do Psicólogo,2004

HERNANDIS, S. P. El apoyo social y las relaciones sociales de las personas mayores. In S. Pinazo & M. Sánchez (coords), **Gerontología**. Actualización, innovación y propuestas. p. 225-256. 2005.

HIPP, R. Orígenes del matrimonio y de la familia modernos. **Revista Austral de Ciências Sociais**, Valdivia: Universidade Austral do Chile, n. 11, p. 59-78, 2006

HORNEMAN, L.; et al. Profiling the Senior Traveler: an Australian Perspective. **Journal of Travel Research**, v. 41, p. 23-37, 2002.

INTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA - IBOPE (2015). **Mais internautas em casa**. Recuperado em 25 de abril, 2012. Disponível em <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=NotE Dc ias&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>> Acesso em: 18 abr 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **A evolução da esperança de vida no Brasil na última década do século XX: os ganhos e os diferenciais por sexo**. 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao_da_mortalidade.shtm. Acesso em: 05 ago. 2016

_____. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2013**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2013/>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

_____. **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – PNAD**. 2013. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em: 18 abr 2016.

_____. **Boletim da Pesquisa por Amostra de Domicílios –PAD**. 2014. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=250750>. Acesso em: 10 abr 2016.

_____. **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios – PNAD**. 2015. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em: 18 abr 2016.

JANTSCH, A. et al. **As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os idosos na era digital**. IEEE-RITA, Madrid, v. 7, n. 4, p. 173-179, nov. 2012.

JIMÉNEZ-CORTÉS, R. et al. Motivos de uso de las redes sociales virtuales: Análisis de perfiles de mujeres rurales. **Relieve**, v. 21, n. 1, p. 01-18, 2015.

LEBRÃO, M. L.; LAURENTI, R.. Saúde, bem-estar e envelhecimento: o estudo SABE no Município de São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 8, n. 2, p. 01-12, 2005.

LEWIS, S.; ARIYACHANDRA, T. Seniors and On-line Social Network Use. **Journal of Information Systems Applied Research**, Chicago, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2011.

LIMA, A. M. M. et al. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Interface**, v. 12, n. 27, p. 795-807, 2008.

KALACHE, A. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, v. 13, n. 4, 2008.

KACHAR, V. A terceira idade e a inclusão digital. **Revista O mundo da Saúde**, v. 26, n. 3, p. 103, 2002.

KAPLAN, A. M.; HAENLEIN, M. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media, **Business Horizons**, Vol. 53 No. 1, pp. 59-68, 2010.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

KNOSRT, F. et al. **Qualidade de vida do idoso**. In: Terra, N. L. (org.) Envelhecendo com qualidade de vida. Programa Geron da PUCRS. Porto Alegre: EdiPUCRS; 2001.

KUZNIER, T. P. **O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Departamento de Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

KUZNIER, T; LENARDT, M. O idoso hospitalizado e o significado do envelhecimento. **Revista de Enfermagem Centro-Oeste Mineiro**. v. 1 n. 1 p. 70-79, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/29/77>. Acesso em: 24/06/2012.

MACHADO et, al. Leitura e escrita no Facebook: um relato de experiência no curso de Letras. **IX Encontro Nacional de História da Mídia**. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-damidia-digital/leitura-e-escrita-no-facebook-um-relato-de-experiencia-no-curso-de-letras>> Acesso em 10 de out de 2016.

MACIEL, P. C. S., PESSIN, G; TENÓRIO, L. C. Terceira idade e novas tecnologias: uma relação de possibilidades e desafios. **Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades**, Niterói-RJ, 03 a 06 de setembro, 2012.

MARI, F. R. et al. The aging process and health: what middle-aged people think of the issue. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 19, n. 1, p.35-44, fev. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2016.14122>.

MATSUKURA, T.S.; MARTURANO, E.M.; OISHI, J. O questionário de suporte social (SSQ): estudos de adaptação para o português. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n.10, v. 5, 2002.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L.. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [s.l.], v. 7, n. 1, p.2-13, 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-86922001000100002>.

MATSUKURA, T. S. et al. Estresse e suporte social em mães de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 13, n. 3, p.415-428, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382007000300008>.

MERZ, E. M.; CONSEDINE, N. S. The association of family support and wellbeing in later life depends on adult attachment style. **Attachment & Human Development**, v. 11, n. 2, p. 203-221, 2009.

MINCACHE, G. B. et al. Aliando Tecnologia da Aprendizagem à Qualidade de Vida dos Idosos. **Redes**, S.i, v. 1, n. 6, p.291-299, jan. 2011.

MINÉ, T. De bem com a vida: os idosos no Facebook. **IV Congresso Internacional em Comunicação e Consumo**. São Paulo, 2014.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO. (n.d.). **Salário mínimo passa de R\$ 880 em 2016 para R\$ 937 no próximo ano**. Recuperado em 29, dezembro, 2016. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/noticias/nota-a-imprensa-reajuste-do-salario-minimo-2017>. Acesso em: 29 mar. 2017.

MONTALI, L. Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração nas condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 42, 2000.

MONTAÑA, M.; ESTANYOL, E.; LALUEZA, F. Internet y nuevos medios: estudio sobre usos y opiniones de las personas mayores en España. **Revista Internacional Información y Comunicación**, v. 24, n. 6, p. 759-780, 2015.

MOREIRA, M. R. L. P. (Orgs). **Rejuvenescer a velhice**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 125-30.

MOTTA, A. B. da. Envelhecimento masculino: trabalho, aposentadoria e participação social. In: Barros Júnior, J.C. (Org.). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**, São Paulo (SP): EDICON. p. 67 – 79, 2009.

NERI, A. L. O fruto das sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In: E por falar em boa velhice. Neri, A.L. (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociais**: 11-54, 2001.

NERI, A. L. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no estatuto do idoso. **A Terceira Idade**, v.16, n.34, p.7-24, 2005.

NERI, A. L., CACHIONI, M., RESENDE, M. C. Atitudes em relação à velhice. In E. V. Freitas, L. Py, A. L. Néri, F. A . X. Cançado, M. L. Gorzoni & S. M. Rocha (Orgs.), **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2002. 972–980.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação: qual é a idade da velhice? In: _____. (Org.). E por Falar em Boa Velhice. Campinas: Papirus, 2000. P. 2-4.

NOGUEIRA, E.; et al.. **Rede de relações sociais e apoio emocional: pesquisa com idosos**. Iniciação Científica CESUMAR, Maringá, v. 11, n. 1, jan./jun. 2009, p. 65-70.

OLIVEIRA, D. A. A. P; GOMES, L.; OLIVEIRA, R. F. Prevalência de depressão em idosos que frequentam centros de convivência. Rev. Saúde Pública [online]. 2006, vol.40, n.4, pp.734-736. ISSN 1518-8787. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000500026>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Dados internacionais de catalogação na publicação** - Biblioteca da OMS: Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, 2008. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=31>. Acesso em: 16 abr 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento** - 2002. Trad. por Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

PAPALÉO NETTO, M.; PONTE J. R.. Envelhecimento: desafio da transição do século. In:

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu; 2005. p. 3-12.

PARALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento Humano**. 7a. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PARK, S.; CHO, K.; LEE, B. G. What Makes Smartphone Users Satisfied with the Mobile Instant Messenger?: Social Presence, Flow, and Self-disclosure. **International Journal of Multimedia & Ubiquitous Engineering**, v. 9, n. 11, 2014.

PASSERINO, L. M.; PASQUALOTTI, P. R. A inclusão digital como prática social: uma visão sócio-histórica da apropriação tecnológica em idosos. In: PORTELLA, M. R.; 2006.

PASQUALOTTI, A., GAGLIETTI, M. (Orgs.). **Envelhecimento Humano: Saberes e Fazeres**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006, p. 246-260.

PETERSEN, D. A. W.; KALEMPA, V. C.; PYKOSZ, L. C. Envelhecimento e Inclusão digital. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, v. 10, n. 15, p. 120-128, 2013.

PEW RESEARCH CENTER. **Generations 2010**. Disponível em: http://www.pewinternet.org/files/old-media/Files/Reports/2010/PIP_Generations_and_Tech10.pdf. Acesso em: 15 abr 2016

PINQUART, M.; SORENSER, S. Influences of socioeconomic status, social network, and competence on subjective well-being in later life: a meta-analysis. **Psychology and Aging**. v. 15, n. 2000. p. 187-224. 2000.

PINTO, J. G. et al. Características do apoio social oferecido a idosos de área rural assistida pelo PSF. **Revista Ciência Saúde Coletiva**, v. 11, n. 3, p. 753-764, 2006.

POMPERMAYER, M. M. **Idosos sim, velhos não**: análise a partir da participação em um programa de responsabilidade social empresarial. 2010. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Doméstica, Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

PONT GEIS, Pilar. **Atividade Física e Saúde Na Terceira Idade**: Teoria e Prática. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RAMBE, P.; CHIPUNZA, C. Using mobile devices to leverage student access to collaboratively-generated resources: A case of WhatsApp instant messaging at a South African University. **International Conference on Advanced Information and Communication Technology for Education**. 2013.

RAMOS, L. R. Envelhecimento populacional: um desafio para o planejamento em saúde. **Anais da I Oficina de Trabalho sobre Desigualdades Sociais e de Gênero em Saúde do Idoso**. Ouro Preto, MG, 2002, p. 85-88.

RAMOS, G. M.; QUEIROZ, M. G. S.; OLIVEIRA, S. C. **O lazer como fator de qualidade de vida no trabalho**: estudo exploratório no SESC Guaxuma/ AL. 2003. 30 p. Monografia. Curso de Especialização Lato Sensu em Gestão das Organizações Sociais, Universidade Federal de Sergipe. Aracajú, SE, 2003.

RAMOS, M. Os sintomas depressivos e as relações sociais na terceira idade. *Revista Departamento Psicologia.*, v. 19, n. 2, p. 397-410. 2007.

RAMOS, A. C. Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. **Educação e Sociedade**. [online]. 2014, vol.35, n.128, pp.781-809. ISSN 0101-7330. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302014000300001>.

REIS, L. A. et al. Percepção do suporte familiar em idosos de baixa renda e fatores associados. **Texto contexto – enfermagem**, v. 20, n. 01, p. 52-58, 2011b.

RESENDE, M. C. et al. Configuração da rede de relações sociais de idosos participantes de grupo de convivência". In: Anais... **XXXIV Reunião Anual Sociedade Brasileira Psicologia**. Ribeirão Preto: SBP, 2004.

RESENDE, M. C. et al. Rede de relações e satisfação com a vida em pessoas com amputação de membros. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 164-177, 2007.

RIBEIRO, M. A. Terceira idade: Família e relacionamento de gerações. **A Terceira Idade**, Ano X, n. 16, maio 1999.

RIBEIRO, J.F. **Autonomia do ser idoso: percepção da família corresidente**. 2014. Programa de Pós Graduação em Enfermagem e Saúde. Área de concentração: Saúde Pública. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Jequié/BA.

RIDDER, S. de; VAN BAUWEL, S. The discursive construction of gay teenagers in times of mediatization: youth's reflections on intimate storytelling, queer shame and realness in popular social media places. **Journal Of Youth Studies**, v. 18, n. 6, p. 777-793, 2015.

RISSARDO, K.L. et al.. Sentimentos de residir em uma instituição de longa permanência: percepção de idosos asilados. **Revista de Enfermagem UERJ**, 20(3), 380-385. 2012.

RIZZOLLI, D.; SURDI, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* [online]. 2010, vol.13, n.2, pp.225-233. ISSN 1981-2256. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000200007>.

RODRIGUES, A. G.; SILVA, A. A. da. A rede social e os tipos de apoio recebidos por idosos institucionalizados. **Revista brasileira de Geriatria e Gerontologia**. [online]. 2013, vol.16, n.1, pp.159-170. ISSN 1981-2256. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232013000100016>.

RODRÍGUEZ, C, F., OBREGÓN, D., ROYO, R. New world, new minds: changing the learning process Through the use of new devices. **5th International Conference of Education, Research and Innovation**. Madrid, Spain. 19th- 21st, 2012.

RODRIGUEZ, A.; ZUNZUNEGUI, M.; OTERO, A.L. The effect of social relationships on survival in elderly residents of a Southern European community: a cohort study. **BioMed Central Geriatrics**, v. 7, n. 1, p. 19-30, 2007.

RODRIGUEZ, M. et al. Social Media's Influence on BusinessTo-Business Sales Performance, **Journal of Personal Selling & Sales Management**, v. 32, n. 3, p. 365-378, 2012.

ROSENBERG, B. C. Social spaces for seniors: Exploring seniors' centres and clubs in Australia. **Journal Of Sociology**, v. 51, n. 3, p. 464-477, 2013.

ROSS, C. et al. Personality and motivations associated with Facebook use. **Computers In Human Behavior**, v. 25, n. 2, p. 578-586, 2009.

RUBIO, C., P. D., et al. Homeostatic adaptation to endoplasmic reticulum stress depends on Ire1 kinase activity. **J. Cell Biol.** 2011. 193, 171-184.

SAAD, P. M. Transferência de apoio intergeracionais no Brasil e na América Latina. In: Camarano, A. M. (org). Os novos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: **IPEA**, 2004.

SALES, M. B.; XAVIER, A., BAYER, J. Metáfora e Dinâmicas de Grupo em Oficina de Internet para Idosos. In: CONFERÊNCIA IBERO-AMERICANA WWW/INTERNET. Algarve/Portugal, 2003, p. 175-178.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Revista Holos**, v. 6, p.307-321, 2015.

SARAIVA, C. A. E; ARGIMON, I. I. L. A informática além do ensinar: conviver e interagir com idosos. Porto Alegre – RS. In: **III MOSTRA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA PUCRS**, 2008. V. 3, p. 1-3.

SARTI, C. A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.) **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC : Cortez, 2000.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC/SP; FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil. Vivências, desafios e expectativas na terceira idade, 2007.** Disponível em: http://www2.fpa.org.br/uploads/1_perfil_sociodemografico_idosos_brasileiros.pdf. Acesso em: 14 abr 2016.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Idosos impulsionam o mercado de cosméticos e beleza, 2012.** Disponível

em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2012/01/02/internas_economia,284809/idosos-impulsionam-o-mercado-de-cosmeticos-e-beleza.shtml. Acesso em 14 abr. 2017.

SCHNEIDER, R. H. IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 2008.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. de C. da S.. Idoso: Um novo ator social. **Ix Anped Sul**, Sul, v. 1, n. , p.01-17, jan. 2012.

SECRETARIA de Comunicação Social, **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014 Disponível em: Acesso em 28 de abril de 2017.

SHERMAN, A. M. et al. The contribution of social support and social strain to depressive symptoms in African American, Native American, and European American women. **Journal Of Social And Personal Relationships**, v. 28, n. 8, p. 1104-1129, 2011.

SIKOTA, C. S. S.; BRÊTAS, A. C. P. O significado do envelhecimento e trabalho para vendedor ambulante idoso. **Revista de Enfermagem da Ufsm**, Santa Maria, v. 1, n. 2, p.135-144, abr. 2012.

SILVA, L. C. C. et al. Atitude de idosos em relação à velhice e bem-estar psicológico. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 3, n. 15, p.119-140, jun. 2002.

SIQUEIRA, A., SILVA, M. N. **O bem-estar da pessoa idosa em meio rural**. Análise Psicológica, 3, 505-516. 2002.

SLEGGERS, K.; VAN BOXTE, M. P. J.; JOLLES, J. Effects of Computer Training and Internet Usage on the Well-Being and Quality of Life of Older Adults: A Randomized, Controlled Study. **Journal Of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 63, n.3, p. 176-184, 2008.

STACHESKI, D. R. O idoso brasileiro na comunicação pública. Cidadania e representações sociais num sistema de interação midiático. **Tese de doutorado da Universidade Tuiuti do Paraná**, no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Linguagens. PR, Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/ccomunicacao/article/viewFile/10946/8183>>. Acesso em: 30 mar 2016.

STELLEFSON, M. et al. Web 20 chronic disease self-management for older adults: a systematic review. **Journal of medical internet research**, v. 3, n. 2, p. 35, 2013.

TANURE, B., CARVALHO NETO, A.; ANDRADE, J. O. A Super Executiva às voltas com carreira, relógio biológico, maternidade, amores e preconceitos. In: ENANPAD

2006 - Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, Salvador. **Anais...** XXX Encontro da ANPAD, 2006. CD-ROM.

TEIXEIRA, I. N. D. O.; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Revista de Psicologia USP**, v. 19, n. 1, p. 01-17, 2008.

TORRES, C. **A Bíblia do Marketing Digital**: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na Internet e não tinha a quem perguntar. São Paulo: Novatec Editora, 2009.

TRENTHAM, B. et al. Social media and senior citizen advocacy: an inclusive tool to resist ageism?. **Politics, Groups, And Identities**, v. 3, n. 3, p. 558-571, 2015.

UJIKAWA, C, M. **Vila dos Anciãos**: Arquitetura propõe conceito de moradia para idosos. 2010. 284 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VARELLA, D. **Plasticidade cerebral**, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/wiki-saude/plasticidade-cerebral/>>. Acesso em 03 abr 2017.

VERAS, R. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, Jun. 2003, 19 (3).

VIANNA, S.M. **Demografia e saúde**: contribuição para Análise de Situação e Tendências. Disponível em: www.saude.gov.br/pnds. Acesso em: 27 jul. 2017.

VIANNA, L. G., LOUREIRO, A. M. L. ALVES, V. P. O velho e a morte. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, 15, pp.117-132. 2002.

VYGOTSKI, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WASSERMAN, C. et al. Redes Sociais: Um novo mundo para o idoso. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul, v. 1, n. 10, p.01-10, jul. 2012.

WILMOTH, J. **Arranjos de vida de idosos nos Estados Unidos**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 7, jan/jun 2002, p. 136-155.

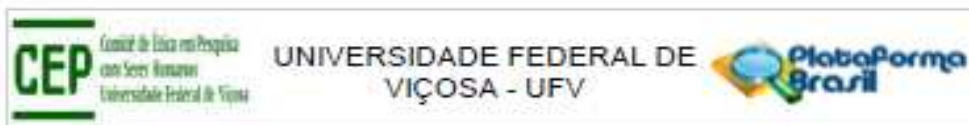
WONG, L. L. R.; CARVALHO, J. A. M. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. V.23, n. 1. São Paulo, jun. 2006;

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Envelhecimento ativo: Uma política de saúde** (S. Gontijo, Trad.). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. 2005.

YOKOYAMA, M. H. How social network sites (SNS) have changed the employer–employee relationship and what are the next challenges for human resource (HR)? **Revista de Gestão**, v. 23, n. 1, p. 2-9, 2016.

ZAMBERLAM, C. de O. **Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001, p.11.

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – UFV



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Idosos Internautas: A influência das redes sociais digitais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais

Pesquisador: Karla Maria Damiano Teixeira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60628116.9.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.621.644

Apresentação do Projeto:

A população será constituída por idosos, conforme a classificação do Estatuto do Idoso (Lei nº. 10.741 de 1º de outubro de 2003), de ambos os sexos, que residem no município de São Gotardo - Minas Gerais, idosos e que possuam acesso a redes digitais.

Objetivo da Pesquisa:

Identificar e analisar a influência das redes sociais digitais na qualidade de vida e nas relações familiares e sociais de idosos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos dessa pesquisa estão relacionados ao desconforto e a inibição em prestar as informações solicitadas e os benefícios são indiretos: contribuir para os estudos sobre os idosos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas orientadas em um roteiro semiestruturado, que serão gravadas e, posteriormente, transcritas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador apresentar:

- Folha de rosto

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-000
UF: MG Município: VIÇOSA
Telefone: (31)3600-2402 E-mail: cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 1.021.044

- Formulário online
- Cronograma
- Roteiro
- Projeto
- TCLE

Considerações sobre os termos: Apresentados conforme exigências da Resolução 466/2012.

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o Início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PE_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_792831.pdf	05/10/2016 19:38:12		Aceito
Outros	Roteiro.pdf	05/10/2016 19:37:36	MICHELLE CRISTINA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	18/09/2016 14:10:08	MICHELLE CRISTINA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto.pdf	18/09/2016 13:58:36	MICHELLE CRISTINA	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
 Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900
 UF: MG Município: VIÇOSA
 Telefone: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br

Continuação do Parecer: 1.021.544

Investigador	Projeto.pdf	18/09/2016 13:58:36	MICHELLE CRISTINA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	18/09/2016 13:53:28	MICHELLE CRISTINA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	18/09/2016 13:53:16	MICHELLE CRISTINA	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE.pdf	18/09/2016 13:52:31	MICHELLE CRISTINA FERREIRA	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

VICOSA, 15 de Novembro de 2016

Assinado por:
HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

APÊNDICE A – TCLE

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa intitulada “Idosos internautas: A influência das redes sociais digitais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais ” desenvolvida pela mestrandia Michelle Cristina Ferreira, aluna do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Economia Doméstica da UFV, sob a orientação da Professora Karla Maria Damiano Teixeira, professora do Departamento mencionado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso haja dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Tanto a mestrandia como a orientadora podem ser contactadas a qualquer momento por meio dos telefones e e-mails que constam no final deste Termo.

Afirmo que aceitei participar da pesquisa por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus, com a finalidade de colaborar para o trabalho e para elaboração da dissertação de mestrado e artigos para divulgação em publicações e encontros acadêmico-científicos como ainda, contribuir para a produção do conhecimento científico e melhor compreensão do fenômeno pesquisado. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos da pesquisa que, em busca identificar e analisar a influência das redes sociais digitais (RDS) na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais de idosos. Este estudo se justifica, uma vez que são poucos estudos têm trabalhado a influência das RDS nos relacionamentos familiares e sociais e na qualidade de vida de idosos. A população idosa pode se beneficiar do uso das RDS pela potencialização de comunicação, visando alcançar informações que são solicitadas e compreendidas sem a necessidade de custo financeiro elevado e locomoção física, estimulando suas atividades mentais além de contribuir para futuras pesquisas nesta área.

Minha colaboração se fará por meio da participação em entrevista semiestruturada em forma de conversa e registro das assertivas ocorridas durante a entrevista. Minha participação será de forma anônima para preservar minha identidade, não sendo divulgados dados pessoais ou qualquer tipo de informação sem meu consentimento prévio. A entrevista será previamente agendada em horário e local que eu considerar mais adequado de acordo com a minha disponibilidade no momento, podendo decidir se será ou não gravada, sendo que nesse caso, as informações serão anotadas pela pesquisadora e lidas para o (a) entrevistado (a) verificar a veracidade das anotações.

Fui informado (a) também que os riscos dessa pesquisa estão relacionados ao desconforto e a inibição em prestar as informações solicitadas, e que nesse caso, poderei me negar a dar qualquer tipo de informação que me constranja ou mesmo desistir da pesquisa à qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo. Durante a pesquisa terei toda liberdade de fazer qualquer pergunta ou questionamento relacionado à pesquisa. Fui esclarecido (a) que para obter informações e no caso de irregularidades éticas durante a pesquisa poderei entrar em com como Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa-MG- CEP/UFV no seguinte endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, telefone 3899-2492, correio eletrônico: cep@ufv.br.

Declaro que entendi as informações contidas nesse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que fui informado (a) que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) de acordo com a Resolução CNS 466/2012. Declaro que recebi uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim, pela orientadora e pela pesquisadora e responsável.

Assinatura do (a) Participante

Michelle Cristina Ferreira
Telefone: (34) 9 9903 5189
E-mail: michellecfadm@gmail.com

Karla Maria Damiano Teixeira
Telefone: (31) 3899-1635
E-mail: kdamiano@ufv.br